Revista da Semana

ANNO XXVIII -- N. 16 9 de Abril de 1927

CONGOLEUM
SELLO DE OURO
GARANTIA
SATISFAÇÃO GARANTIDA OU
DEVOLUÇÃO DO SEU DINHEIRO
TIRE O SELLO COM UM
PANNO HUMIDO.

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII | Rio de Janeiro, 9 de Abril de 1927 | NUMERO 16

Entre os suicidas desta semana — só os jornaes de hoje nos offerecem tres — fortemente se destaca, pela originalidade, um enforcado do morro do Pinto. Não que a imaginação do homem ou o seu desejo de dar na vista depois de morto lhe inspirassem qualquer nova particularidade a introduzir nos processos antigos de enforcamento... Nem por sombras. Mariano muniu-se muito simples e banalmente dum pedaço de corda, atou uma das extremidades á bandeira duma porta, fez na outra extremidade um nó corredio, passou o pescoço, pendurou-se... e ahi está. Por isso, não forneceu coisa alguma aos reporters, nem campo para a sua actividade nem pretexto para o seu estylo; cometteu um acto de desespero inteiramente destituido de sensação; suicidou-se emfim... como qualquer de nós. E assim não podia ter o que se chama "uma boa imprensa" nem, de qualquer modo, interessar ao publico.

Entretanto, se as condições exteriores de tal suicidio se annullaram na banalidade, já o motivo, encarado de certa maneira e estabelecidas com elle certas relações capitaes, teria proporcionado aos jornalistas o assumpto mais captivante... Por que decidiu Mariano dar cabo de si? "Difficuldades de vida", respondem todas as noticias. E então? Vê-se isso todos os dias. Nesta terra essencialmente amorosa e gastadora, os suicidas obedecem, em geral, a uma das duas causas: paixão mal correspondida ou mal provida algibeira. Portanto, Mariano entrou para uma dessas vastissimas categorias e justo era que nella se perdesse entre milhares doutros individuos, lamentaveis sem duvida no seu infortunio mas, como objectos de reflexão, absolutamente insignificantes...

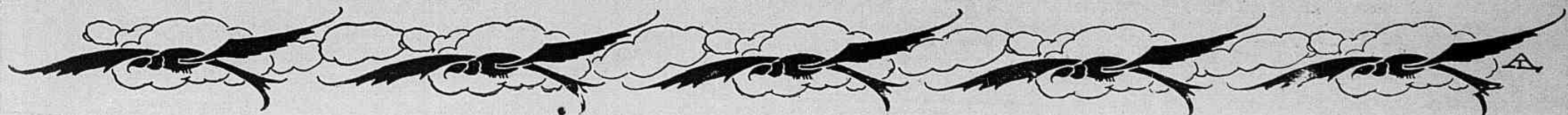
Assim é, com effeito... em principio. Considerado simples suicida por atrazos materiaes, Mariano desapparece num oceano de vulgaridade. Para que, no emtanto o seu caso se distinga, se notabilise, basta attendermos a uma circumstancia: o modo de vida de Mariano. Mariano vivia de pedir esmola. Ora, convenha-se, é a primeira vez que, no Rio de Janeiro, um mendigo se mata por semelhante razão. E quem sabe se, de facto, não houve engano da policia, da imprensa — ou do proprio suicida?

Consultemos as estatisticas locaes da morte voluntaria. Ahi se encontram dados variadissimos, sobretudo quanto á condição social dos individuos em questão. Enfileirados no seu desespero, passam as personagens mais dignas e os mais refinados malandrins. Tão diversas são as suas figuras e tanto se afastam no seu relevo moral que nem a morte para que caminham os poderá irmanar ou confundir. Uns se impoem pela nobreza do gesto fatal, outros se amesquinham, se degradam e chegam a tornar-se revoltantes ou burlescos; neste, se estampa o odio dos que resolveram morrer por não poderem matar; naquelle se vinca a amargura da lucta até á ultima, contra um destino incombativel; e aquelloutro vae sereno, suave, numa especie de resignação... Ha entre elles heroes resplandecentes e os mais rematados typos de covardia; nomes respeitabilissimos e sordidas alcunhas. De tudo. E ainda na parte dos que fugiram á vida por falta de recursos pecuniarios entra um pouco de tudo. Só não entram mendigos. Nem meio!

Não: os mendigos cariocas podem perder a paciencia de viver por qualquer razão, menos essa. A hypothese da falta de recursos está forçosamente banida da sua existencia. Contam-se ás centenas os que têm feito fortuna; nunca se descobriu um propriamente reduzido á miseria. O suicidio por falta de dinheiro é para a gente chamada "de dinheiro". São os negociantes que, de repente, não podem pagar uma letra; os jovens herdeiros que derreteram a prata final do troco da ultima nota de cem mil réis; os jogadores que, tendo ganho fortunas, uma bella noite não tiveram com quem jogar — sob palavra; os grandes artistas a quem subitamente se apagou o genio; as grandes cocottes, em quem, num relampago, se extinguiu a belleza... São esses e outros grandes ganhadores, grandes gastadores de dinheiro que por elle penam e por elle succumbem. O mendigo, por mais dinheiro que o mister lhe renda, está garantido contra surprezas desastrosas... E' de certo, numa sociedade civilizada, o unico individuo que despende apenas quanto quer. O seu orçamento está, portanto, mais que equilibrado, com o *superavit* mais que assegurado. A exiguidade das suas despesas faz com que elle, por assim dizer, só tenha receita. E que receita! Em outras terras ella escasseará, atravessará ingratas epocas; no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, assume sempre as maiores proporções, porque toda a gente dá, sem olhar a quem. Ha quantos annos se falla por ahi em crise... Todas as classes se queixam da longa, tremenda crise... A apostar, porém, que nenhum pedinte ainda deu por ella?

E só Mariano, depois de adoptar francamente a carreira de mendigo, havia de cahir na indigencia? Só elle deixaria de viver muito mais folgadamente do que a maior parte dos seus bemfeitores? Só elle não viria a possuir apolices e predios, á custa de innumeras almas caridosas que continuariam a endividar-se e a gemer sob o peso dos alugueis? Só elle, emfim, na situação de pobre, não estaria, mais que em qualquer outra, habilitado a enriquecer? Aqui ha mysterio... Não podemos deixar de recordar, a proposito desse mendigo enigmatico, os seus variados collegas de classe: os enfermos e aleijados, exhibindo o braço chaguento á porta dos restaurantes ou atravancando, com a perna dura, o passeio das ruas centraes; a mulher de preto com um filho ao collo e dois agarrados á saia; o velho hirsuto, de chapeirão e cajado biblico; o farroupilha, encostado ao poste electrico, tartamudeante, de nariz esbrazeado, tresandando a cachaça... E isto sem fallar da immensa legião dos que, não querendo passar por mendigos, preferem ser denominados "mordedores". Pois bem, a nenhum d'esses exemplares conhecidos poderiamos equiparar o pobre Mariano, porque a sua penuria de todos o separa evidente, vehemente, escandalosamente. Não ha meio de o incluirmos na classe, de o conciliarmos com o mister. Fica, pois, á parte, isolado e por isso mesmo mysterioso. Pendurado duma corda reles, á porta dum casebre do morro do Pinto, elle se acha psychologica e socialmente a mil leguas do seu meio, dos principios e costumes dos seus concidadãos. Reveste-se dum exotismo que attinge a irrealidade e cae em pleno absurdo. A gente o observa sem o comprehender e é, na verdade, como se o olhasse sem o ver.

E, afinal, talvez tudo se resuma a uma simples circumstancia, frequente em outros profissionaes e possivel, em todo o caso, num mendigo: a falta de vocação. Não ha mister, por mais facil, que não tenha os seus incapazes, os seus refractarios. A hypothese repugna; mas que remedio senão acceital-a, se unica? Mariano, o pobre Mariano... não sabia pedir. Nestes tempos e nesta terra, é o assombro dos assombros — e no emtanto deve ser a pura verdade. Não sabia pedir e por isso se matou. Naturalmente!

João Luso.

A primeira entrevista

Conto de Adrien Vély

HEGOU o dia marcado para a primeira entrevista de Jorge La Brigue com a senhorinha Suzana Olivet. Dessa entrevista dependiam os projectos de casamento formados por uma roda de amigos communs. Os dois jovens só se conheciam por photographias, transmittidas a titulo de amostra... Suzana sabia que Jorge era um brilhante architecto; Jorge sabia que Suzana era orphã de pae e mãe e vivia com seu tio, o general Olivet, impaciente por se livrar daquelle deposito sagrado, sem duvida, mas nem por isso menos embaraçoso. Só faltava pôr os dois moços em presença um do outro, para ver se nada se oppunha a que elles se tornassem a encontrar...

Jorge acordou possuido duma emoção que toda a gente comprehenderá. Quando chega o momento de uma pessoa jogar o seu destino, quem deixa de experimentar certo desassocego e ansiedade?

Quando, porém, Jorge abriu a boca para dar uma ordem ao creado, a sua ansiedade converteu-se em verdadeira angustia. O creado ficou de boca aberta — e o proprio Jorge tambem, pois notara que tinha perdido a voz. Não lhe sahia da garganta o menor som. Era a rouquidão completa, absoluta; a fatal, desesperadora aphonia.

Como teria elle arranjado aquillo? Não se

lembrava de haver apanhado frio, comettido qualquer imprudencia... Ainda na vespera, antes de se deitar, cantara alegremente e com perfeita facilidade as musicas em voga... E de repente alli estava elle, quasi mudo!

Decididamente as suas condições não o favoreciam para a conversação aprazada, com o general Olivet e sua sobrinha. Mas, tambem, cumo deixar de comparecer á entrevista? A que pretexto? Jorge La Brigue reflectiu que o melhor, o mais delicado era ir ter com o general, explicar-lhe as circumstancias do momento e combinar emfim com elle o dia do novo encontro.

***

O general Olivet recebeu-o no seu gabinete com a melhor affabilidade:

— Como vae, meu caro sr. La Brigue? disse elle, estendendo ao rapaz ambas as mãos. — Chega um pouco adeantado, creio eu. Mas essa pressa absolutamente me não desagrada. Ao contrario!

— Meu general... respondeu Jorge, numa voz quasi inintelligivel. — Acontece-me uma desgraça... Lamento immensamente... Mas o senhor bem deve comprehender que, nestas condições, me era completamente impossivel...

O general, que não ouvira uma só palavra, interrompeu-o com uma vivacidade cheia de sympathia:

— Já sei... A timidez embarga-lhe a voz... Pois não imagina como aprecio a timidez nos rapazes! E' sempre bom signal. E é um ponto a seu favor. Não levante a voz, mais do que isso, em presença da minha sobrinha... Tenho certeza de que lhe vae agradar assim. O que é preciso é que o senhor lhe desculpe... lhe desculpe

uma coisa que... emfim o senhor já vae ver o que é. Entre para esta sala. Vou buscar minha sobrinha.

O rapaz, meio tonto, incapaz de se fazer ouvir sob aquella torrente de palavras, deixou-se empurrar para a sala. E alguns segundos depois voltava o general, trazendo pela mão a senhorinha Suzana, linda e graciosa como os amores.

— Parece-me inutil, declarou elle com bonhomia, perder tempo em apresentações... E uma vez que se aproximaram...

Nesta altura interrompeu-o um immenso espirro que a moça quiz conter e não poude.

— Coitada, logo hoje! proseguiu o general.

— Mas o sr. La Brigue desculpa, não é verdade? Minha sobrinha, que até hontem passava ás mil maravilhas, acordou esta manhã com um defluxo formidavel. Eu até lhe ía mandar um telegramma, meu caro La Brigue, pedindo-lhe que transferisse esta visita... A sua adoravel precipitação em se apresentar aqui em casa é que me não deu tempo... Mas emfim, quem não sabe o que é um resfriado? E quem os não apanha, de vez em quando? Ao demais, francamente, este pequenino desastre não deixa de ter certa vantagem...

Graças ao defluxo de Suzana, eu os posso deixar sózinhos, porque tenho certeza de que hão de guardar as distancias... Está bem, não digam mais nada! Eu volto já!

O general sahiu, esfregando as mãos de contente e deixando os dois jovens sentados frente a frente, mas afastados e bastante embaraçados. Suzana abriu a boca...mas para espirrar dez vezes seguidas. Jorge abriu a sua, querendo exprimir como lamentava aquella indisposição... e acrescentar alguns galanteios de etiqueta. A sua boca não fez, porém, ouvir o menor som. O rapaz então tratou de explicar, por signaes, a deploravel situação em que se encontrava. Suzana tentava comprehender, espirrando e assoando-se a cada momento. Os seus olhares encontraram-se. Ambos começaram por sorrir levemente, depois mais alegremente — até que desataram francamente a rir. E acabaram, de commum accordo, por se aproximar.

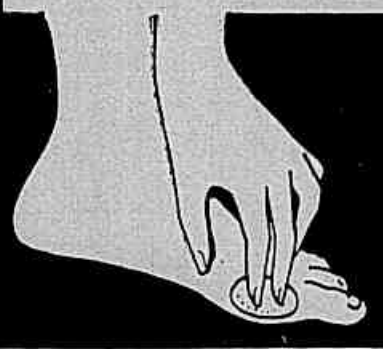
***

Meia hora depois, o general voltou ao salão — e encontrou Suzana e Jorge sentados nos mesmos logares onde os deixara. Mas Suzana estava de olhos baixos e vermelha como uma romã...

— Então, meninos, preguntou o general, como vae isso?

Jorge abriu a boca, para responder conforme pudesse... Mas, de repente, soltou um espirro formidavel. O general olhou-o com um sorriso finorio, olhou depois Suzana cada vez mais emocionada e voltando a Jorge:

— Pois, meu caro, vejo com grande prazer que a timidez o não impede de apanhar constipações. E agora, se me não volta aqui amanhã com um annel de noivado, corto-lhe as orelhas, hein? Corto-lhe as orelhas!

Os contadores de 1926 da Academia de Commercio de Guaxupé.
Photo Douat & Filhos — Alfenas.

A "LEI SECCA" EM NEW-YORK

O escriptor inglez Graham, que recentemente visitou Nova York, assegura, num artigo de jornal, que naquella cidade se pode beber toda a sorte de vinhos e licores espirituosos. Para vender essas bebidas existem na grande metropole innumeros bars secretos — que de secretos nada teem.

Conta o escriptor que se achava num desses estabelecimentos quando houve aviso da chegada da policia. Apagaram-se as luzes e a freguezia começou a sahir tranquillamente por uma porta dos fundos — emquanto o dono da casa annunciava, gritando:

— Dentro de meia hora, abriremos outra vez!

MICHELIN
B. Q. I

CASAMENTOS NO ALTO MAR

Casar no mar alto tinha-se tornado para os Norte-Americanos uma especie de moda. Era tambem o melhor meio de evitar uma série de formalidades, convites, visitas etc. Os noivos iam ter com o capitão do navio, pediam-lhe que assumisse, por alguns momentos, as funcções de pastor protestante — e não era preciso mais nada. O commandante de bordo lia uma passagem da Biblia e em seguida unia os noivos pelos laços matrimoniaes por meio da formula seguinte:

"Em virtude da autoridade que me assiste na qualidade de commandante e baseando-me nas leis em vigor a bordo dos navios no mar alto, eu vos declaro marido e mulher".

A ceremonia terminava com algumas taças de champagne. Mas de tal modo essas formalidades se foram simplificando, que o numero dos casamentos effectuados a bordo dos transatlanticos augmentava contínua e progressivamente. A frequencia de taes uniões acabou por chamar a attenção do governo dos Estados Unidos; e o secretario de Estado da Marinha Mercante acaba de avisar, por circular, os capitães de navio de que não estão absolutamente autorisados a celebrar casamentos no mar alto.

A senhorinha Jancyra Monteiro e o sr. Artenor L. de Carvalho, no dia do seu enlace, realizado em Juiz de Fóra.

Progresso E Approvação

O anno de 1926 assignala-se para a casa Dodge Brothers, Inc., como periodo de inaudito progresso e fortuna.

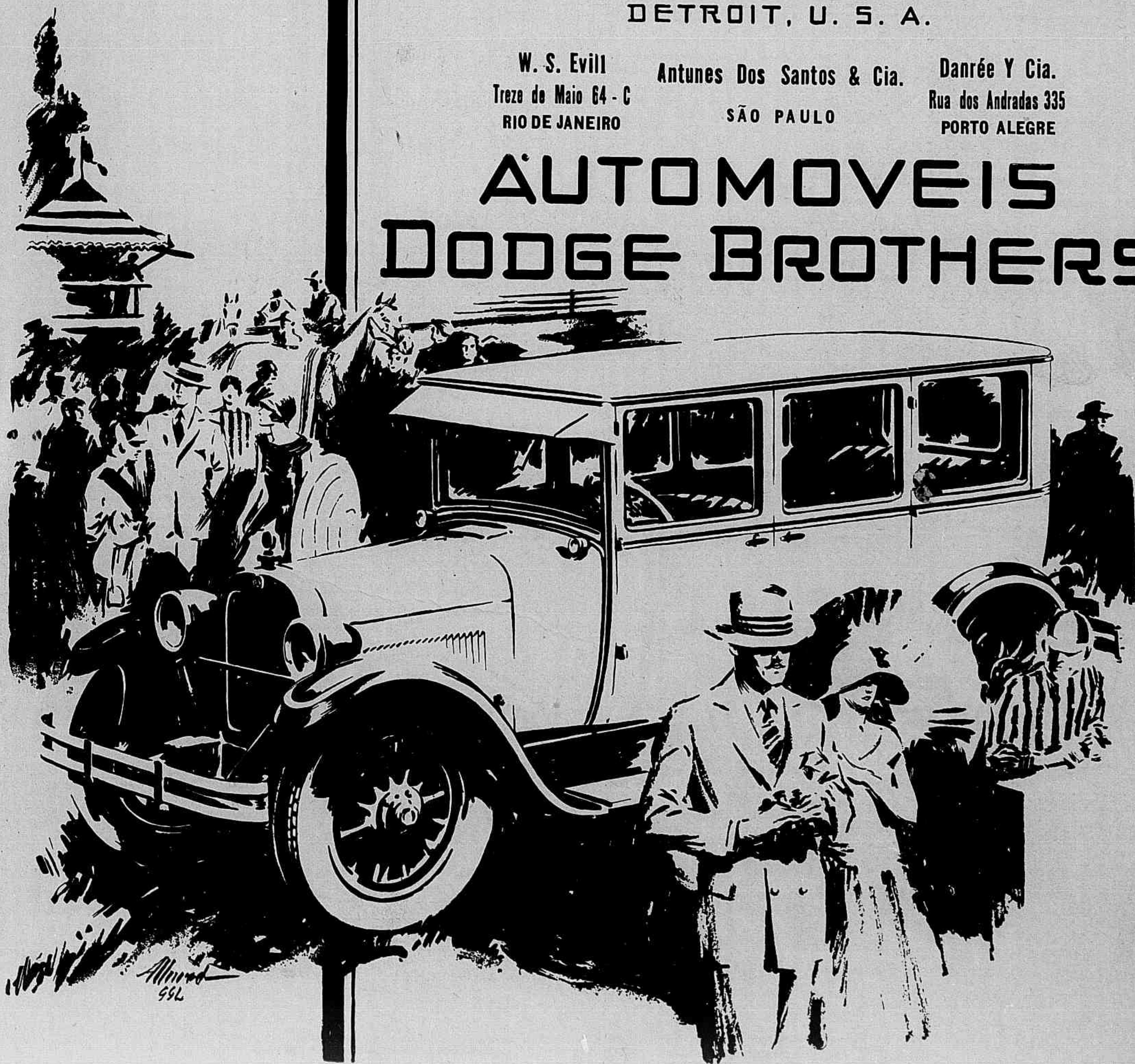
As vendas de automoveis Dodge Brothers attingiram em 1925 o numero total de 260.000. Em 1926 foram vendidos 330.000 automoveis—um augmento de 70.000 carros.

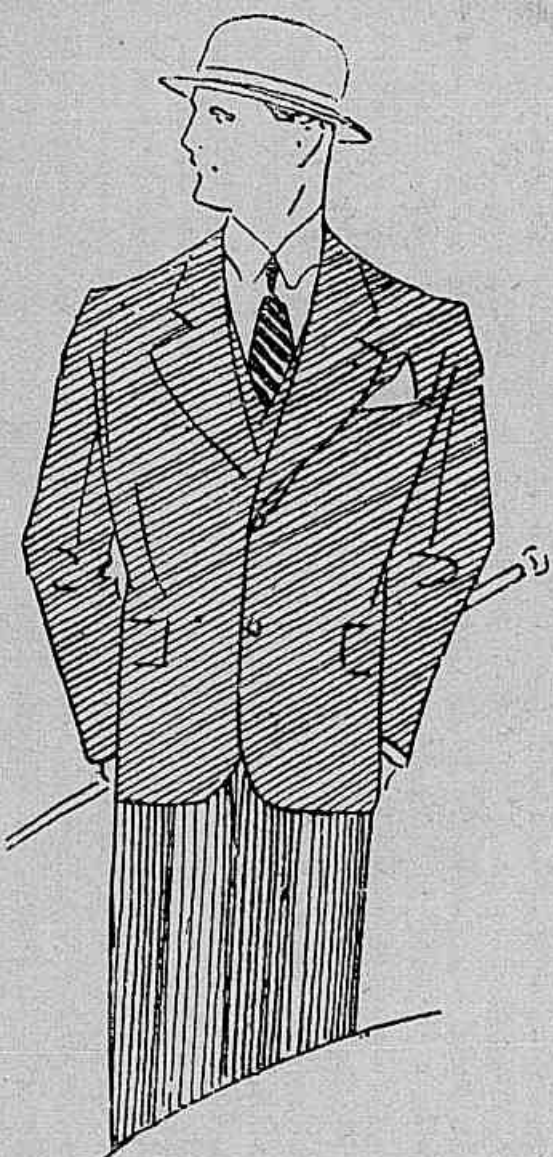
Foram conseguidos novos triumphos no campo technico pela introducção de primorosos aperfeiçoamentos desde o começo do anno.

Nunca os automoveis Dodge Brothers se impuzeram tão decisivamente ao favor publico. Nunca foram tão dignos do favor com que o publico consagra os seus meritos.

DODGE BROTHERS, INC.
DETROIT, U. S. A.

W. S. Evill Treze de Maio 64 - C RIO DE JANEIRO	Antunes Dos Santos & Cia. SÃO PAULO	Danrée Y Cia. Rua dos Andradas 335 PORTO ALEGRE

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

Os trucs da elegancia

Não raro o homem desejoso de sahir de seus velhos habitos para, de quando em vez, vestir-se com apuro durante o dia,

buscando assim uma variante para a sua eterna roupa de trabalho, pertence ao numero daquelles que vêem uma manifestação de grande luxo e mesmo de esbanjamento no vestir um terno "extra" nessas talvez rarissimas occasiões. E' sempre um prazer para esta secção o fazer as suggestões que possa no tocante á economia, o que torna possivel, a um homem em tal situação, cumprir o seu desejo com um minimo de despesas.

Um dessas suggestões se refere ao terno chamado "De côrte de appellação", que tirou seu nome do facto de ser elle usado em Londres por advogados quando defendem causas importantes. Consta de um casaco cinzento de *oxford*, calças cinzentas listadas, camisa branca pregueada, collarinho de pontas viradas, gravata "borboleta" preto e branco, sapatos pretos, polainas e cache-col.

Já está, por certo, o leitor a perguntar de sim comsigo onde está ahi a economia, uma vez que se trata de um vestuario completo e especial. Não é, entretanto, assim. Póde usar-se esse traje semi-ceremonioso gastando apenas a importancia das calças listadas, que não monta a grande coisa, pois tudo quanto ha a fazer é comprar um terno cinzento de *oxford* commum, que pode ser usado no trabalho e, quando se quizer um terno semi-cerimonioso, é só substituir as calças.

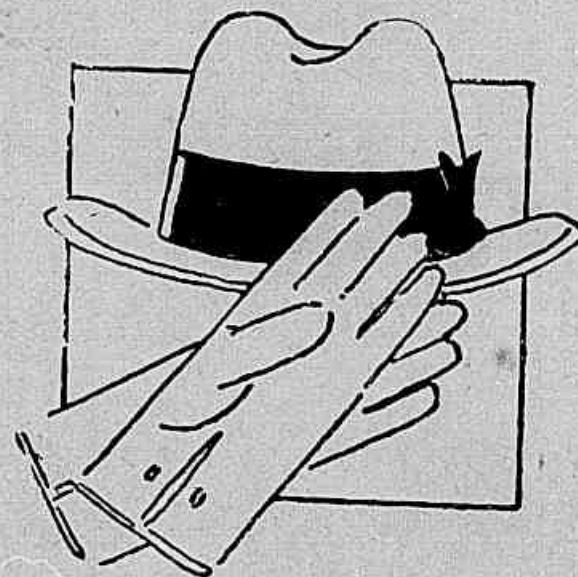
Roupas brancas

A primavera promette trazer comsigo toda uma serie de novidades para vestuario. Ha qualquer cousa de novo reservada ao publico pelos fabricantes de roupas brancas. Ainda não vi essas novidades, porém já ouvi falar dellas e, ao que se me afigura, são novidades reaes. Ainda não ha no mercado, mas se algum dia o leitor passar pela camisaria de sua clientela e ahi vir no balcão ou na vitrina certas roupas brancas de tecido de tricot com modelo todo de côr, lembre-se de que o rabiscador destas linhas lhe annunciou a proxima chegada.

A idéa consiste em um desenho de côres sobre um fundo liso de tricot. Isso está em perfeita harmonia com a tendencia geral nas roupas brancas para homens nestes ultimos tempos em que se observa uma exuberancia de côres. Se não nos acautelarmos, breve elles acabarão pondo rendas nas camisas e cuecas. Entretanto, no entender desta secção, em que sejam de côr as cuecas não ha maior mal do que em no serem os pyjamas.

E' por isso que aconselhamos aquelles que sentem nas veias um sangue primaveril a borbulhar e a ferver a que sigam para a frente e usem as suas cuecas da côr azul do céu ou da côr verde do Nilo. E quem se interessa pelo tricot em roupas de baixo que aguarde anciosamente a chegada desse novo modelo á sua cidade ou á camisaria de sua freguezia.

O chapéo e as luvas

E', singular como um simples e ligeiro detalhe causa, ás vezes, accentuada differença no vestuario. A combinação, por

exemplo, de um chapéo de côr clara com luvas muito mais escuras não é lá muito elegante, ao passo que um chapéo levemente escuro combinando com luvas mais claras nada deixa a desejar.

Consegue-se um effeito especialmente elegante, quando as luvas e o chapéo são mais ou menos do mesmo tom. Por exemplo, sendo o chapéo pardo claro, as luvas devem ser de côr aproximada, de tom tão ou mais claro. Luvas cinzento-claro com chapéo pardo-claro não seria uma bôa combinação. Mas, com um chapéo cinzento-claro, as luvas cinzento-claro são as indicadas. Com um chapéo cinzento-escuro, as luvas cinzento-claro ou cinzento-escuro devem formar uma combinação melhor do que as luvas côr de couro, emquanto que, com chapéus pardo-escuro, quaesquer das luvas, côr de couro, claras ou escuras, quer de pellica, quer de camurça, ficam bem.

Peter Greig

(Serviço do Bell Features Syndicate Inc.)

PENALIDADE PRATICA

As autoridades mexicanas surprehenderam em flagrante quatro homens que destruiam o leito da estrada de ferro de Torreon a Durango.

Presos, os malfeitores foram obrigados a concertar os estragos que tinham causado; e deu-lhes enorme trabalho pôr tudo outra vez como estava. Por fim, consolaram-se desse labor esforçado, penosissimo — como todos as tarefas em que o capataz é a policia — por entenderem que sem duvida elle lhes evitaria mais grave condemnação.

Mas o concerto da linha constituia apenas uma penalidade preliminar... E mal haviam terminado o trabalho foram os quatro homens, alli mesmo, fuzilados.

O MARIDO IDEAL DAS JAPONEZAS

Conforme o resultado dum questionario organizado por uma revista japoneza, o homem digno de ser amado deve reunir dezesete qualidades que vêm a ser as seguintes:

1 — Não ser avarento;
2 — Não se occupar exageradamente da sua toilette;
3 — Não ser amavel de mais com as mulheres;
4 — Exprimir-se sempre com lealdade e claramente;
5 — Ter aspecto varonil;
6 — Ser rapido e firme nas suas decisões;
7 — Ter um ideal;
8 — Deixar á esposa a administração de todas as despezas domesticas;
9 — Não entrar nunca na cozinha;
10 — Não criticar nunca o penteado ou o vestido da mulher;
11 — Não perder tempo contando á mulher os seus negocios particulares;
12 — Não se imiscuir em assumptos femininos;
13 — Não se tornar, em circumstancia alguma, incommodo ou enfadonho para sua mulher;
14 — Ser compassivo;
15 — Não se entregar frequentemente a libações de saké (aguardente de arroz);
16 — Não ser presumpçoso;
17 — Não ter ciumes.

A menina Alice de Oliveira Muylaert, que acaba de concluir o curso de theoria e solfejo no Instituto Nacional de Musica

— Cá está ella! A senhora desculpe. E' uma doida que fugiu do Hospicio!

E vestindo-lhe a camisa de força levam a mulher, que estrebucha, aos gritos.

UM EX-IMPERADOR RESIGNADO

Está visto que não é do ex-imperador da Allemanha que se trata. O monarcha deposto em questão é o da China, Hsuan Tung.

Este jovem ex-soberano que reside na concessão japoneza de Tien-Tsin, convidou numerosas personagens para a festa do seu 19° anniversario, celebrado o mez passado; e foi durante essa festa que elle declarou não ter a menor pretensão ou desejo de voltar ao throno. No seu entender, a monarchia tornou-se absolutamente impossivel na China.

A CRIADA IDEAL

Duma revista humoristica traduzimos mais ou menos livremente este episodio caseiro:

— Sabe cozinhar?

— Sim, minha senhora.

— E lavar?

— Tambem.

— Quantos dias de folga precisa por mez, para passear?

— Nenhum.

— Nem aos domingos?

— Nem aos domingos.

— Quantas vezes lava e esfrega a cozinha por semana?

— Tres vezes.

— E quantas encera o soalho?

— Todos os dias.

— Gosta de creanças?

— Adoro-as.

— Quanto tempo esteve na ultima casa?

— Seis annos.

— E por que deixou esse emprego?

— Porque os patrões foram para a Europa.

— Tem noivo?

— Não, minha senhora.

— Qual é o seu ordenado?

— Cincoenta mil réis.

Nisto, rompem pela sala dois homens...

BONS CONSELHOS

Um taberneiro das visinhanças de Riberac pregou numa parede do estabelecimento este letreiro:

"Freguez, considera que: Quatro copos fazem um litro e dois litros uma rodada.

Duas rodadas fazem um desacordo e um desacordo uma discussão;

Da discussão resulta uma briga e da briga dois gendarmes;

Um juiz, um escrivão e um official de diligencias compoem uma multa ou alguns dias de prisão, além das custas:

Dito isto, senta-te, bebe moderadamente; paga honradamente; vae-te satisfeitamente e volta para casa socegadamente.

DEPOIS DO CHARLESTON

Passada a febre do charleston, dansar-se-ha provavelmente na America do Norte o "jeebie hebies" que, segundo dizem, é uma dansa ainda mais sensacional.

Trata-se de uma dansa selvagem — naturalmente! — parecida ao extremo com a antiga dansa de guerra dos Pelles Vermelhaas. As suas seis figuras principaes representam os movimentos dos feiticeiros quando iam consummar um sacrificio humano.

Teremos o "heebie jeebis" no Rio, no proximo inverno? E' fatal!

A MODA EM SÃO PAULO

A nova séde de "La Saison"

ASPECTO DA GRANDE CASA DE MODAS "LA SAISON" A' RUA DE SÃO BENTO, NA CAPITAL PAULISTA

«Com a recente inauguração dos seus novos magnificos salões, no predio á rua de São Bento n. 20, a grande casa *La Saison* veiu preencher uma lacuna de que a nossa capital se resentia: a creação de um ambiente verdadeiramente fidalgo e artistico, de um ambiente que por sua belleza e elegancia constituisse, á feição de estabelecimentos congeneres da Europa, o local de reunião da elite paulistana, especie de templo da elegancia, da distincção e da Moda, em suas manifestações mais elevadas.

Os proprietarios e directores de *La Saison*, sr. Idylio Muniz e senhora, podem, com justiça, se orgulhar de ter conseguido esse desideratum.

O ELEGANTE E AO MESMO TEMPO DISTINCTO SALÃO DE VENDAS DE "LA SAISON"

De facto, nada mais fino, elegante e requintadamente artistico que esse primoroso "salão de modas", onde são passados em revista os modelos de vestidos, chapeus, luvas e outros accessorios da indumentaria feminina, creados pelos grandes mestres do genero.

Construido, todo elle, em estylo Luiz XVI, com seus lustres de cristal com incrustações de bronze cinzelado, seus paineis decorativos em molduras *beige* e ouro velho, do mais bello effeito, com suas estatuas de marmore e seus tapetes persas, representa este magnifico salão o que de melhor e mais artistico se pode imaginar.

Constitue, assim, si a figura nos é permittida, a perfeita e admiravel moldura a esse quadro de graça e gentileza que é sempre uma reunião de senhoras ou senhorinhas resolvendo sobre a alta e transcendental questão do *Bem Vestir*...

Mas não menores elogios merece, por certo, o amplo salão de vendas a varejo, como tambem as bellissimas *vitrines* da casa.

O salão de vendas, de decoração e mobiliario muito ricos e originaes, constitue o que de mais fino conhecemos no genero.

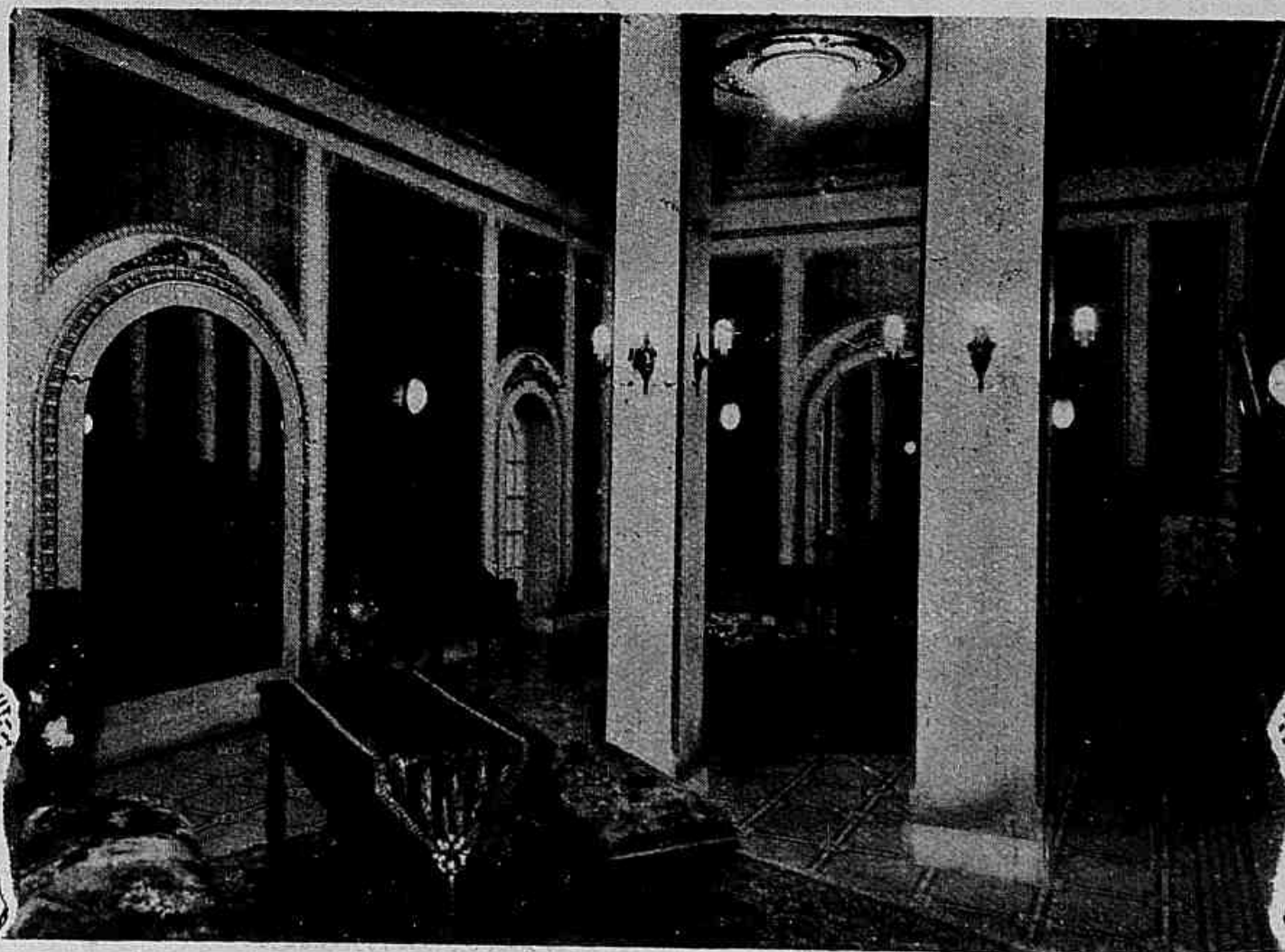
Dada a sumptuosidade, distincção e bom gosto que presidiram ás novas installações de *La Saison*, pode-se affirmar sem exaggero que São Paulo possue hoje, nessa casa, o ambiente de modas mais bello que existe não só no Brasil mas em toda a America do Sul.

Não devemos esquecer nestas notas, todavia, uma parte importantissima: a parte technica e commercial da grande casa, que, para attender cabalmente á sua clientela mantem em Paris um escriptorio especial de compras, secção esta a cargo do habil profissional sr. Manoel Benevides e de sua senhora.

Essa secção, parte importantissima da grande casa, constitue, como é facil de comprehender, um dos factores mais decisivos do seu exito.

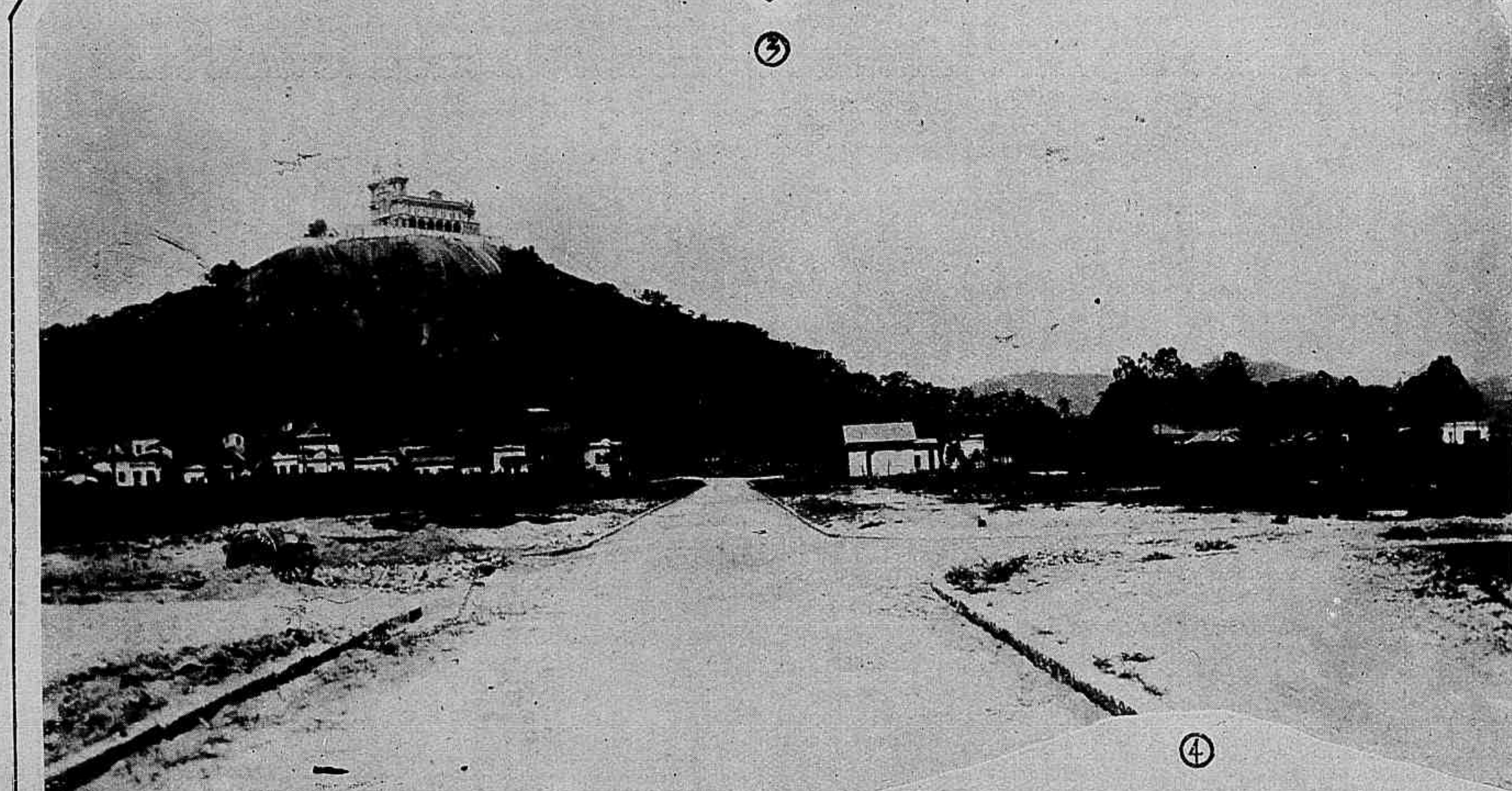
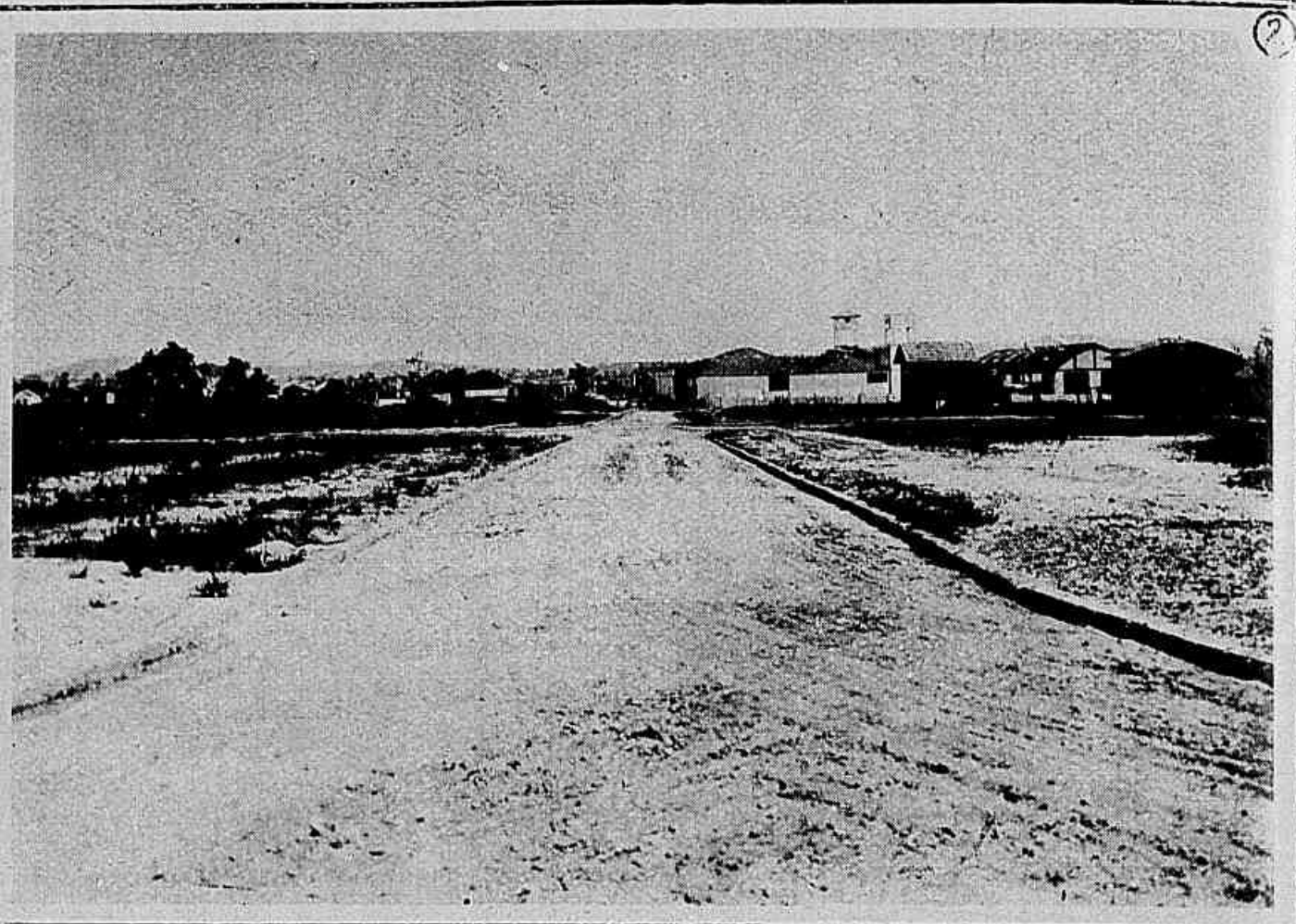
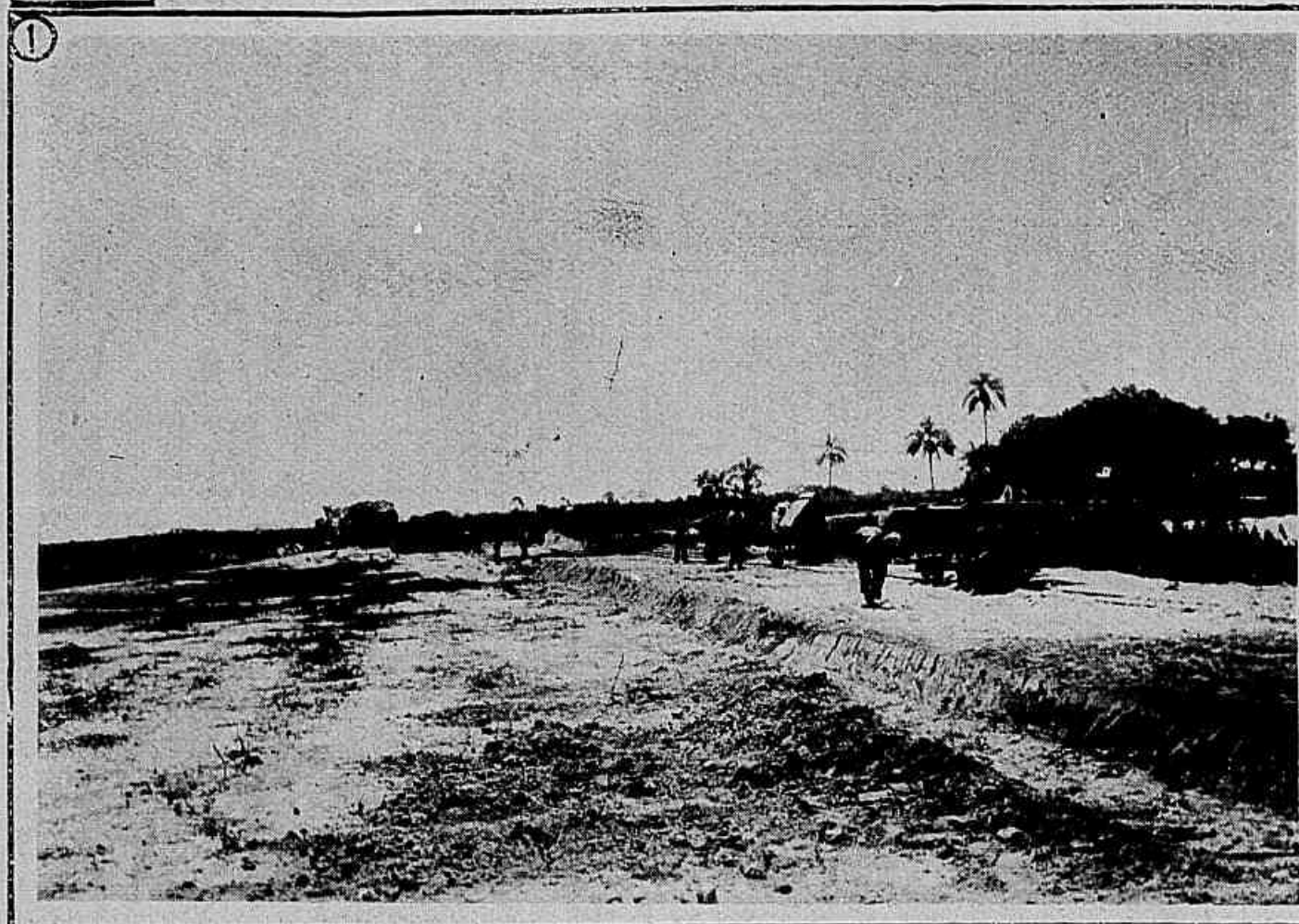
Dada a competencia, e o bom gosto de seu chefe e de Mme. Benevides, sua contribuição no progresso de *La Saison* tem sido de grande relevancia e utilidade.

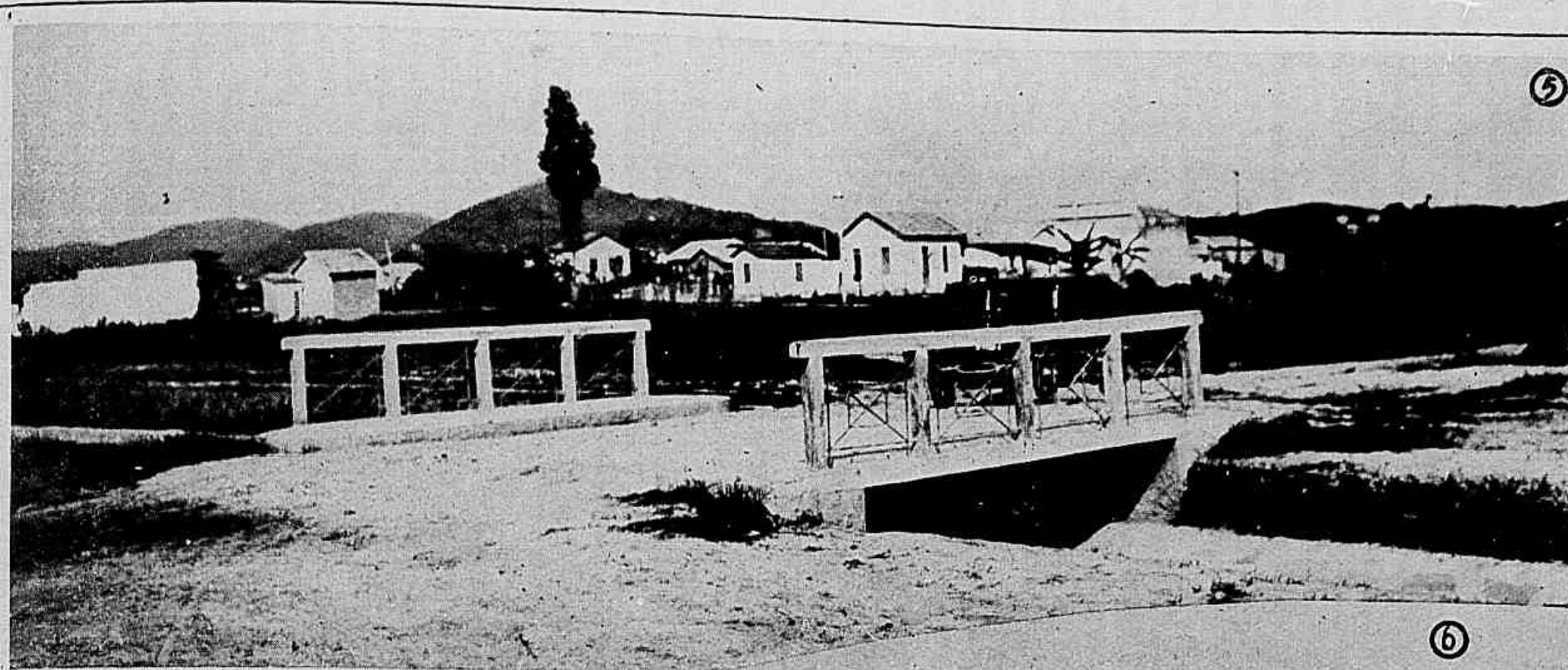
La Saison, cujos modelos, quer em materia de vestidos, quer em chapeus e outros artigos de elegancia, constituem sempre a nota mais alta e original das novas estações, acha-se em contacto directo com os mais famosos creadores parisienses como Bernard, Jean Patou, Lucien Lelong, Worth, Doeuillet etc., no que concerne a vestidos, e com casas como Rose Descat, Levis, Jane Blanchot, Eliane e outras de egual renome, em materia de chapeus.

Temos assim, em nossa capital, um ambiente artistico de modas que pela impeccabilidade de suas installações como pela excellencia e valor dos artigos que apresenta, honra o progresso de São Paulo».

O RICO "SALÃO DE MODAS" DE "LA SAISON" EM ESTYLO LUIZ XVI

(Transcripto de *Ariel*).

A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA HABITAÇÃO

As obras da C.ia Brasileira de Terrenos na Penha

Reproduzimos alguns aspectos das grandes obras que a Cia. Brasileira de Terrenos está executando na Penha. Trata-se, como verão os nossos leitores, do serviço mais completo que já se fez no Rio, e para cuja execução a Companhia não pedio nem obteve favor algum.

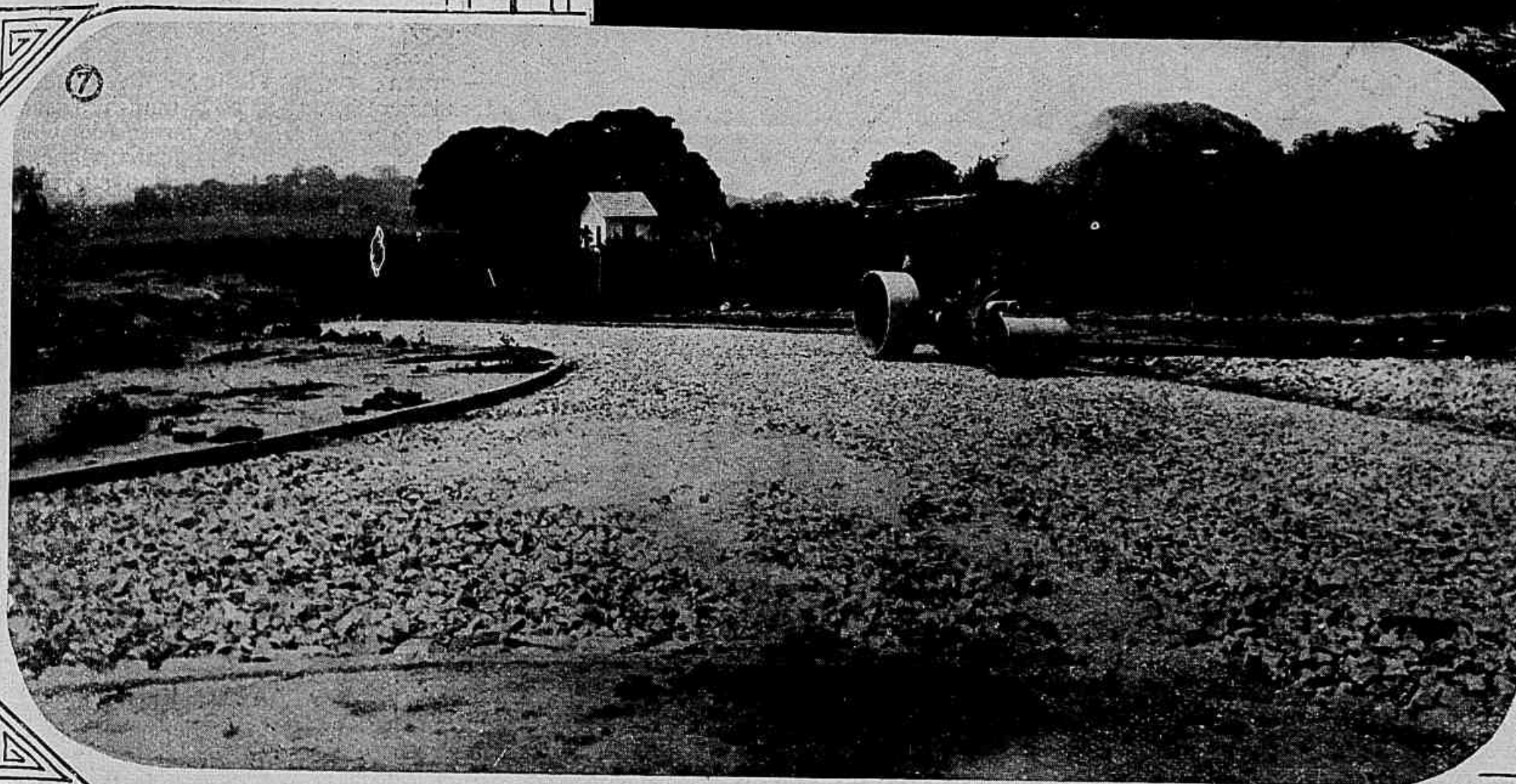
A área assim beneficiada é de 700.000 metros quadrados, e está dividida em 1.500 lotes. Terminadas essas obras, a Cia. pretende construir 500 casas hygienicas e confortaveis, para serem vendidas a prestações.

3.° — Parte da uma rua com 1.000 metros de extensão e 18 metros de largura.

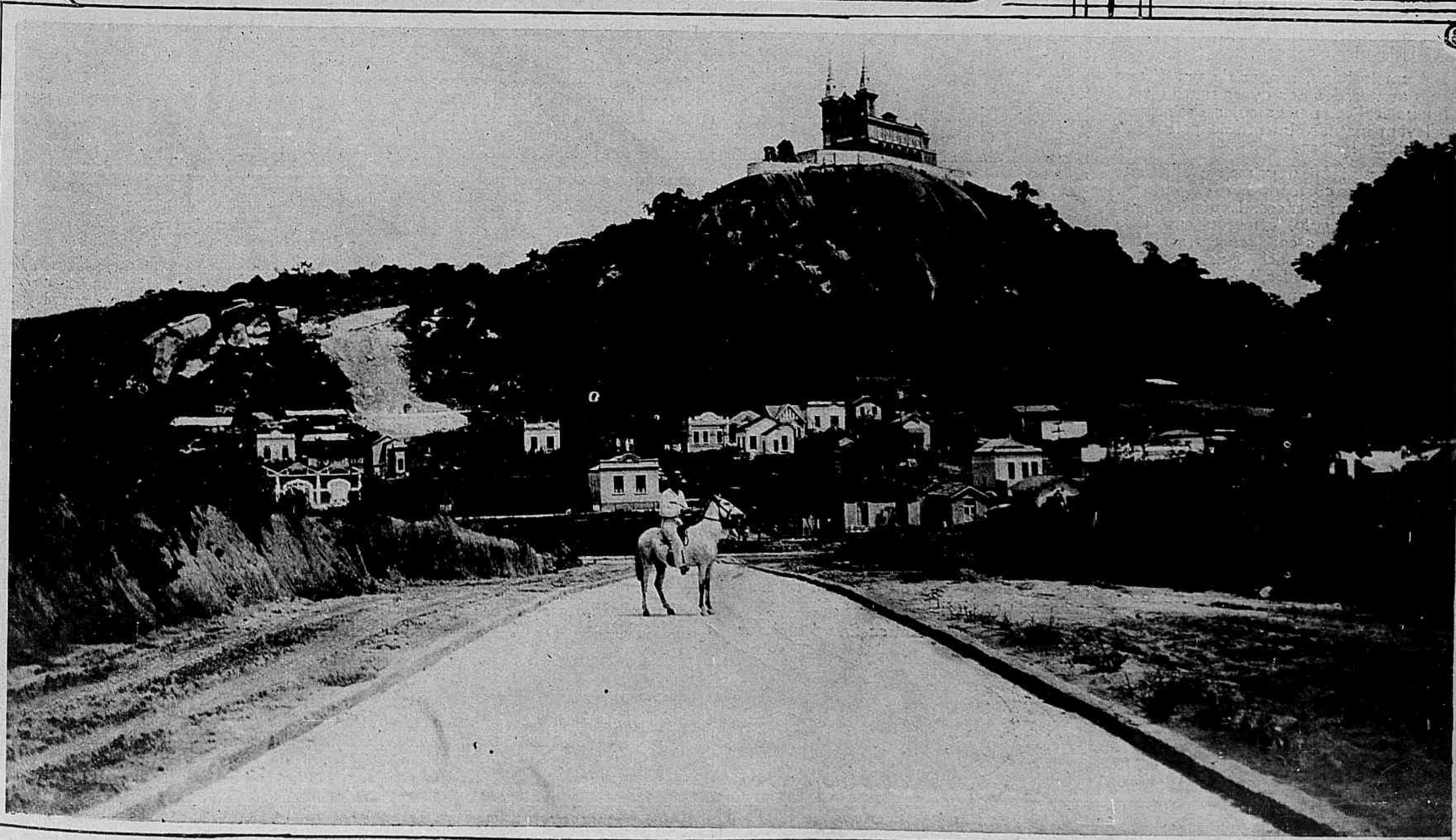
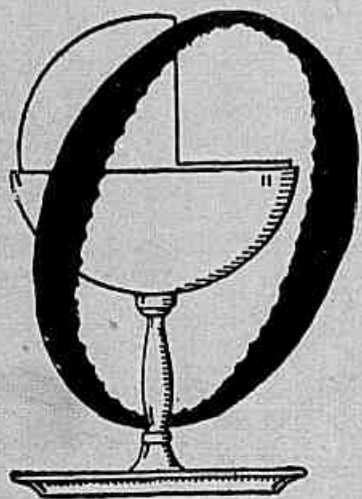
4.° — Canalisação de um rio (800 metros de extensão).

5.° — Ponte em cimento armado.

6.° — Fabrica de couros edificada em terrenos vendidos pela Companhia.

1.° — Serviços de terraplenagem.

2.° — Prolongamento da rua Equador, completamente calçada.

7.° — Um compressor preparando uma rua.

8.° — Uma bella rua já concluida, de onde se vê a encantadora igreja da Penha.

O Rio de Janeiro conhece muito mais o calor do que o frio; súa, não tirita. N'elle o outono e o inverno são nominaes, sem nenhuma das melancolias e das asperezas de taes estações na Europa.

No outono carioca as folhas caem poucas e lentas, não formam tapete amarello aos pés das arvores em desnudez. O inverno de Guanabara é brando, desconhece o tapiz da geada, quanto mais o lençol da neve, a cobrir de mórte tantas regiões alheias.

Ainda agora Abril é verão e atormentanos os poros, pondo em giro os ventiladores, dando movimento aos leques e aos lenços sob o céo de mormaços de cidade tropical que, para refresco, se asphaltou bastante.

No actual Abril encalorado, a desmentir o dito popular — Abril; aguas mil — não ha incongruencia em fallar do sorvete, refrigerio que negado a Tantalo lhe dobraria o supplicio celebre.

Nascendo a cada momento só para derreter-se, o sorvete alveja nas mesas das confeitarias, dos bars, dos cafés, ás vezes os mais modestos, servido em taças de varias formas. A' noite os sorveteiros ambulantes enchem as nossas ruas de pregões altisonos, alguns pernosticos, outros mais chãos, acudindo a innumeros chamados de gente que deseja sorvetear.

Tal verbo o creou Camillo, o summo neologista do vernaculo, nas paginas do *Cancioneiro*, designando os que gastam com sorvetes.

Começou entre nós mais frequente o uso do gelo nos fins da Regencia, a principio pelo uso do gelo natural e depois pelo do artificial, o segundo menos puro porém mais economico e facil do que o primeiro, com honras de viagens e desembarques, umas e outros nem sempre isentos de contratempos.

Escusado será assignalar as bôas vindas do gelo em terra de calores onde antes dos corações já por elle anciavam as boccas seccas.

Do gelo ao sorvete não é grande a distancia na familia dos refrigerantes: um é o pae resistente, o outro o filho desmanchado.

O uso do gelo no Rio de Janeiro, nos tempos regenciaes, acarretou depressa o gosto pelo sorvete.

As chronicas, adoraveis bisbilhoteiras de tão bello fallar ao ouvido do estudioso, conservaram o nome do primeiro sorveteiro official da plaga carioca.

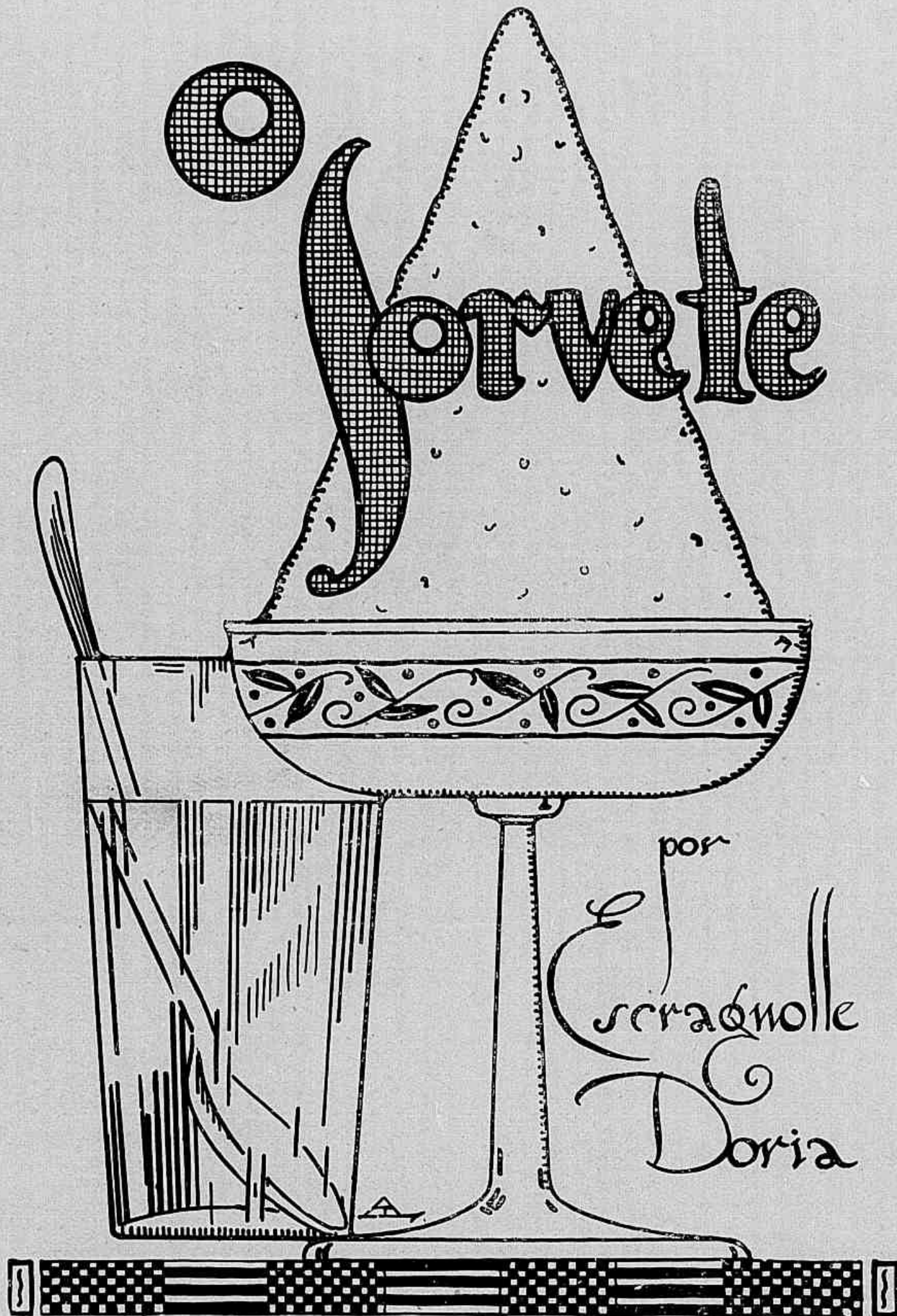
Foi um italiano, senhor de um d'esses nomes atenorados dos quaes tanto dispõe a lingua italica, nomes cujas desinencias nos levam insensivelmente ao palco e ás companhias lyricas.

Luiz Bassini foi o primeiro fabricante de sorvetes na côrte do Rio de Janeiro. Associado a um francez, Denis, sómente no negocio de gelo, começou em 1835 a habituar bem os cariocas aos sorvetes, "iguaes aos que se achão nas melhores sorveterias de Napoles," affirmavam os annuncios do italiano.

Installado no Café do Circulo do Commercio, entre a actual praça Quinze e a eterna rua do Ouvidor, Bassini, das dez da manhã ás dez da noite, servia a freguezes os sorvetes e o café gelado.

Para as senhoras arranjara no estabelecimento de Denis sala especial onde ellas podiam saborear sorvetes ou neves, como se diz em Portugal, á vontade, livres da analyse masculina nem em todas as horas de agrado a damas.

O gelo era barato, sessenta réis a libra, vindo de um deposito na Prainha para as confeitarias celebres, entre ellas a do Deroche, um dos muitos negociantes do tempo em que o commercio francez ia de ponta a ponta na rua do Ouvidor.

Na confeitaria da *Aguia*, o Deroche desafiava a gulodice do carioca, aqui com doces finos, alli com amendoas cobertas ou fructas em calda, acolá com xaropes, licores e vinhos selectos.

Depois da Maioridade os rivaes do Deroche cresceram, a *Aguia* d'elle foi posta em sitio pelas bicadas da concorrencia. Outros confeiteiros desviaram a freguezia quasi exclusiva do Deroche. Um d'elles, Thomaz Carceller, por muito tempo deu nome ao trecho da rua 1.º de Março entre o becco dos Barbeiros e a rua do Ouvidor. O Carceller chegou a figurar nas taboletas de bondes que faziam ponto no sitio.

Só em 1848 possuia o Rio de Janeiro vinte confeitarias, incluida no numero a de Antonio Francioni, na rua Direita, hoje Primeiro de Março, no trecho do Carceller.

Francioni obtivera o titulo de sorveteiro de Suas Majestades Imperiaes, e a distincção de fornecedor da Casa Imperial, em qualquer ramo de negocios, valia muito na época, além de tudo concedida com natural escrupulo.

Ainda hoje ser, por exemplo, perfumista do rei da Inglaterra é cousa apreciada e disputada no commercio europeu, apezar do Deus nos acuda das marés da democracia.

Outr'ora as gulosises cabiam na jurisdição absoluta das donas de casa. As cozinheiras eram as autoras mais ou menos fiscalizadas dos jantares, a bôa sobremesa constituia a gloria exclusiva da dona de casa. "Fazer doce" era d'ella a sciencia adoravel para gastronomos.

Realmente a sobremesa fina é a chave de ouro do jantar. Quando este deixa a desejar, a sobremesa escolhida reergue a dona de casa no conceito dos convivas, assim um corpo de exercito chegado a tempo salva o seu general. No momento do café a batalha está ganha.

Entre as donas de casa algumas se dedicaram ao commercio de doces, alcançando fama. Emparelhavam n'ella com as freiras do convento da Ajuda, tidas e havidas no velho Rio de Janeiro por eximias doceiras cujo simples enunciar de nome enchia a bocca d'agua, em gôso peccador de paladares.

Uma das doceiras officiaes do antigo Rio de Janeiro, d. Francisca Castellões, tornou-se conhecida em toda a cidade, e tal nome até hoje se perpetua em echos de confeitaria.

E' inutil perguntar se d. Francisca e as collegas de assucarado officio sabiam fazer sorvetes.

A mestra das antigas doceiras nossas foi talvez, no segundo reinado, d. Constança de Lima. Chegou a condensar experiencia n'um livro impresso pelos Laemmert, os quaes reeditando a obra a declararam "tão importante quão necessario livro".

Por sua vez d. Constança, affirmava: Não ha ninguem neste mundo que não goste de comer bons doces; porém de fazel-os, oh! isso é caso diverso!... toca a poucos".

Comiam outr'ora devagar e bem, hoje comem depressa e mal. Havia estomagos fortalezas, cujo succo gastrico atacava pedras. Agora o caso é differente, predomina o systema nervoso, d'ahi sem duvida a diminuição da apoplexia e a frequencia da arterio-esclerose em octogenarios de vinte e cinco annos, sem uma illusão se com dous dentes.

D. Constança de Lima pontificou melosamente para um tempo de comesaina, aliás ridicula em confronto com a dos seculos XVII e XVIII.

No arsenal de cozinha a doceira mestra e as discipulas aproveitadas consideraram o sorvete na montoeira de guloseimas das sobremesas: a alcomonia com o gosto acre de gengibre; a baba de moça tão rica de gemmas de ovo; os bons bocados contendo queijo de minas duro e ralado; os suspiros assistidos pela casca de limão em pequeninos; os toucinhos do céo, os caramelos, as geléas, os pés de moleque, tudo isso representando muita vida brasileira.

E o sorvete? Lá estava elle no exercito da gula, formando nas taças e até pelas fumacinhas que desprendia ao ser servido em attitudes de ir á guerra.

Nossos sorveteiros mais habeis tinham conhecimento das formulas empregadas para obter gelo artificial pelos neveiros de Paris, Londres, Madrid e Lisbôa, quatro capitaes sorvetophilas, pelo menos outr'ora.

Dispunham tambem os nossos mestres de sorvete de moldes de estanho para dar á neve fôrma qualquer e alguns eram bem habeis em colorir ramos de flôres de sorvete.

Conheciam-se diversas especies de neve. O sorvete tinha a sua aristocracia, o seu plebeismo. Podia lá o sorvete de jasmins — quem o conhece hoje? — feito de flôres frescas equiparar-se ao communissimo sorvete de ananaz? O sorvete de vinhos brancos, honrado pelo champagne, de certo não dava confiança ao sorvete de café, cujo principal ingrediente estava ao alcance de todas as bolsas.

A catimplora de estanho dos sorvetes era uma grande igualitaria. Tanto lhe fazia esta como aquella fructa. Recebia indifferentemente os cambucús, os cajús, as grumixamas, as jaboticabas, os jambos, as pitungas, o melão, a melancia, gelando sempre os sorvetes pelo mesmo methodo.

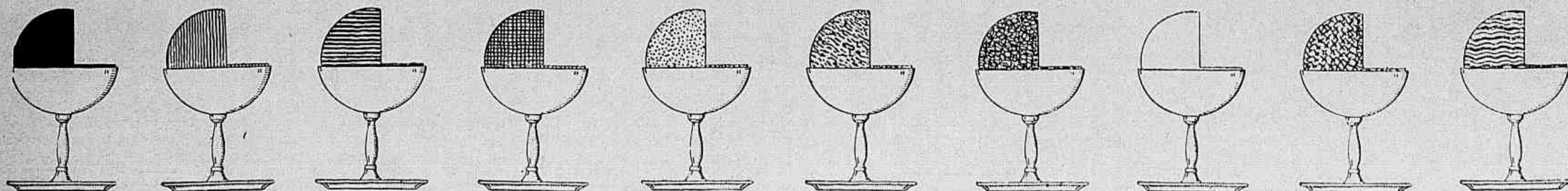
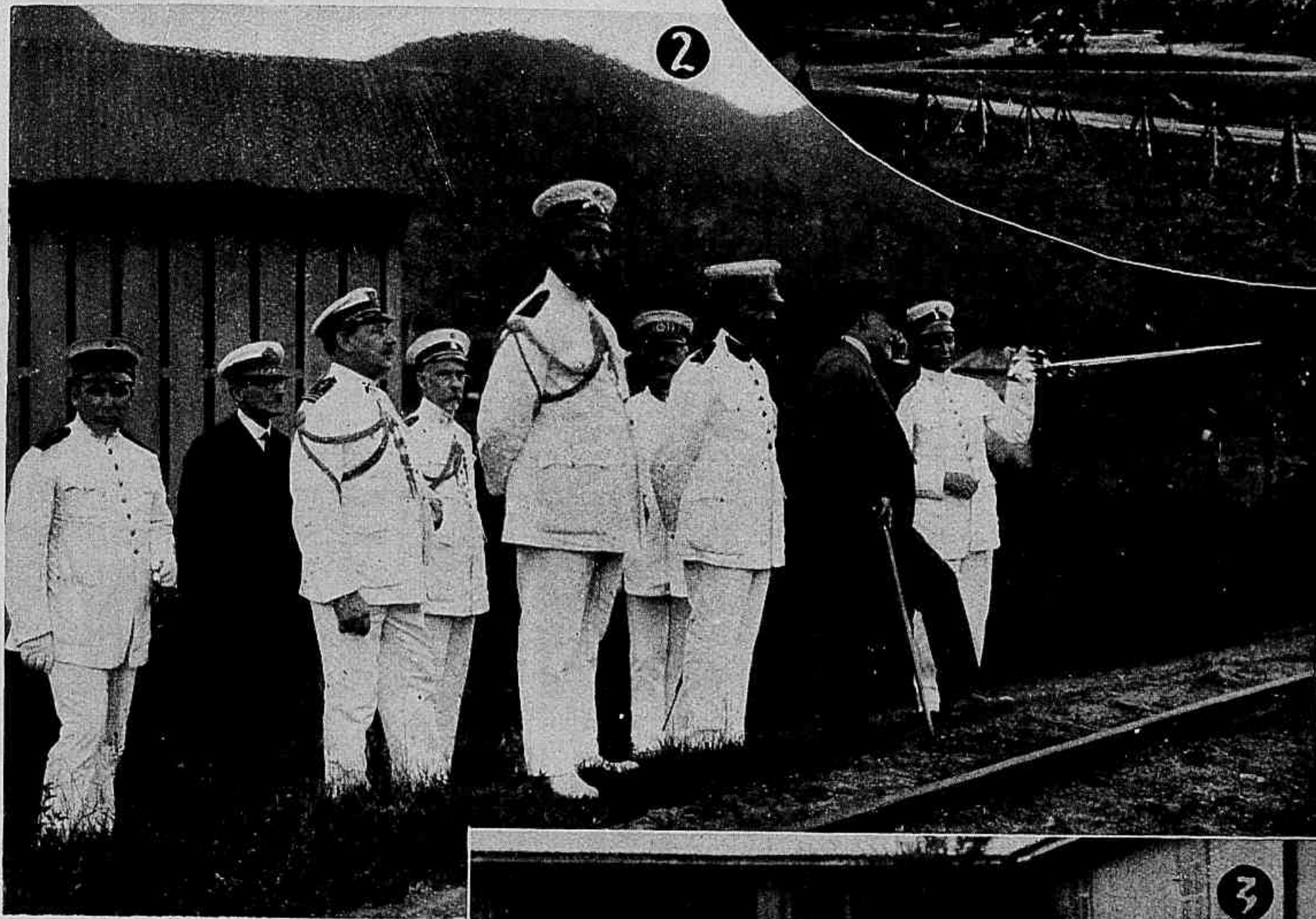
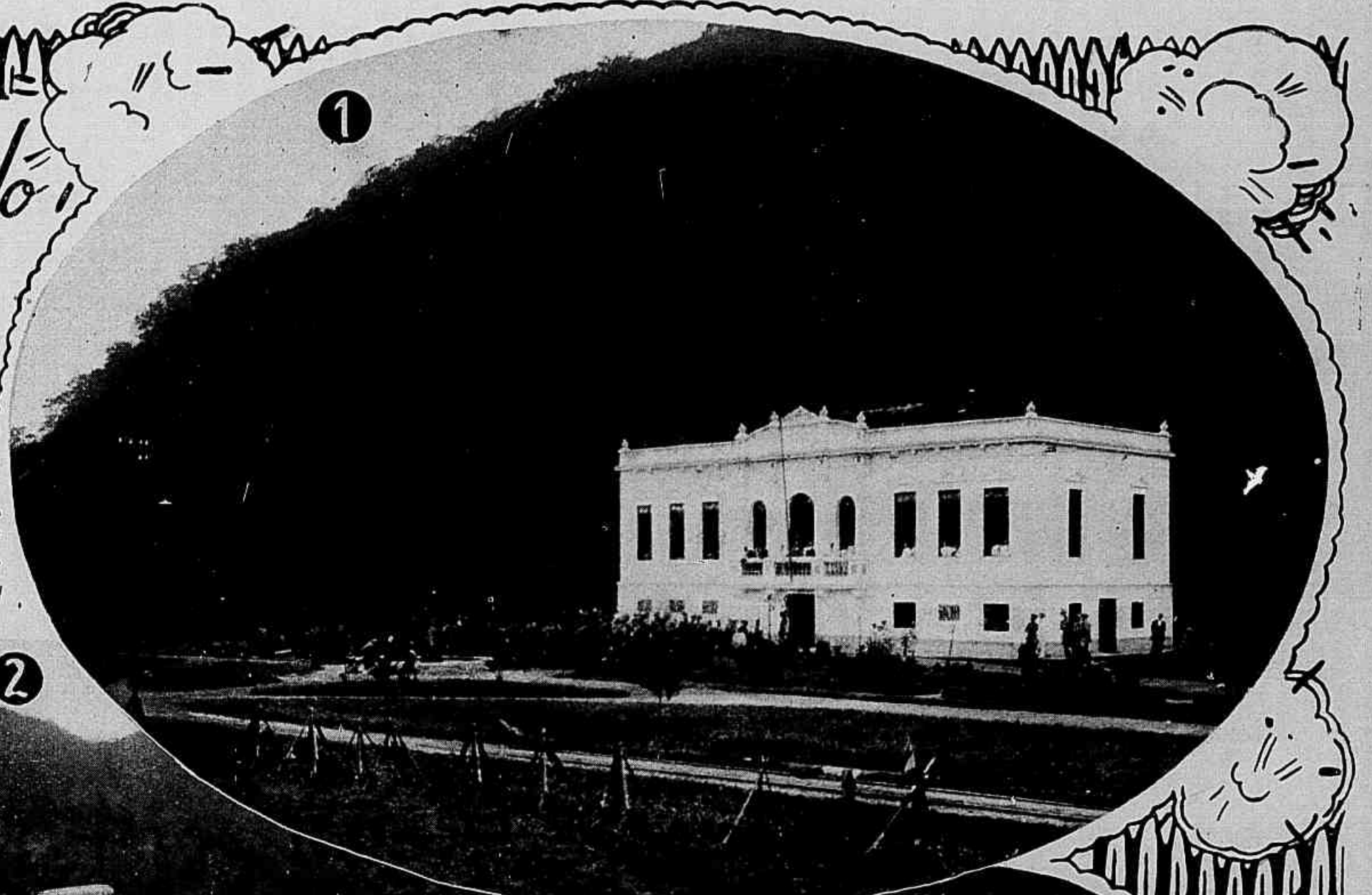
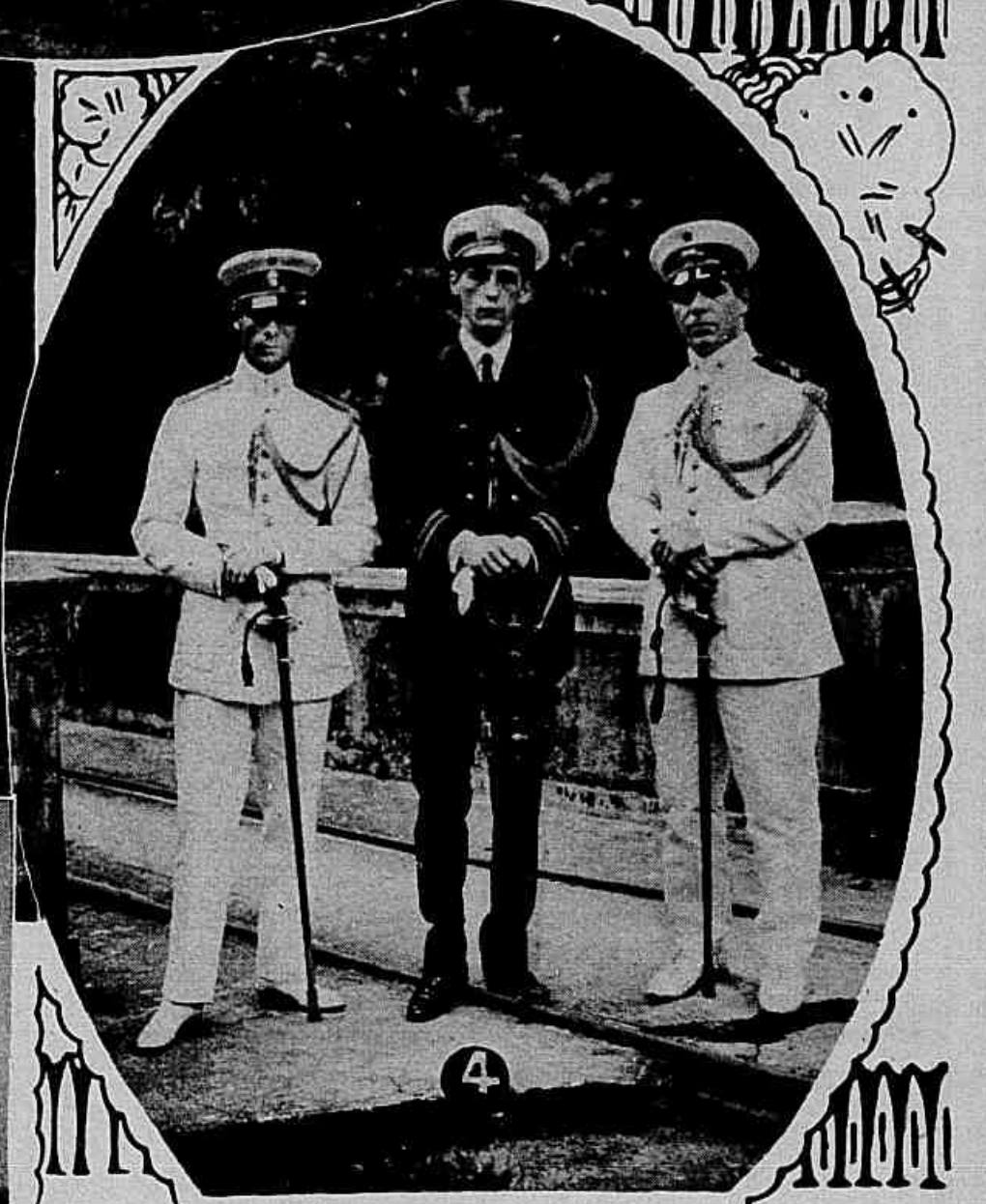
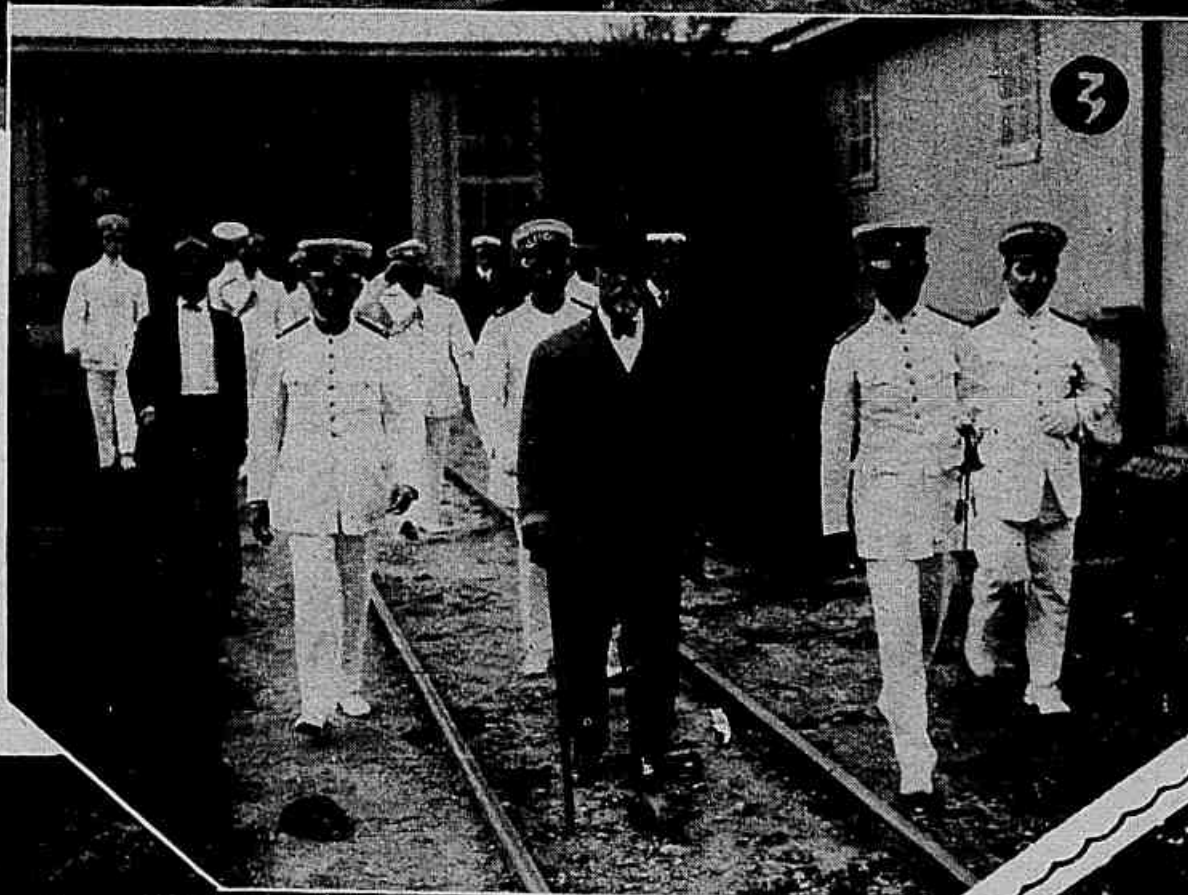
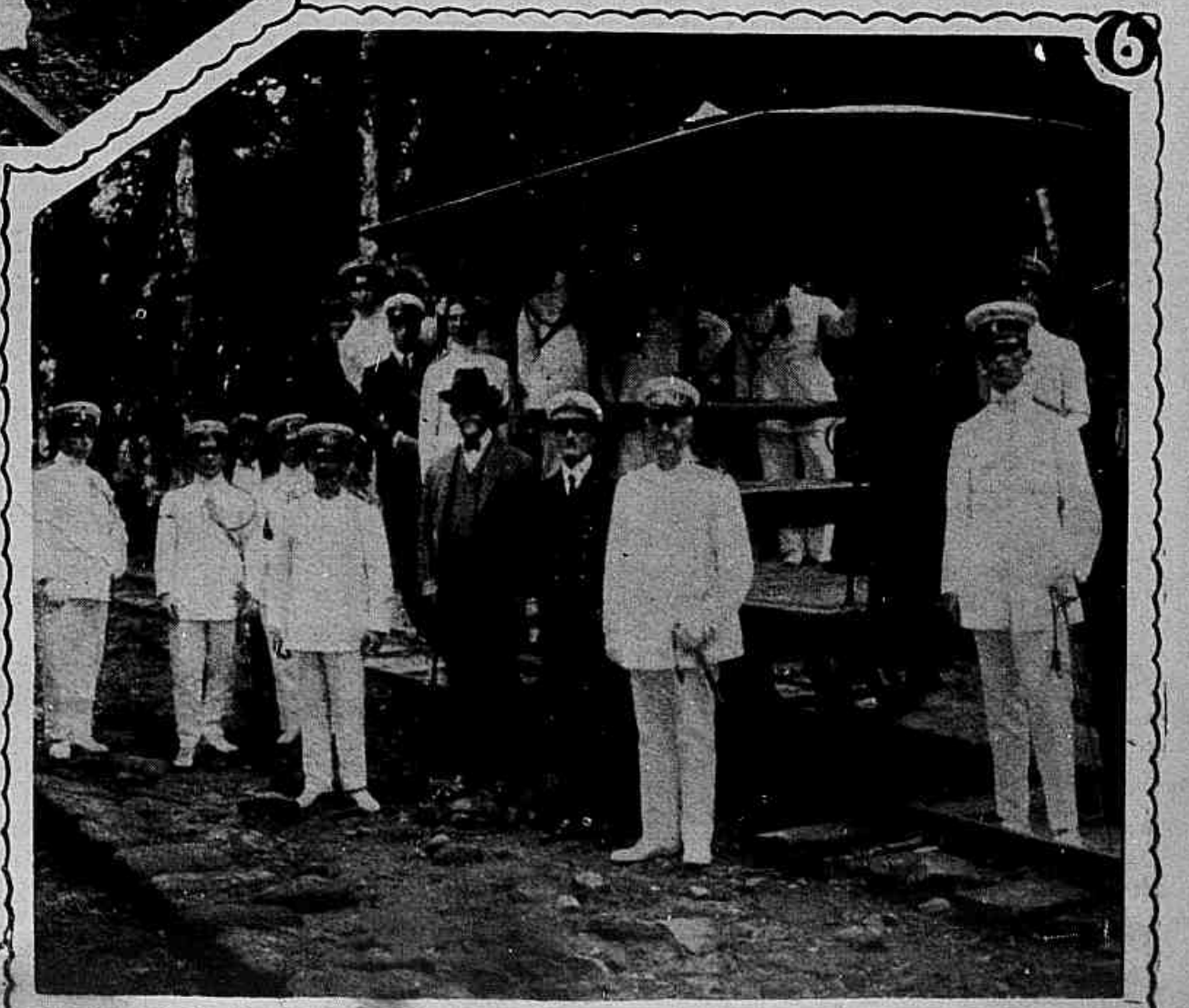
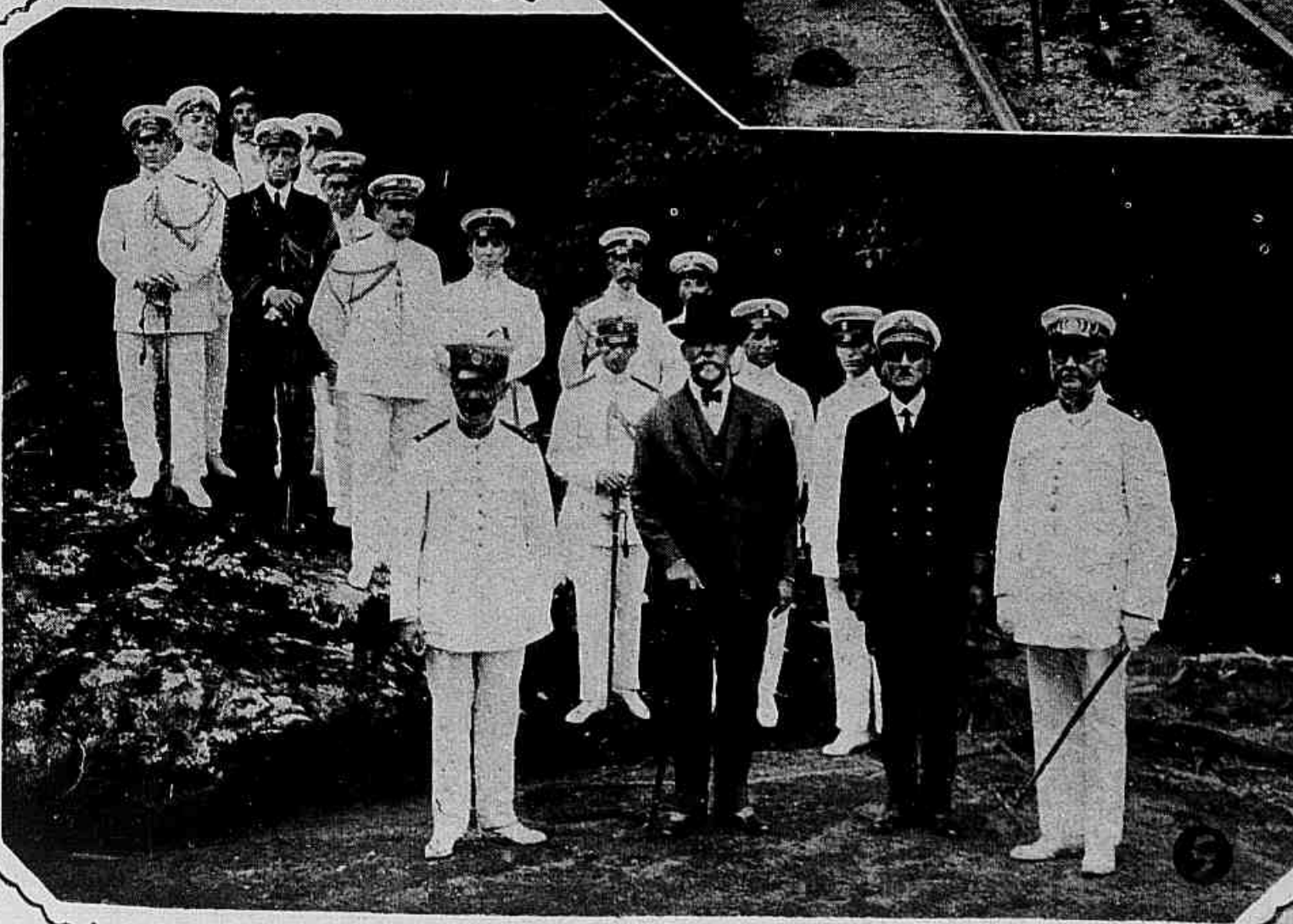
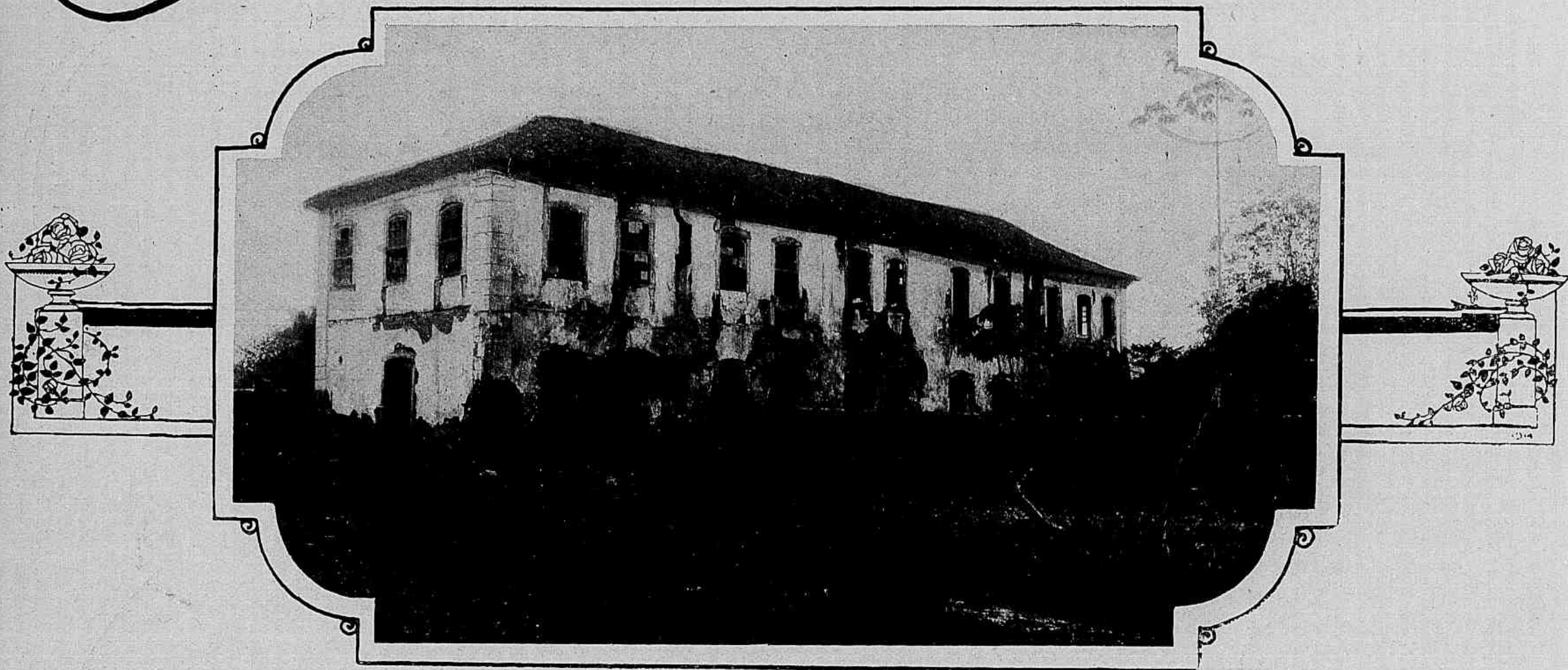
Durante muito tempo o sorvete no Rio de Janeiro foi apreciado nas confeitarias ou nas casas de familia, sem ousar apparecer nas solemnidades, embora d. Pedro II, na quinta-feira santa, tomasse sorvetes após a cerimonia do lava-pés na Capella Imperial. Nos grandes bailes não teve tambem o sorvete por muito tempo ingresso official. Tel-o-ia dado por mão illustre.

Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho é um dos homens mais conhecidos e mais discutidos do começo do segundo-reinado, mas até hoje a sua figura inteira ainda não achou téla nem pintor na historia patria.

Advogado por Coimbra, juiz em Minas, desembargador no Rio de Janeiro, deputado geral, senador do Imperio, ministro, visconde de Sepetiba, Aureliano foi um administrador creador de subida ordem, mas sobretudo o notavel ministro da Justiça das crises de 1833, o repressor da desordem sem olvido da humanidade.

Esse homem notavel introduziu o uso do sorvete nas selectas reuniões de sua casa, e com tal padrinho o exemplo não tardou a ser logo seguido na alta sociedade do Rio de Janeiro, que d'ahi por diante nunca mais dispensou a neve nas suas festas.

Bernardo de Vasconcellos, adversario acerrimo do visconde de Sepetiba, exclamou n'um dia de justiça, lembrado de 1833, o "sr. Aureliano gravou seu nome na base da nossa monarchia". Na ordem das cousas agradaveis e pequenas fique o mesmo nome gravado, por instantes, na base do sorvete.

Escragnolle Doria

O Chefe do Estado na Fabrica de Polvora da Estrella

1—O Casino da Fabrica de Polvora da Estrella. 2—S. Ex. o sr. presidente Washington Luis examinando, na Fabrica, os pontos que lhe indica o director, major José Gomes Carneiro. A' direita de S. Ex. os srs. general Sezefredo dos Passos, ministro da Guerra; general Hastimphilo de Moura; capitão Affonso Ferreira, da Casa Militar da Presidencia; coronel Limpo Teixeira de Freitas e commandante Hugo Mariz, chefe e sub-chefe da Casa Militar da Presidencia; almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha, e dr. Vissi', medico da Fabrica. 3—O sr. Presidente da Republica percorrendo a Fabrica de Polvora. 4—Da esquerda para a direita: capitão Annibal Gomes Ribeiro, ajudante de ordens do sr. ministro da Guerra; commandante Rôxo, ajudante de ordens do sr. ministro da Marinha; tenente Flodoardo Maia, ajudante de ordens do sr. ministro da Guerra. 5—Grupo feito nos arredores da Fabrica, por occasião da visita presidencial, vendo-se no primeiro plano o sr. Presidente da Republica, tendo á direita o general Sezefredo e á esquerda o almirante Pinto da Luz e o general Hastimphilo de Moura.

A estrada condemnada

Casarão colonial existente em Pilar.

A velha estrada de ligação da capital do paiz com a sua capital de verão, do Rio com a Petropolis poetica das hortensias, está condemnada ao abandono. As exigencias da vida vertiginosa actual não lhe respeitaram a vetustade nem a sua respeitabilidade historica: a estrada será substituida por outra que offerece o requisito da economia de tempo e que, deslocada para a direita, se approximará do leito da Leopoldina Railway, como se a approximação da via-ferrea pudesse influir na ansia de tragar o espaço.

Pela estrada velha — e que hoje ainda é a unica existente — passava a cavallo, a caminho de Petropolis, o primeiro Imperador do Brasil. Sua Majestade fazia o trajecto em duas etapas. Attingindo a antiga fazenda do Fragoso, na Raiz da Serra, D. Pedro I ahi pernoitava e, na manhã seguinte, rumava, serra acima, para a antiga fazenda do Corrego Secco — que é hoje Petropolis — e ia ter adiante, á casa do Padre Correia, cuja familia deu o nome ao futuroso arrabalde da cidade de D. Pedro II.

A estrada, na sua parte votada á condemnação, entre S. João de Merity e Petropolis, deixou sempre no espirito dos que a percorreram a ideia do esquecimento, a visão desse abandono que se realizará. Bordam-n'a, de quando em vez, edificações dignas de cidades e villas, e que, ao tempo em que se ergueram, eram justas esperanças de um progresso que não tardaria. De Pilar ainda se vêem os velhos casarões,

Rua antiga de Pilar, cujas casas se defrontam com o casarão acima.

os alinhamentos das ruas da villa decahida. A mão destruidora do tempo envelheceu cruelmente a uns e apagou a outras.

Os restos que existem denunciam obra de sonhadores que queriam talvez traçar cidades no ermo; que, á custa de sacrificios que se não conhecem, ergueram construcções solarengas e casas humildes, em cujos beiraes freme toda a flora desencorajadora dos telhados, crestada pelas soalheiras e vivificada pelas chuvaradas.

Não abundam os estylos. O que ha, porém, é uma parcella do que existiu cheio de vida e que agora irá, ao impulso irresistivel da fatalidade, pelo desvio imposto á estrada, ruindo aos poucos, num doloroso desmoronar, extinguindo de vez a possibilidade que aos nossos antepassados sorriu de poder ser bordada por uma séde de cidades, de villas e de povoados a estrada que levava á serra da Estrella D. Pedro I, á frente da comitiva de figurões e de lacaios do nosso primeiro Imperio.

A curiosidade dos que passam tem onde se deter. Excitam-n'a os menores detalhes: muros, frontaes, sacadas de madeira, janellas envidraçadas e, acima de tudo, aqui e alli, uma data que attesta o quasi attingir de um seculo.

Ha em tudo o sabor de outras éras, a côr de outros tempos, de tempos em que a esperança punha matizes vivos e frescos nas edificações solarengas e nas casas humildes. Quanta gente não terá erguido nesse recanto do Estado do Rio os seus palacetes e as suas choupanas pelo simples orgulho de saber que os olhos de sua Majestade, o filho de D. João VI, pousariam sobre elles! O orgulho sempre existiu na Humanidade, e os ricaços de então talvez porfiassem por attestar aos olhos do Imperador o desvanecimento que sentiam possuindo um casarão aprumado á beira da estrada, por sobre a qual a cavalgada imperial deitava, ao passar, uma nuvem de poeira.

Aquella gente toda comprehendia e esposava o sonho de Perrette, a leiteira da fabula de La Fontaine, e hoje, volvidos annos, entende-se perfeitamente essa aspiração e chega-se a lamentar que as necessidades do progresso tenham imposto o abandono do traçado que com tanto patriotismo e bôa vontade fôra recebido e animado.

Essas paragens, a que a figura do monarcha deu uma feição historica, existirão em breve, apenas, na nossa recordação, porque tiveram vida com a estrada Rio-Petropolis e com ella desapparecerão.

1 — A antiga Fazenda do Fragoso, na Raiz da Serra, onde se hospedava D. Pedro I; 2 — Casarão edificado em 1849 no Meio da Serra.

Moinho existente no Alto da Serra.

PAGINA DE EVA

PROJECTOS...

Fazenda. Tarde de verão. Vem, de longe, um vento brando, fazendo bailar folhas soltas, embalando frondes, despertando, para um manso bulir, o capim alto. Ha uma estranha caricia imponderavel no ar. Uma claridade esplendida mordendo minucias, afagando contornos, esbate-se na sombra crescente. Chilreios escapam-se dentre copas; murmurios, numa doce orchestração de murmurios, fremem na paisagem serena. Nuvens preguiçosas vêm do desconhecido, rumo ao desconhecido... Aos pés da montanha enorme o campo immenso é uma grande esmeralda esquecida pelos deuses sob a indifferença do ceu.

No rumorejo febril da Natureza o silencio humano tem algo de mysterio doloroso, ameaçador.

Os negros, agrupados em frente ás choças miseraveis, podem passar, na sua immobilidade muda, por estatuas de ebano esculpidas por esculptor enamorado do feio... Não vivem, não existem, *são* apenas, com a inconsciencia bruta das cousas.

A terra inculta palpita numa expressão de dorida belleza miseravel, belleza de abandono e esquecimento. Olhando-a tem-se a impressão de que esquecimento e abandono são *presença*, sentida pela consciencia mas vista pela subconsciencia dos que a contemplam longamente... Nunca comprehenderamos melhor a mesquinheza humana do que ante a grandeza da paisagem brasileira.

Nenhuma reacção mortal, nenhum esforço collectivo buscam realizar a possibilidade da gleba maravilhosa. Nem se sente, entre os raros que a trabalham intelligentemente e ella, communhão carinhosa, apego, interesse, idealismo. Tiram-lhe o necessario a seu sustento immediato, roubam-lhe o necessario á sua ambição de momento, mas não na buscam alindar, nem lhe procuram fazer menos crueis as feridas.

As estações são feias e as cidades pequeninas, pretenciosamente satisfeitas do nada realizado. Nenhuma descontente ansia de mais, de melhor desperta as creaturas para tentativas reaes de progresso. A vida é egual e entediante, os seres cançam sem sentir, viver do-a; a natureza acabrunha as almas com o excessivo de seu esplendor selvagem. A lei do menor esforço, do mais facil vence qualquer projecto de energia. No que se fez e no que se está fazendo, official ou particularmente, falta sonho, falta ideal, falta trabalho pelo amor ao trabalho, cuidado da terra pelo amor da terra, falta, emfim, a personalidade do realizador. Nenhum enthusiasmo, nenhum surto de abnegação, nenhuma coragem de sacrificio. E tudo isso prova, desoladoramente, ausencia de patriotismo consciente — do patriotismo que ensina o homem a ler, a pensar, a agir, a ser um pouco mais do que um escravo do instincto; do patriotismo que desdenha palavras e promessas, para melhor construir, libertando e instruindo; do patriotismo que leva os poderosos a cumprirem seus deveres de cidadania para que os humildes possam comprehender melhor seus deveres humildes. Quem viaja pelo interior do Brasil soffre ante a derrota do que elle é, no momento.

Quando se enamorarão os brasileiros do Brasil? Ainda hontem a necessidade deste milagre nos falou.

Desciamos lentamente, a cavallo, num grande grupo, a longa estrada, a estrada feia, cortada de pontes ridiculas tremendo sobre rios caudalosos, a estrada coberta de lama que leva, generosa, os que a abriram, assim erma de belleza no seio fecundo da paisagem linda, á seducção do horizonte. Estende-se com vagos espreguiçamentos de serpente e bruscas hostilidades escarpadas de sorte, mal sombreada e quasi perigosa na sua fartura de atoleiros e pontes em ruina (a celebre ruina de projectos, tão brasileira)... até ao rio immenso que vem atroando "da serra da Bocaina até S. João da Barra."

Para que estendesse a passos bohemios a possibilidade de viagens, sacrificaram arvores enormes, de larga fronde florida de galhos apendoados, destruiram aspectos de sonho, atiraram á fome do apodrecimento mil plantas verdejantes. Porque buscar o util sem sacrificio da belleza quando é sempre tão mais facil sacrifical-a? pensaram sem duvida os que a rasgaram...

Alguem, no grupo, teve um movimento de revolta:

— Vejam: não deixaram á estrada o encantamento feiticeiro de toda estrada! Porque a tornarem assim hostil e permittirem que nos dê essa impressão de que se quer furtar ao destino lindo de ser caminho? Em vez de embellezar, enfeia a paisagem. No Brasil devia existir uma sociedade protectora das paisagens.

Cada um de nós recordou-se de um trecho amado do Rio e houve um silencio solidario de approvação absoluta.

Seguimos. Sob o sol abrasador, em pleno campo, um animal, um bello cavallo negro, pello reluzindo ao sol, agonizava gemendo. Não havia sombras perto, nem agua, nem alimento. Passámos a dous passos do corcel moribundo e elle fez um esforço desesperado para erguer-se.

— Tem medo que façamos com elle o que lhe fez o dono! commentaram.

— Que lhe fez o dono?

— Quando viu, hontem, que nada o poderia salvar, mandou afugental-o para longe. Elle arrastou-se até aqui, mas isto não bastou aos que o perseguiram: para que não ousasse tornar ao campo, chicotearam-no cruelmente. E' a velha lei pagã, numa applicação moderna: "O que cessa de ser util perde seu direito á vida".

— Meu Deus! Que faz a Sociedade Protectora dos Animaes que não fiscaliza tudo isso? O Brasil necessita de uma Sociedade Protectora dos Animaes tão poderosa quanto a da Inglaterra.

Mais adeante, junto a uma encruzilhada que a chuva transformara num lamaçal, uns garotos, para apanharem mangas sem maior trabalho, cortavam galhos verdes. E, de novo, o protesto:

— Quando teremos uma sociedade que ensine aos brasileiros quanto se deve amar as arvores?

E melancolicamente:

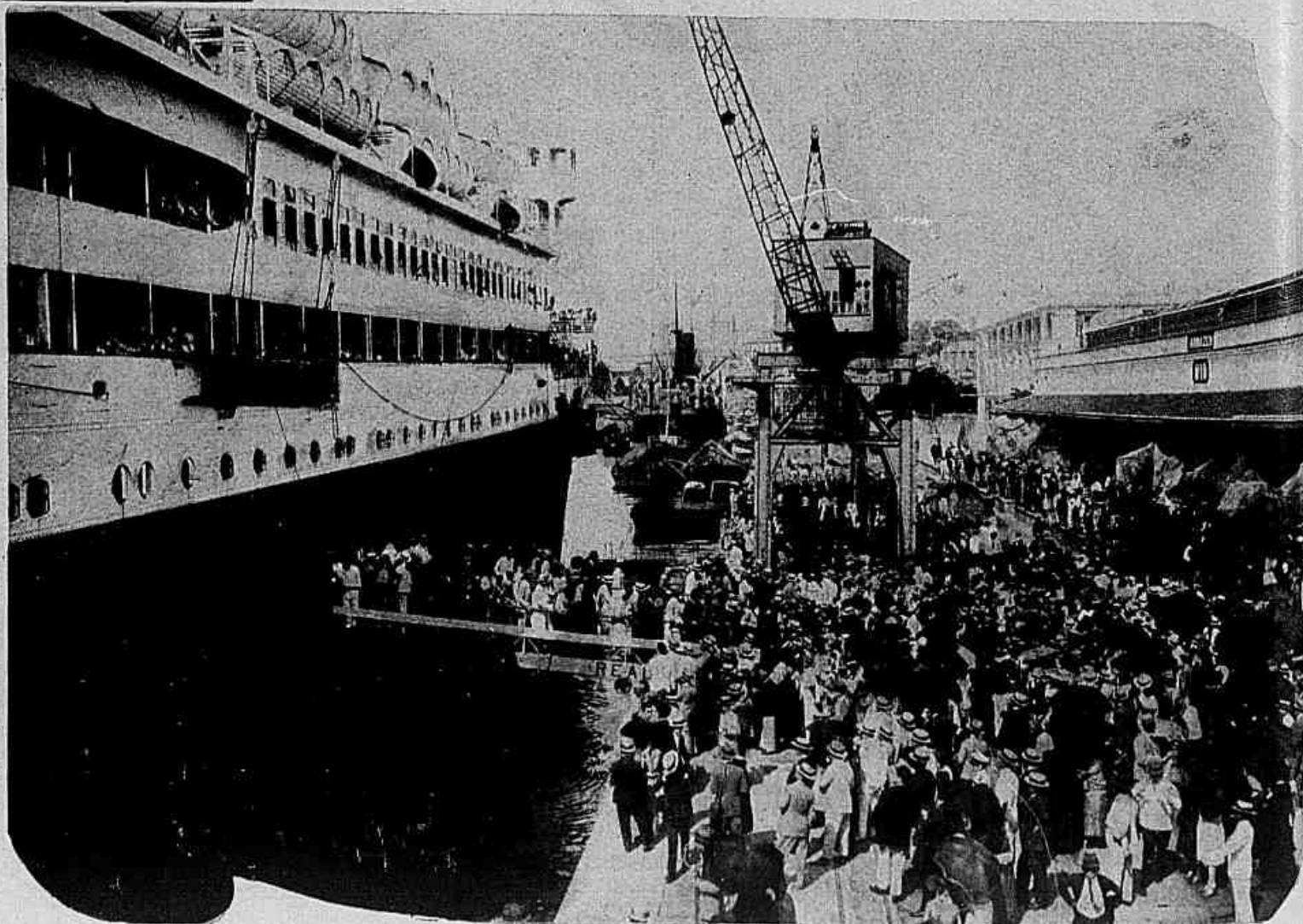
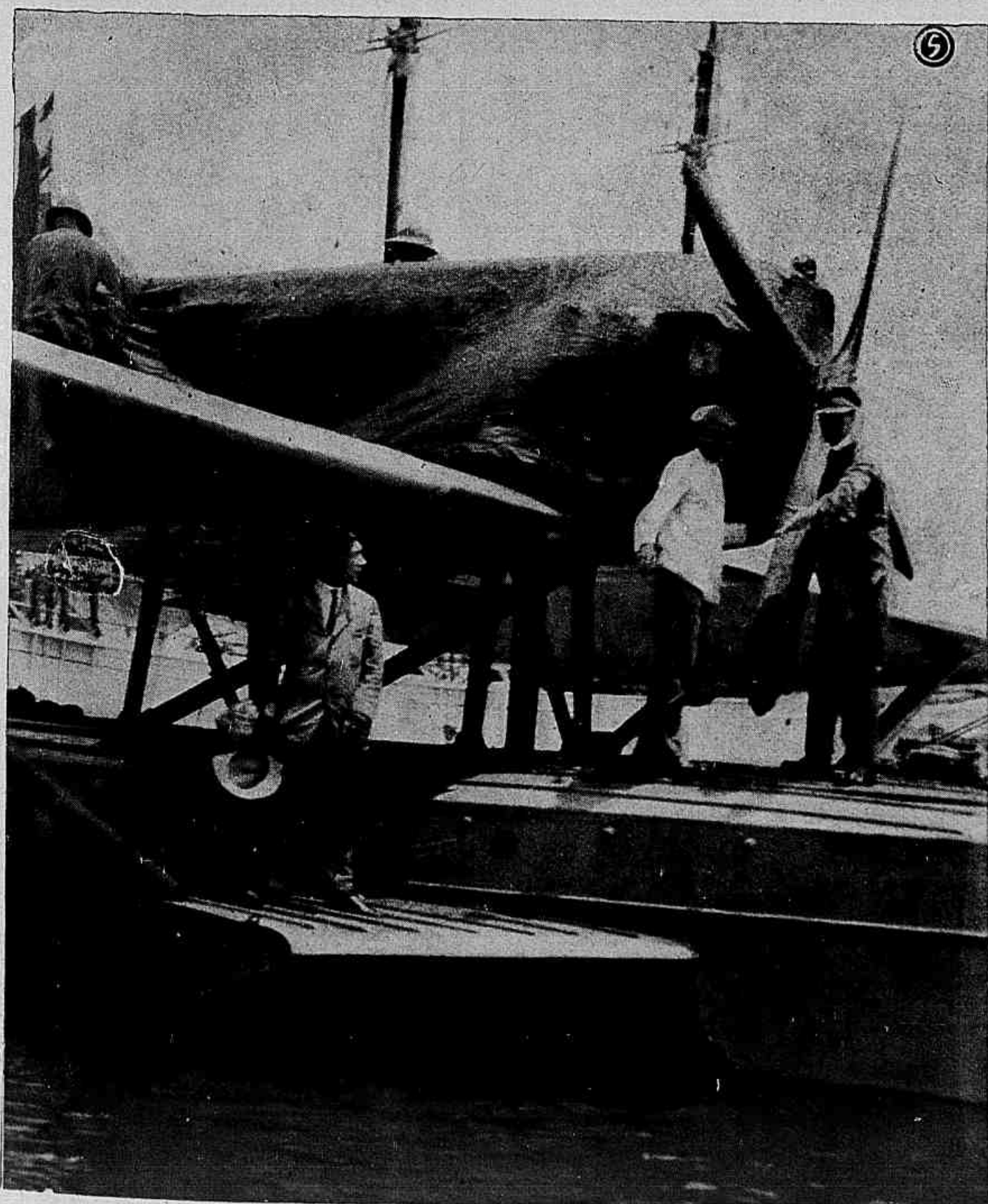
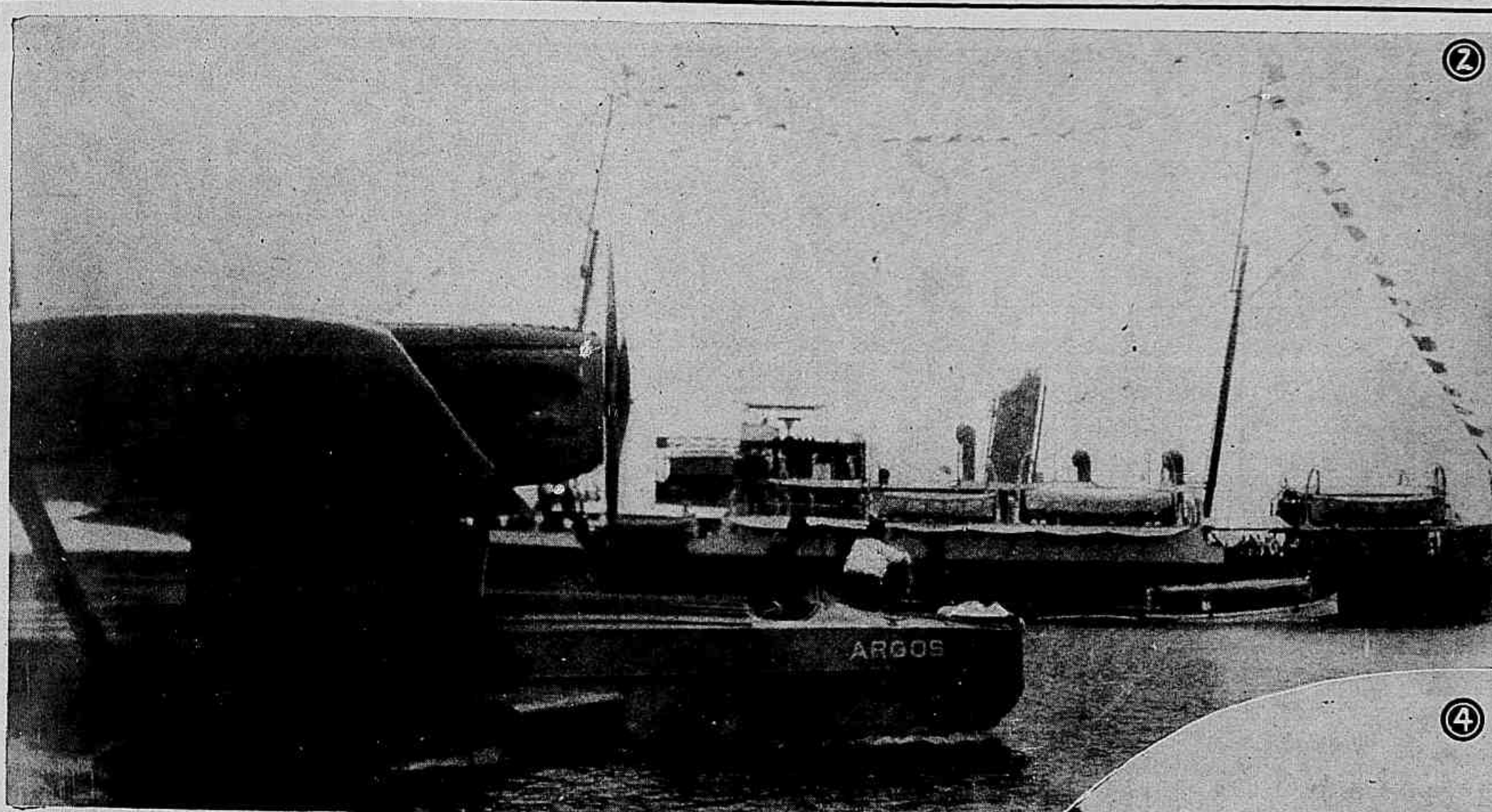
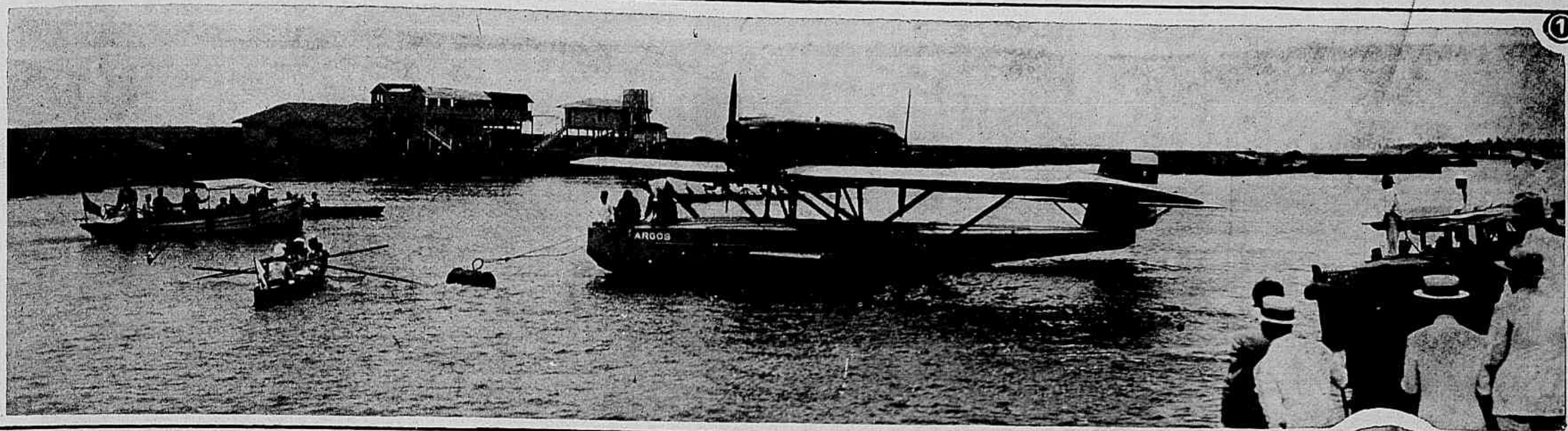
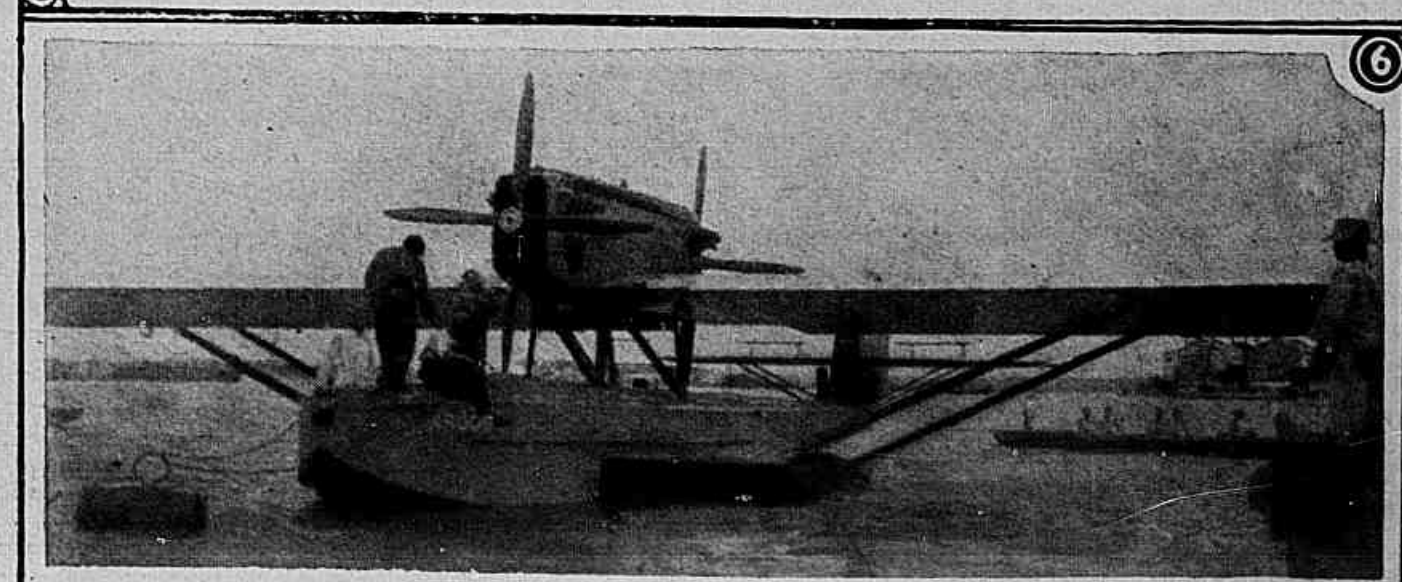
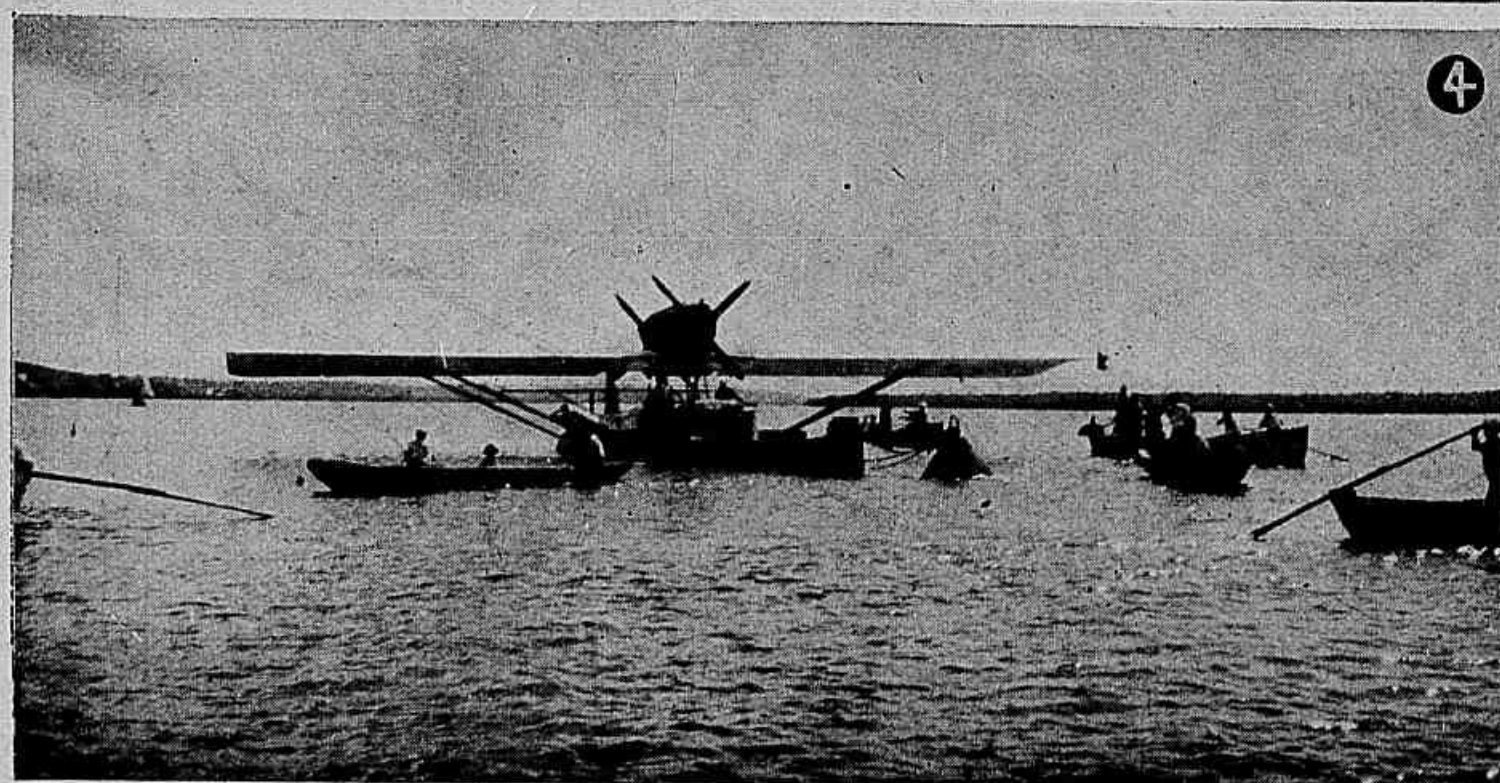
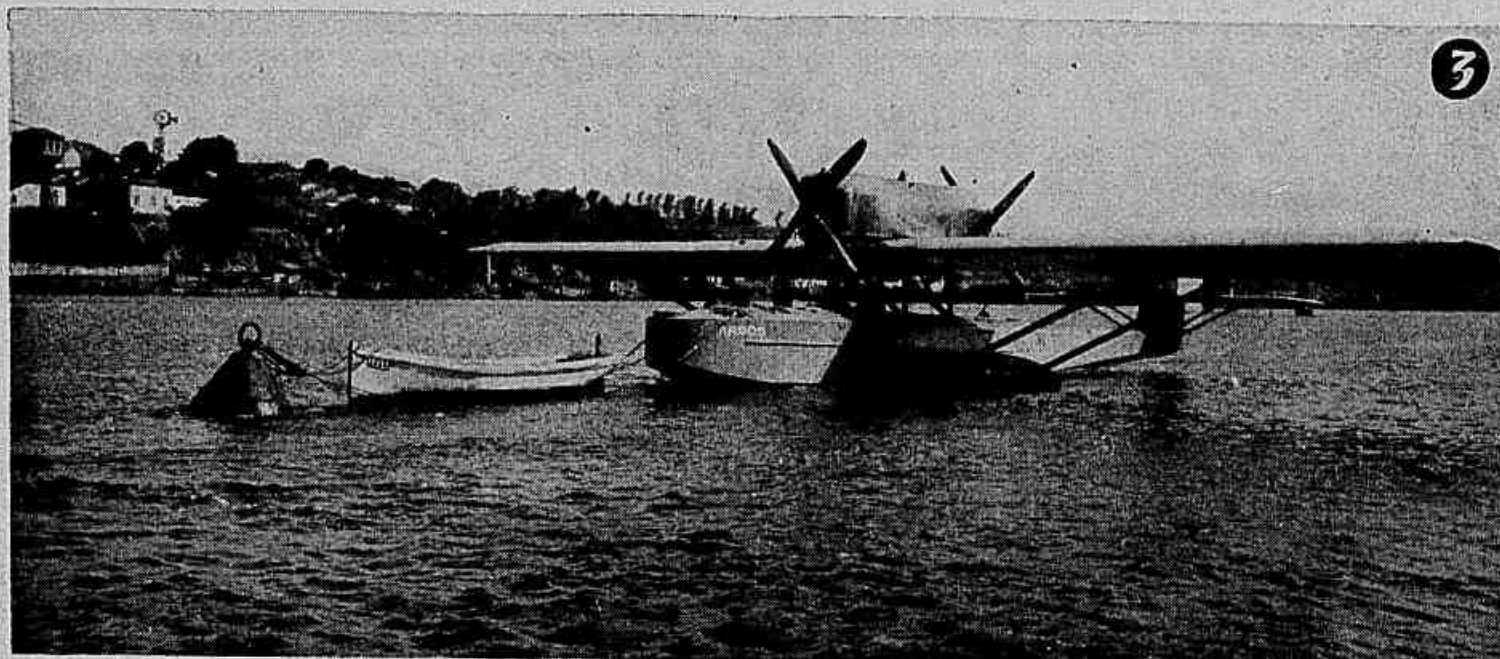
— A belleza é, como a intelligencia, um bem commum posto, pelo mysterio, sob uma guarda isolada. Esse guarda, porém, não póde esbanjar o valor que lhe foi confiado. Seria provar-se indigno de sua missão. Ora o Brasil está agindo como pessimo guarda da propria valia. Seu bom nome é sacrificado pelas leviandades de um numero de seus filhos; sua riqueza é sacrificada pela ambição de outros filhos seus; sua belleza é sacrificada, no quanto pode o divino ser sacrificado pela insciencia humana, ainda pela ambição leviana de muitos brasileiros. E eu me pergunto: — o Brasil será, porventura, propriedade de seus dirigentes para que elles possam destruir recantos de maravilha e obras de arte consagradas, de accordo com o simples capricho de seu gosto individual? Sabem de que precisamos? De uma Sociedade Protectora do Brasil...

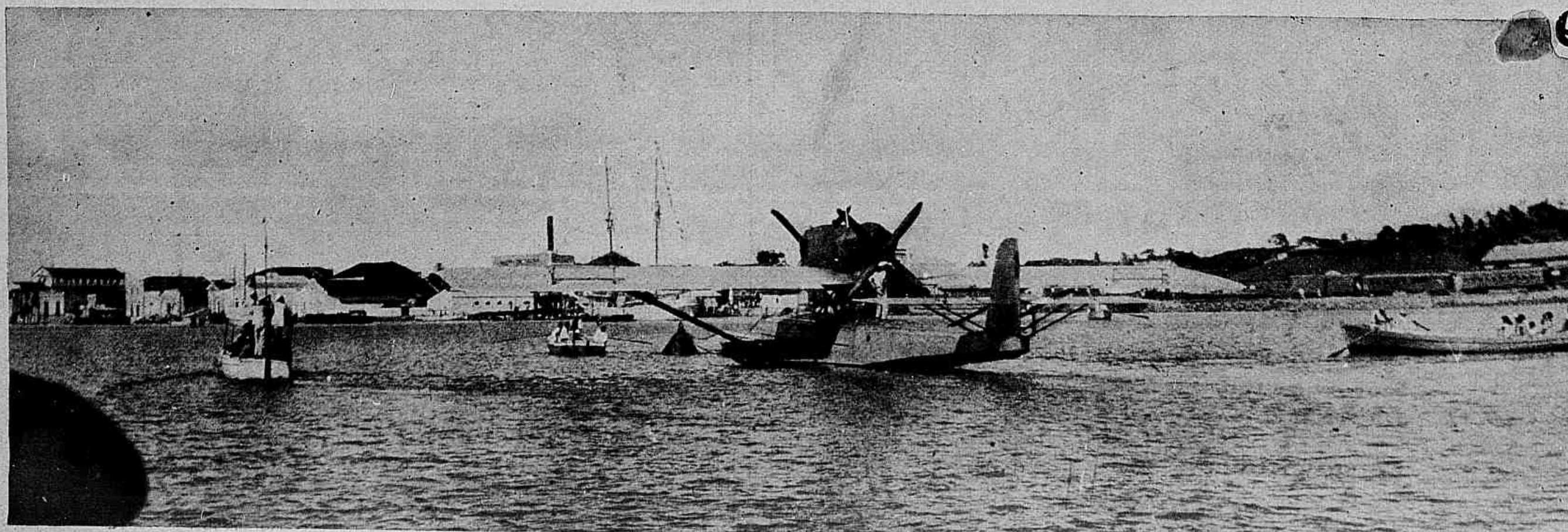
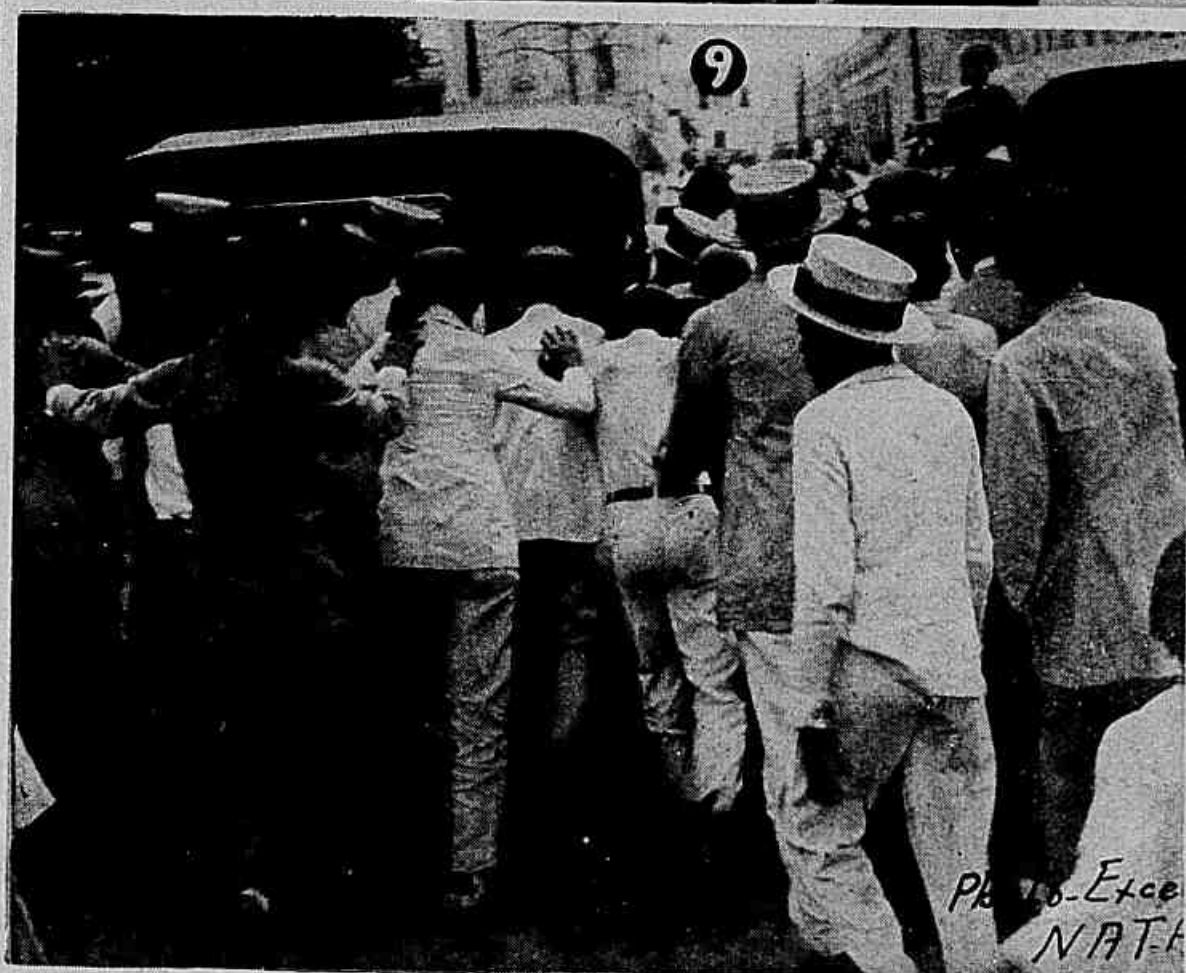
E todos, humildemente, concordaram.

Rosalina Coelho Lisboa

O embarque de D. Sebastião Leme

Aspectos tirados no cáes do porto, na segunda-feira ultima, por occasião do embarque para o Velho Mundo do sr. d. Sebastião Leme, arcebispo-coadjuctor.

1 — S. ex. revma. no cáes do porto, tendo á esquerda o senador A. Azeredo e rodeado de figuras do clero. 2 — D. Sebastião Leme, acompanhado por monsenhor Costa Rego, vigario-geral, no passadiço do «Alcantara». 3 — Aspecto geral do cáes do porto no momento em que embarcou s. ex. revma. d. Sebastião Leme.

O "ARGOS" na Veneza Brasileira

Flagrantes tirados no porto do Recife á chegada do Avião da Gloria. 1 — Desembarque dos aviadores do *Argos* para a lancha dos representantes do governador do Estado de Pernambuco 2 — Sarmento de Beires dirigindo o *Argos* no ancoradouro interno do porto. 3 — Beires verificando as avarias na helice do *Argos*, que determinaram a demora do Avião da Gloria no Recife. 4 — Beires dirigindo-se para a lancha official. 5 — O glorioso commandante do *Argos* recommendando o afastamento das embarcações do hydro-avião. 6 — Sarmento de Beires procurando ouvir as recommendações do capitão do porto.

O AVIÃO DA GLORIA NA CIDADE POTYGUAR

Continuando a reportagem photographica que iniciámos no nosso numero anterior, da recepção enthusistica que tiveram na cidade do Natal os gloriosos aviadores do *Argos*, damos aqui uma interessante série de photographias que traduzem episodios da estadia de Sarmento de Beires e seus companheiros na cidade potyguar. A' hora em que o povo carioca pousar os olhos nestas paginas, não devem estar longe de nós os intemeratos tripulantes do Avião da Gloria. A apotheose com que o Rio os receberá não poderá, entretanto, determinar no animo dos h róes do *Argos* o esquecimento do carinho com que foram recebidos em Natal.

1 — O *Argos* amarando suavemente no rio Potengy, após uma linda evolução sobre a cidade de Natal. O commandante Sarmento de Beires, tendo ao lado o prefeito dr. Omar O'Grady, o capitão do porto o sr. Antonio dos Santos Martins, consul de Portugal, e o commandante do 29º

B. de Caçadores, ao saltarem do automovel em frente do palacio do governo. 3 — O *Argos* descansando, após a sua gloriosa travessia, sobre as aguas do Potengy. 4 — As embarcações approximando-se, no porto do Natal, do avião portuguez. 5 — O *Argos* diante da cidade de Natal. 6 — O commandante Sarmento de Beires, ao lado do prefeito O'Grady, ao descer as escadas do palacio do governo, após a visita ao governador José Augusto. 7 — A primeira homenagem da terra potyguar a Sarmento de Beires, levada a effeito por uma das alumnas da Escola Do-

mestica. 8 — O mechanico Gouveia, o commandante Sarmento de Beires e o observador Castilho após a visita do governador do Estado do Rio Grande do Norte. 9 — O povo, vibrando de enthusiasmo, conduzindo á mão o automovel de Sarmento de Beires para o palacio do governo. 10 — As alumnas da Escola Domestica deante da estatua de Augusto Severo, martyr norte-riograndense da aviação, esperando os bravos aviadores portuguezes para a commemoração que foi levada a effeito.

ANNIVERSARIOS

No dia 9 — as sras. viuva Cardoso de Castro, Eurico Cruz, Aracy Vianna, Evendo de Brito, Andrade Guimarães e Albertina Dutra da Fonseca; as senhorinhas Hilda Rodrigues Chaves, Déa Sampaio e Stella Frederico Borges; os drs. Moura Brasil, Nuno Osorio de Almeida, Gastão de Roure e Cid Braune; o sr. Virgilio Lopes Rodrigues; a menina Jupira de Almeida Franco.

No dia 10 — as senhoras Waldemar Carneiro da Cunha Caldas Barreto, Gloria Thiers Fleming e Violeta Theophilo de Azevedo; a senhorinha Helena Gudin; o illustre e venerando almirante barão de Teffé; o apreciado caricaturista J. Carlos; o dr. Estellita Lins; os commandantes Amilcar Botelho de Magalhães e Aarão Reis.

No dia 11 — a marechala Gabriel Botafogo, a generala Silva Faro; as sras. Maria da Gloria Moura Brasil, Victoria Campos da Silva, Vera de Vasconcellos Cavalcanti e Novella Goulart; as senhorinhas Lucinda Raboeira, Alayde Vianna e Noemia Gonçalves Columbano; os drs. Luiz Barbosa, Angelo Pinheiro Machado, Sylvio Pellico de Abreu, Julio Moreira da Silva Lima; o senador Raymundo Miranda, o commandante Alfredo von Syndow.

No dia 12 — senhoras Baptista Nogueira, Hermenegilda de Abreu e Lucia Mario Seixas; as senhorinhas Hercilia Pereira Cavalcanti, Maria Carmen Ferreira, Ondina Leite, Dianira Maia, Zaira Torquato Leite, Stella Tarlé; o dr. Eduardo Studart; o distincto diplomata José Roberto de Macedo Soares; o galante Paulo, filho do casal Herdy Alves.

No dia 13 — as sras. condessa do Valle Junior, Esmeraldino Bandeira, viuva Viriato de Sahoia, Ruth Gomes de Medeiros e Augusto Fogliani; a senhorinha Maria Christina Fleiuss; o dr. Miguel Couto Filho; s. exma. o bispo D. Lucio Antonio de Souza; o sr. Henrique Mangia; o conde Pereira Carneiro, notavel figura do nosso meio industrial e grande philantropo; o illustre orador sacro padre José Maria Natuzzi; o dr. José Marianno Filho, figura de destaque nos meios artisticos e sociaes.

No dia 14 — as sras. Julia Baeta Neves, Maria Luiza Carvalho Gusmão e Alexandre Brigole; as senhorinhas Mercêdes Fonseca Hermes, Luiza Melgaço; os drs. Flavio Ramos, Adolpho José Del Vecchio e João Baptista de Moraes Rego; o menino Luiz da Costa Guimarães, filho do dr. Antonio da Costa Guimarães.

No dia 15 — senhoras Joaquim de Salles, Clelia Alves de Souza e Góes Ashruttor; senhorinhas Iolanda Baptista e Nair Villalba, a galante Maria da Graça, filhinha do casal dr. Diniz Junior; os drs. Arthur Meira Lima, Oscar de Mendonça e João Pagani; o maestro Francisco Braga; o joven Haroldo Tavares da Gama.

NOIVADOS

— a senhorinha Conceição Miranda Monteiro e o sr. Arthur Castro Freitas da Costa;

— a senhorinha Rosalina Ferreira e o dr. Altino Peluro;

— a senhorinha Herminia Morado e o sr. Messias Lutterbach;

— a senhorinha Dora Hansen e o sr. Josef Euwens;

— a senhorinha Izaura Silva e o sr. Mario Americano;

— a senhorinha Judith Niemeyer Carneiro e o sr. Eduardo Pereira Mendes.

CASAMENTOS

— a senhorinha Luiza Soares de Mello e o sr. Nelson Faria;

— a senhorinha Luzia Bittencourt da Costa e o sr. Seraphim Fernando Lima;

— a senhorinha Nair Teixeira Raposo e o tenente Eduardo Bezerril Fontenelle;

— a senhorinha Cryseide Olga dos Santos e o sr. José de Luna Freire;

— a senhorinha Iolanda Oliveira de Menezes e o tenente João Franco Pontes.

DIPLOMATAS

Seguiu para a Europa, acompanhado de sua filha, o embaixador Regis de Oliveira. Não seguiu em companhia do sr. embaixador a senhora Regis de Oliveira, pelo estado de saude de sua progenitora.

*

Para Copenhague seguiu a bordo do *Alcantarra* o visconde de Hamilton Pires, consul do Brasil naquella cidade.

*

Acompanhado de sua familia seguiu para a Europa o dr. Carlos Alves de Souza Filho, que foi exercer o cargo de primeiro secretario da embaixada do Brasil em Paris.

O embarque da distincta familia Alves de Souza reuniu no cáes do Porto muitas familias do nosso alto mundo e muitos diplomatas amigos do distincto viajante.

*

Seguiu para o Japão, onde vai assumir o seu posto na Embaixada do Brasil, o sr. Nascimento Feitosa.

*

Acha-se no Rio chegado pelo *Voltaire* o sr. Carlos Silveira Martins Ramos, ex-encarregado de negocios do Brasil em Cuba.

*

O sr. Ou Tsin Shuing, 1.º secretario da legação da China, partiu, acompanhado de sua familia, pelo *Hoedic*, para seu paiz, em viagem de recreio.

A pianista senhorinha Maria Isabel de Gusmão, que recentemente concluiu, com grande brilho, o curso do Instituto Nacional de Musica,

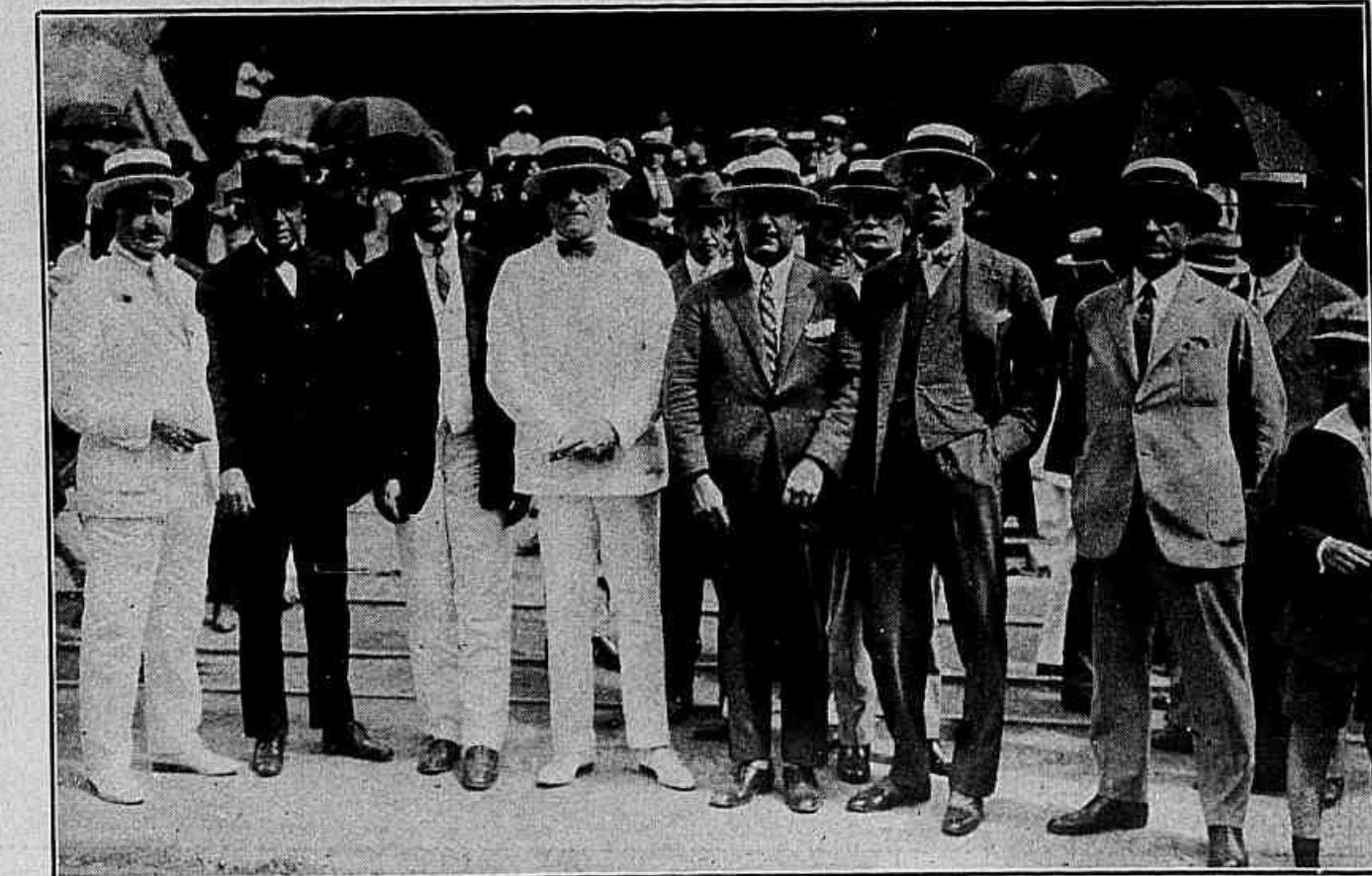
OS QUE VIAJAM

Deixaram o Rio: — o dr. Victor Gonçalves, que se destina á Europa; o dr. João Teixeira Soares, tambem para a Europa; o general Ivo Soares, que vae ao Velho Mundo, em commissão do governo; o padre José Maria da Rocha, que vae á Europa; o sr. Oswaldo de Groote; o dr. F. de Oliveira Passos, que vae á Europa.

*

Chegaram ao Rio: — o dr. Alonso Memoria, procedente de Fortaleza; o sr. Henrique Lage, que regressou da Europa; o sr. Domingos Netto e familia, chegados da Europa; a viuva Annita Peçanha, que regressou de sua viagem á Europa; o deputado Costa Fernandes e familia, chegados do Maranhão; o dr. Custodio de Viveiros, de volta da Europa; o dr. Nestor Ascoli, de volta de sua viagem á Republica Argentina.

VERANISTAS

Com estes magnificos dias de sol, claros e frescos, e noites maravilhosamente enluaradas, succedem-se os passeios e as festas, e adiam-se partidas.

As estações aquaticas estão no apogeu de sua alegria e animação. Em todas ellas vibra enthusiasmo por se fazer mais bella e mais festejada. Os veranistas descem em muito pequena escala, registrando-se ainda muitas subidas. A semana ultima registraram-se:

Para Poços de Caldas: — o sr. Januario Pereira de Souza; o dr. Raul Leite e senhora; a pianista Amelia Moreira Mesquita e seu irmão o academico Joaquim Mesquita.

*

Para Theresopolis: — o dr. Raul Machado e familia; o diplomata Carlos Taylor e familia; o escriptor theatral Carlos Bittencourt; o casal Eduardo Bezerril Fontenelle; o professor Gastão Ruch.

*

Para Friburgo: — o almirante Ferreira da Silva e filhas.

*

Para S. Lourenço: — o dr. Abel de Andrade Araujo; a senhorinha Helena Amaral.

*

Para Cambuquira: — a sra. Alice de Paula Ramos e filhas.

*

De Theresopolis: — o dr. Francisco Sá, ex-ministro da Viação e familia; o dr. Accioly Netto; a professora Alda Bernardo dos Santos Tavares.

*

De S. Lourenço: — o dr. Publio de Mello e senhora; o sr. Armando Bernacchi Filho.

*

De Cambuquira: — o sr. Henrique Mangia e familia.

*

De Caxambú: — a senhorinha Rose Murtinho; o dr. Carlos Sá e familia; o commandante Oswaldo Osiris Storino.

RECEPÇÕES NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Para o proximo dia 20 está annunciada uma das mais elegantes e bellas reuniões deste começo de estação. E' a recepção de Olegario Marianno, o festejado poeta de "Ultimas Cigarras", (na Academia Brasileira de Letras) que fará o elogio de Mario de Alencar e será recebido pelo dr. Gustavo Barroso.

Será, certamente, uma reunião altamente elegante, que reunirá tudo que nossa sociedade possue de mais distincto e representativo.

DECLAMAÇÃO

Com um programma muito encantador, realizou o seu recital sabbado ultimo no "Curso Angela Vargas" a distincta *diseuse* Maria Ernestina Lobo, que teve um salão muito elegante e recebeu as mais lindas flôres e os mais enthusiasticos applausos.

FESTAS

Diversas festas estão annunciadas para a *rentrée*. Bailes, chás dansantes, recitaes de declamação, de canto, de dansa classica, concertos, emfim reuniões encantadoras que já estão sendo esperadas anciosamente.

O Automovel Club do Brasil prepara um grande baile para a inauguração da estação, estando a directoria empenhada para que elle tenha o maior e mais notavel exito.

BAILES DE ALLELUIA

O Automovel Club do Brasil está organizando para sabbado proximo um esplendido baile para festejar Alleluia.

O baile será á fantasia e pelos esforços da directoria do elegante *cercle* elle se revestirá de grande esplendor.

— O Fluminense F. Club offerece á petizada uma *matinée* infantil á fantasia, a qual está sendo esperada com muita alegria.

FLAVIO DE CAMPOS

Flavio de Campos, o joven e forte jornalista da Paulicéa, deu-nos o prazer da sua visita. Deliciou-nos com um pouco da sua prosa cheia de verve e offertou-nos dois livros: "Os Esquecidos de Deus", de Gabriel Marques, primeira obra editada por "O Livro Nacional" e um seu — "Os poemas verdes da Melancholia".

Sobre os livros diremos depois. Cabe aqui tão sómente o registro da visita bem grata que o poeta e jornalista nos fez.

Flavio de Campos é um espirito brilhante, de feição moderna toda pessoal, attrahindo-nos com o expandir das suas idéas e com o incisivo das suas phrases. D'ahi o prazer que nos deu e que aqui deixamos consignado.

M. DE D.

CARNET

Meu amigo:

Quando você veiu me cumprimentar no canto do salão aonde eu sorvia o meu gelado, desculpou-se porque o calor fora irreverente com o seu collarinho, e a idéia dessa quebra de elegancia mortificava-o ao ponto de sentir que não teria uma só phrase feliz.

Vaidoso! Foi o mesmo "causeur" admiravel de sempre; mas, como as mulheres é que são as eternas culpadas dos camisas sem botões e dos collarinhos molles, você não quiz perder a occasião e falou mal de todas: vulgares, inconstantes, bellas ruinas, de attitudes invariaveis etc. etc. E, como eu me divertisse com o seu humor, disse que eu era a mulher mais ironica do Rio de Janeiro.

Santa Paciencia, valei ás mulheres na hora do tal collarinho atrapalhado!

Imagine, meu amigo, a tragedia formidavel que haveria pelo mundo se os homens tambem usassem "maquillage" e as mulheres é que se encarregassem de ageitar o "rouge" dos labios e o bistre dos olhos!

Quantas vezes o arco de Cupido seria desfeito pelas constantes reclamações, e os olhos ficariam arregalados pela attitude fulminante da impaciencia!

Qual, meu amigo, você foi injusto com a sua pessôa reconhecidamente elegante e foi injusto com as mulheres, que são... o seu fraco.

———

Meu amigo:

Curiosamente visitando a heraldica residencia de nobres titulares do Imperio, quedei-me commovida diante do fausto abandonado e envelhecido daquelle solar, que varias vezes hospedou os nossos ultimos soberanos.

Revézes de fortuna modificaram a vida daquella casa, em que parecia que tudo seria eterno como a cantaria das suas paredes ou o marmore das escadarias.

O abandono toucara todas aquellas riquezas com um halo de tristeza e a saudade pairava no ar, com o mysterio das cousas silenriosas.

Os moveis, meu amigo, falam; e aquelles, falando-me na gravidade das suas posições e na sobriedade dos seu ornamentos, disseram-me do quanto ali existiu de protocollar e austero.

No "boudoir" da Senhora, eu percebi na polidez dos espelhos um olhar de altivez e a "pose" de elegancia em que se distendia ao longo a cauda de um vestido de velludo.

No peso de um brocado de reposteiro, ainda pude divisar a mão que o sustinha e o orgulho de um corpo que passava.

Tempos que se foram...

Na sala de arte, o relogio, um grande relogio com relevos de metal, parava nas oito horas.

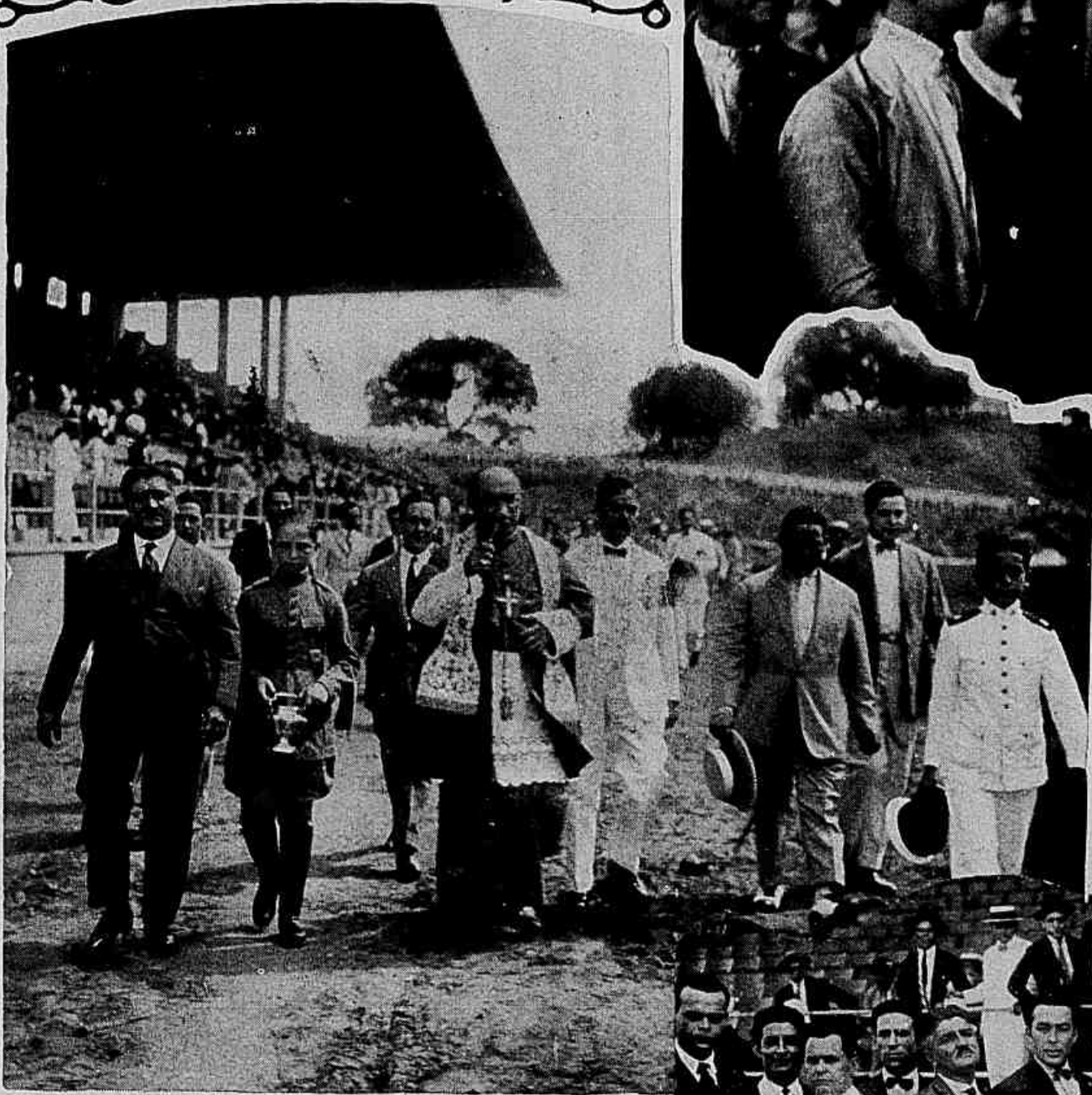
Da manhã? Da noite?...

E o meu pensamento se voltou para essa hora extrema, em que o silencio baixou desoladoramente sobre aquelle palacio.

O relogio é o coração das casas: coração frio, que marca indifferente as horas de praz r e de mágoa.

Coração que não sente as emoções nem comprehende as ansias dos olhares que acompanham a rotineira trajectoria dos seus ponteiros. Coração como o seu, na simples apparencia, mas para o qual eu mando todas estas impressões e mais uma braçada de saudades, porque o entendi vibratil e sensivel como o da

Maria de Lourdes.

No Cáes do Porto, por occasião do embarque do illustre engenheiro dr. Oliveira Passos, ex-presidente do Rotary-Club e actual presidente do Centro Industrial, que seguiu para a Europa a bordo do *Alcantara*.

1 — A ceremonia da benção do imponente stadium que o Vasco da Gama fez construir em S. Januario. 2 — S. ex. revdma. o bispo d. Mamede abençoando as dependencias do novo stadium. 3 — Grupo de directores do Club da Cruz de Malta, chronistas sportivos, socios e convidados, diante das archibancadas, durante a ceremonia. 4 — Vista geral do novo stadium, em S. Januario, cuja conclusão está, como se vê, bem proxima.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A ETERNA CANÇÃO

Todas as vezes que o Rio de Janeiro passa ás mãos de um novo governador, reflorescem as esperanças do povo que, ao cabo de tres ou quatro mezes da administração anterior, haviam emmurchecido, crestadas pela desillusão. Quando o sr. Alaor Prata assumiu o seu alto logar de Prefeito do Districto Federal e começou a abrir buracos pela cidade inteira, o povo teve uma radiosa visão de progresso: a capital iria modificar-se *de fond en comble*, revolvida pelo arsenal de ferramentas dos operarios prefeituraes e transfigurada pelo governador importado do Triangulo Mineiro. A desillusão durou mais de tres annos... Quasi o tempo todo da gestão do sr. Alaor...

Mas refloriram as esperanças deante da figura do sr. Antonio Prado Junior, vindo de São Paulo, de uma terra que é um exemplo, para fazer o orgulho da Capital Federal.

Partindo s. ex. revm. d Sebastião Leme, arcebispo coadjuctor, para Roma, em visita a S. S. o Papa, visitará tambem o Collegio Pio-Latino-Americano, a cujo director offerecerá uma prova do grupo acima, em o qual se vê s. ex. em companhia dos ex-alumnos do referido collegio actualmente no Rio, todos figuras de destaque no nosso clero.

A turma de Contadores de 1926 do Lyceu Salesiano de São Paulo, que é, de resto, o maior do mundo, contando com uma frequencia de 1.800 alumnos. Grupo feito ha dias, por occasião da collação de gráu da turma, vendo-se sentado ao centro o paranympho, dr. Amilcar Marchesini, em companhia do director do Lyceu, padre Luiz Marcigaglia, pessôas gradas e novos contadores.

Os varios problemas do Rio de Janeiro appareceram diante de S. Ex. ás pilhas, ás carradas, aos montões e a cidade, confiante, aguarda as medidas prefeituraes que não pódem ser tomadas da noite para o dia, uma vez que provado está que tudo o que aqui se tem feito de afogadilho dá sempre mau resultado.

As chuvas torrenciaes do fim de Março desafiaram, no emtanto, as qualidades de

A mocidade academica, num eloquente protesto ás scenas de vandalismo que se desenrolaram ha mezes na Policia e que foram epilogadas pela morte do negociante Conrado Niemeyer, foi em romaria visitar o tumulo do martyr do estado de sitio na necropole de S. João Baptista, no domingo ultimo. Em torno dos moços academicos reuniu-se uma multidão grandiosa, composta de todas as classes sociaes, das mais altas ás mais humildes, e o tumulo rodeado pelo povo — como se vê na gravura—tomou o vulto de um symbolo, representando, como disse um dos oradores da romaria, « os que morreram nos carceres, os que morreram nas Clevelandias, os que morreram nos sertões, de armas na mão ».

administrador do Prefeito, aggravado o aspecto horrivel das ruas pelos buracos que em numero infinito foram legados á administração actual pela passada.

O problema não é novo; é, todavia, dos mais palpitantes. Por isso, convém seja chamada a attenção do sr. Prado Junior para essa calamidade até agora sem remedio, dos alagamentos, do transito interrompido, das enxurradas de lama e outros mil males que acompanham os aguaceiros que frequentemente desabam sobre o Rio de Janeiro.

O CRIME DA POLICIA

Continúa a empolgar a opinião publica o inquerito que vem sendo feito em torno da morte do negociante Conrado Niemeyer, o suicidio apregoado pela Policia de então, o assassinio em que o publico sempre acreditou, o crime de bandidos monstruosos que a devassa actual vem apurando e demonstrando.

Succedem-se os depoimentos, numa sequencia infinita, e ha no espirito publco um anseio incontido pela punição dos scelerados que o acaso investira nas funcções de autoridades e que se transformaram em algozes, em sicarios de ferocidade inconcebivel, ostentando a sua infame figura de bandidos nas trévas do estado de sitio, compromettendo com o seu banditismo o nome da Nação perante os seus proprios filhos e enlameando-o perante o estrangeiro.

O mundo inteiro conhece já a tragedia tremenda e tem os olhos voltados para nós, indagando de que estofo moral somos feitos para que consintamos no banditismo que se prova ter havido no coração da capital da Republica, perpetrado pela propria Policia! Os representantes de todos os paizes do mundo, embaixadores, ministros, consules e colonias das differentes nações acompanham com vivo interesse o desenrolar do inquerito e pensam — com a maior das razões — em que não poderá haver paiz algum no mundo, mesmo dos mais selvagens, em que se possa admittir a impunidade para sicarios das proporções hediondas dos que vêm sendo apontados á execração das creaturas humanas que habitam sob o nosso céo.

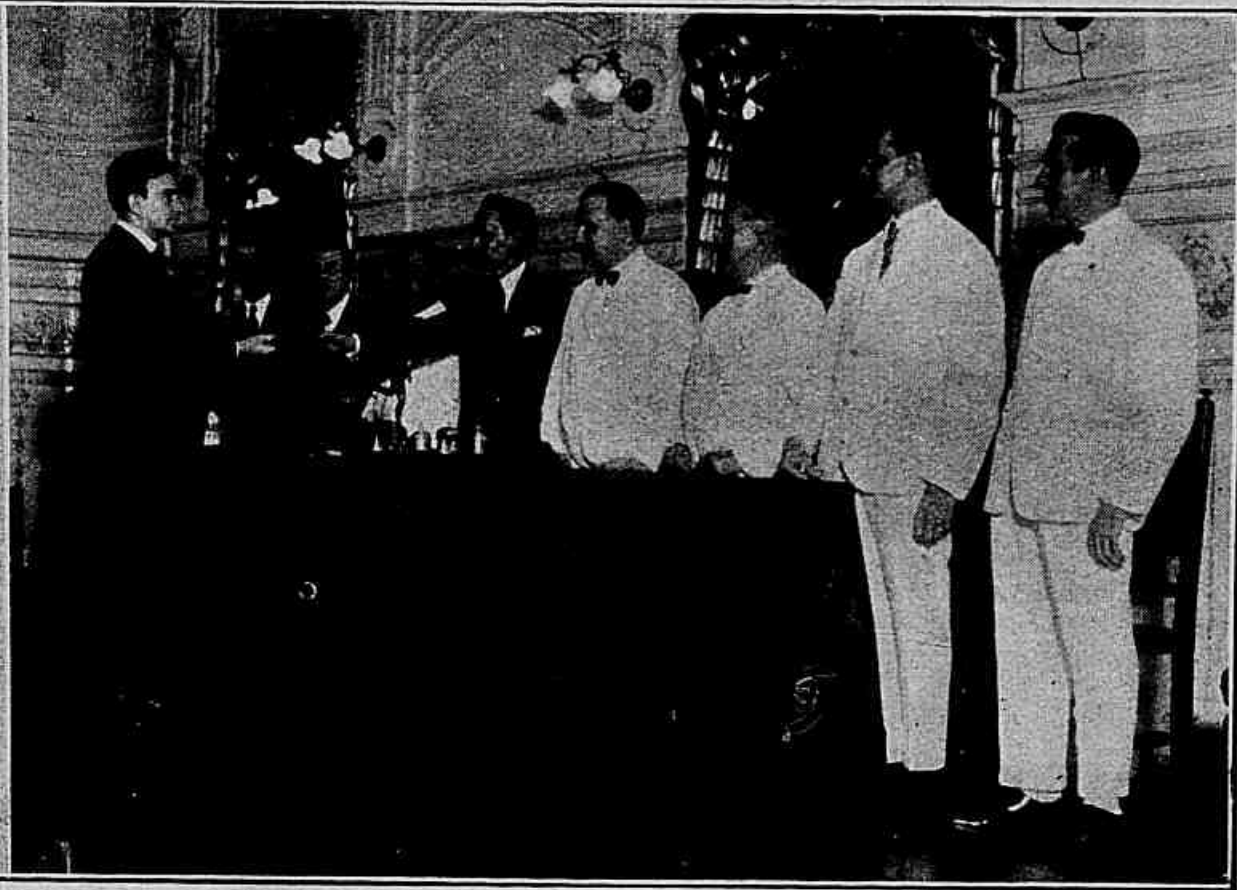
Somos da mesma opinião e tambem contamos com a justiça que se fará. E' uma satisfação que o Brasil deve ao Mundo e aos brasileiros que vibram de indignação e em cuja massa não ha uma só creatura digna que se não levante, movida num impeto, a pedir justiça!

A NOSSA REPORTAGEM DO RECIFE

A despeito de havermos solicitado aos nossos agentes no Recife a remessa de photographias da chegada, recepção e festas aos aviadores portuguezes, só podemos offerecer aos nossos leitores as que se vêem na pagina 21 desta «Revista», porque a Commissão de festas aos heróes do «Argos» não consentiu, infelizmente, que as obtivessemos.

Eis o que nos mandou dizer, em um trecho de carta, um dos nossos agentes:

«Conforme disse em minha carta, contratei um photographo afim de apanhar algumas chapas das festas aos aviadores portuguezes. Porém nada consegui, em virtude de uma prohibição da Commissão das Festas, afim de vedar a entrada de quaesquer photographos no Gabinete Portuguez de Leitura e em qualquer outro logar onde se realizassem homenagens aos aviadores, allegando incommodos.»

A culpa da escassez dos nossos informes photographicos do Recife cabe, pois, á Commissão das Festas em honra dos heróes do «Argos».

A ceremonia da entrega das cadernetas de férias aos empregados da Associação dos Empregados no Commercio, em numero de sessenta e seis. A' esquerda, um aspecto da assistencia; á direita, a mesa fazendo entrega das cadernetas de férias, sob a presidencia do socio bemfeitor sr. Cornelio Marcondes da Luz. Vêem-se tambem na mesa os membros da directoria, srs. Arthur Osorio da Cunha Cabrera, presidente; Braulio Martins, vice-presidente; Antenor C. de Carvalho, 1º secretario; José Luiz Affonso, 2.º secretario; José Gomes Senra, 1.º thesoureiro; Honorio José Rodrigues, director da Assistencia, e Joaquim Pereira de Abreu, director do Ensino.

SOBRE O ULTIMO LIVRO DE SARMENTO DE BEIRES

Não se quiz limitar o sr. Sarmento de Beires a ser um intemerato piloto dos ares.

Em fórmas impeccaveis, crystallisou na "Simphonia do Vento," o seu modo de sentir as cousas e os seres.

Mas não parou ahi. A exemplo de Van der Naillen e Bulwer Littlon, quiz transmittir aos coevos e deixar como uma esteira de luz, ás gerações vindouras, a herança do seu saber sobre as forças latentes do homem e da Natureza, e escreveu o romance "A Cidade do Sol".

O livro do sr. Sarmento de Beires não é apenas obra litteraria, mas obra de scientista e de philosopho.

Faz pensar.

A uma simples leitura, verifiquei haver muito que estudar, muito que meditar em suas paginas.

Resolvi tomal-o como assumpto d'estas despretenciosas linhas.

Não pretendo de fórma alguma fazer critica litteraria. Falta-me para tal mister competencia e gosto.

O que eu desejo é não só patentear esse aspecto do grande portuguez mas, tambem, exhibir aos leitores algumas joias contidas na sua admiravel obra.

No prefacio, em que o autor falla sobre o plano da obra e suas causas determinantes, ha conceitos emittidos para Portugal, que parecem escriptos para o Brasil.

Faz notar o autor que muito pouco apreço teem despertado em Portugal os estudos metapsychicos e que, emquanto na Inglaterra, França, Allemanha e Norte America sobem a milhares os livros sobre o assumpto, em Portugal insignificante é o numero dos trabalhos publicados.

O mesmo se poderá dizer do Brasil.

Tal reparo se poderia fazer sobre qualquer objecto de cogitações mentaes.

A razão d'isso está no analphabetismo que ainda avilta Portugal e Brasil.

Portugal libertar-se-á mais cedo do que nós da vergonhosa molestia, porque com a proclamação da Republica no paiz irmão veiu a decretação da obrigatoriedade da instrucção primaria.

E o Brasil onde ha tanta cousa obrigatoria — serviço militar, vaccina etc. — ainda não logrou ver ascender á Presidencia da Republica um homem a quem animasse o nobre desejo de ser o "Avellaneda brasileiro".

Ha, ainda, outra causa. A endemia que nos afflige a nós portuguezes e brasileiros — a bibliophobia. Poucos são entre nós os que sabem ler. Muito menor é o numero dos que gostam de ler livros, manuseial-os cuidadosamente.

Nos paizes protestantes, a leitura diaria obrigatoria do Novo e do Velho Testamento concorre para diffusão da instrucção primaria e para se generalisar o habito da leitura.

Fóra de utilidade que as auctoridades ecclesiasticas estabelecessem exigencia analoga nos paizes catholicos.

Por exemplo, um novo mandamento da Egreja tornando compulsoria a leitura do Evangelho e da Epistola do dia.

A minha "delenda Carthago" fez-me desviar do livro em apreço. Tornemos a elle.

O autor declara o seu objectivo nestas palavras: "expondo as possibilidades psychicas do ser humano, deixando entrever a acção vigorizante e moralisadora das theorias neo-espiritualistas na sociedade, aspiravamos despertar nos meios intellectuaes e illustrados a curiosidade pelo assumpto, conscios de que é necessario promover entre nós, analogamente ao que se está fazendo no extrangeiro, o estudo e a investigação das leis que regem os phenomenos desta natureza, a analyse critica d'esses milhares de factos, que continuamente nos chegam aos ouvidos e que é indispensavel colligir, escolher, e rejeitar sempre os que não offereçam garantias absolutas de authenticidade — mas reconhecendo publicamente tudo quanto fôr, na realidade, incontroverso".

E noutro ponto: "Não ha problema mais emocionante que o problema da nossa vida espiritual, ao qual estão intimamente ligados o problema da Felicidade Humana, o problema das nossas faculdades psychicas, o problema da Morte".

Esses dous trechos são bastantes para indicar a natureza do livro.

Para attingir o seu objectivo, propaganda das doutrinas neo-espiritualistas, o autor imagina um original entrecho romantico, onde vivem e actuam personagens cuidadosamente architectadas.

Sergio Aria de Castro, ao receber a herança paterna, em vez de esbanjal-a ou de collocal-a a bons juros, emprehende uma longa viagem de estudos ao Oriente.

Conhecedor dos ensinamentos theosophicos pela leitura meditada das obras de Blavatsky e R. Steiner, deseja aprofundar-se em taes assumptos e naturalmente adquirir as qualidades psychicas e os poderes alludidos por esses mestres das sciencias occultas.

Sergio repetiu, neste seculo, o que nos seculos primitivos da nossa historia fizeram emeritos pensadores, por exemplo Pythagoras, Apollonio de Tyana.

Do Egypto, da India e da China, trouxe uma grande somma de conhecimentos, a par do manejo de vetustos idiomas.

De regresso ao Eremiterio de S. Marcos, elle se dedicou ao estudo e á pratica da caridade.

Estava já reduzido em seus haveres, por tanto espalhal-os em esmolas, quando a fortuna lhe trouxe uma grande herança de remoto parente fallecido na India.

Imaginára crear um nucleo de trabalhadores que se quizessem dedicar "ao Bem da Humanidade, á Fraternidade Universal, conseguidos pela purificação da alma humana".

Reconhecia, porém, que poucas pessôas adultas quereriam dedicar-se a esse alto mistér. Era preciso preparar para isso uma nova geração.

E agora, que de novo a fortuna lhe sorrira, resolvêra emprender a grande obra.

Necessario se tornava buscar collaboradôres. E esse recrutamento, elle o fazia durante o somno.

Estou a ver o sorriso dos leitores. Entretanto, a cousa é real. Emquanto dormimos, funcciona nossa consciencia no corpo astral e tanto idéas bôas como idéas más podemos diffundir.

Trabalhando em astral, o fundador da casa Krupp encontrou a formula chimica do aço que lhe deu alto renome.

Da mesma forma, Henry Poincarré encontrou a solução de uma intricada questão de mathematica superior.

E', pois, perfeitamente aceitavel que Sergio Aria de Castro, ao deitar-se, dissesse: "Vamos Sergio ao trabalho!" adormecendo em seguida profundamente.

Recrutados os seis collaboradores para sua grande obra, Sergio se poz em acção.

Os heptarchas eram todos profundos conhecedores das forças occultas da Natureza e as empregaram na manutenção da ordem, nas defeza da cidade e, tambem, na educação das trezentas creanças que constituiam a população infantil da "Cidade do Sol".

Grandes lições conteem as formosas paginas d'esse livro.

Sarmento de Beires prega a tolerancia religiosa, quando imagina no traçado da cidade as alamedas "do Nazareno", de "Gautama Buddha" de "Isis", Osiris" e "Herus".

Transmitte-nos uma alta concepção da Divindade, quando escreve que «Sergio chegara á concepção de que Mahomet, Buddha, Hermer eram facetas de um brilhante immenso — Deus".

Usando das forças subtis da Natureza: a energia do pensamento, a sugestão, a telepathia, o hypnotismo, o magnetismo, fortalecidas pela electricidade, Sergio fez recuar o exercito d'aquelles que pretendiam dominar a cidade onde a Fraternidade Humana era um facto e a pureza de costumes regra geral.

Passados alguns annos, quando a obra estava consolidada, sentio Sergio que ia desencarnar. Reuniu no templo da Verdade os seus collaboradores e os seus discipulos e morreu serenamente, chamando antes a attenção para os phenomenos que acompanham a morte.

São, talvez, as mais bellas paginas do livro. Lembram as de Platão descrevendo a morte de Socrates.

O trabalho philosophico do grande portuguez não empana o brilho de suas realizações aeronauticas.

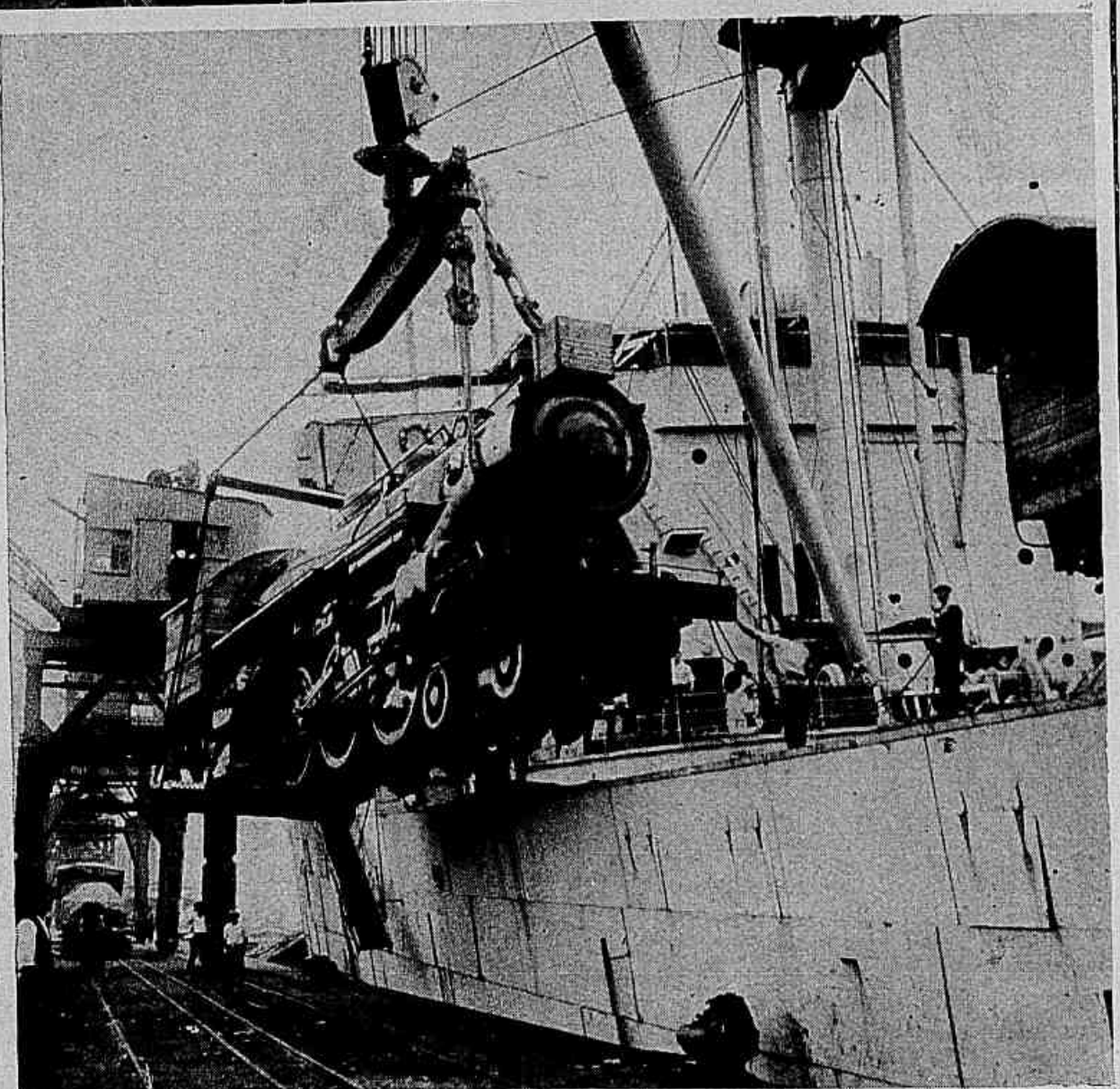
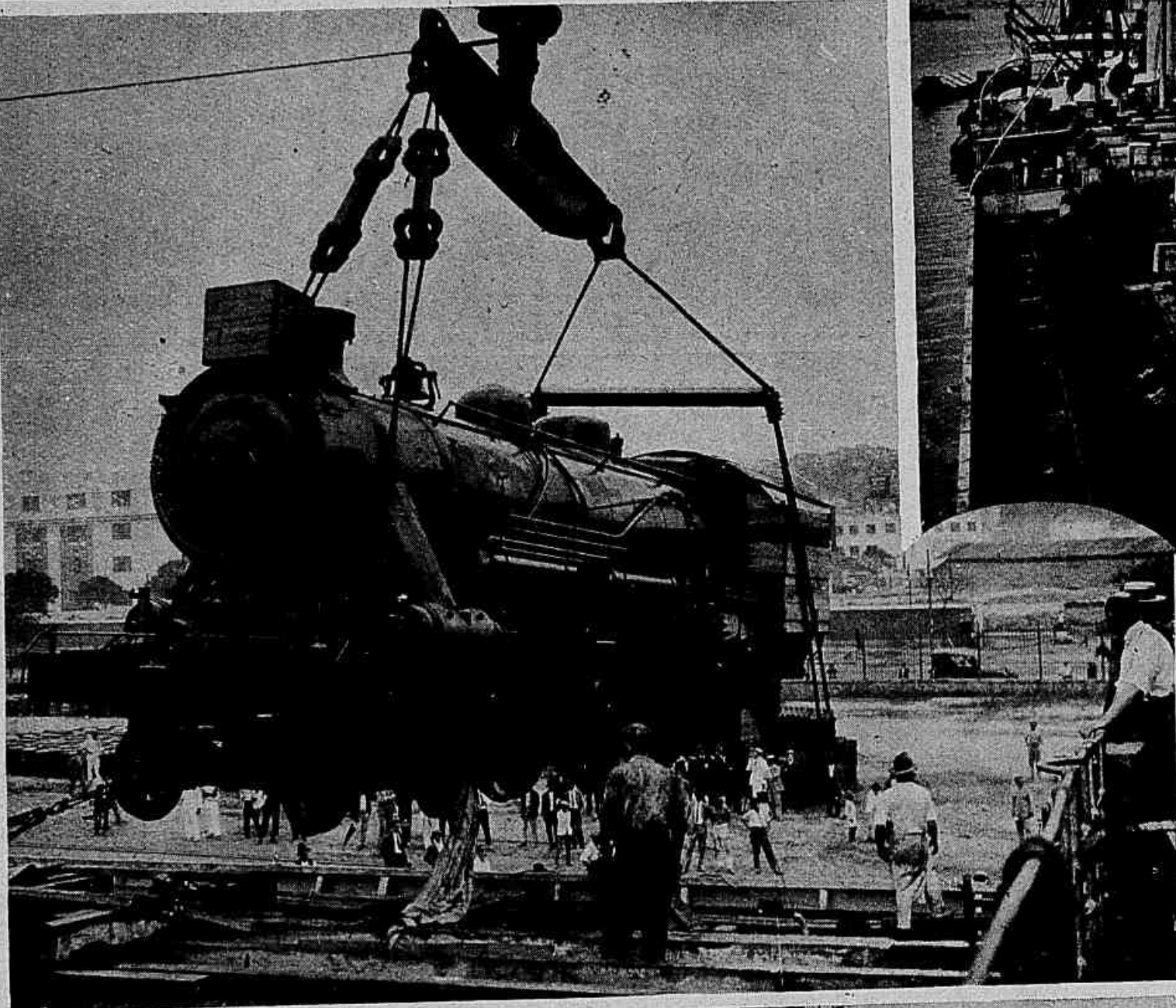
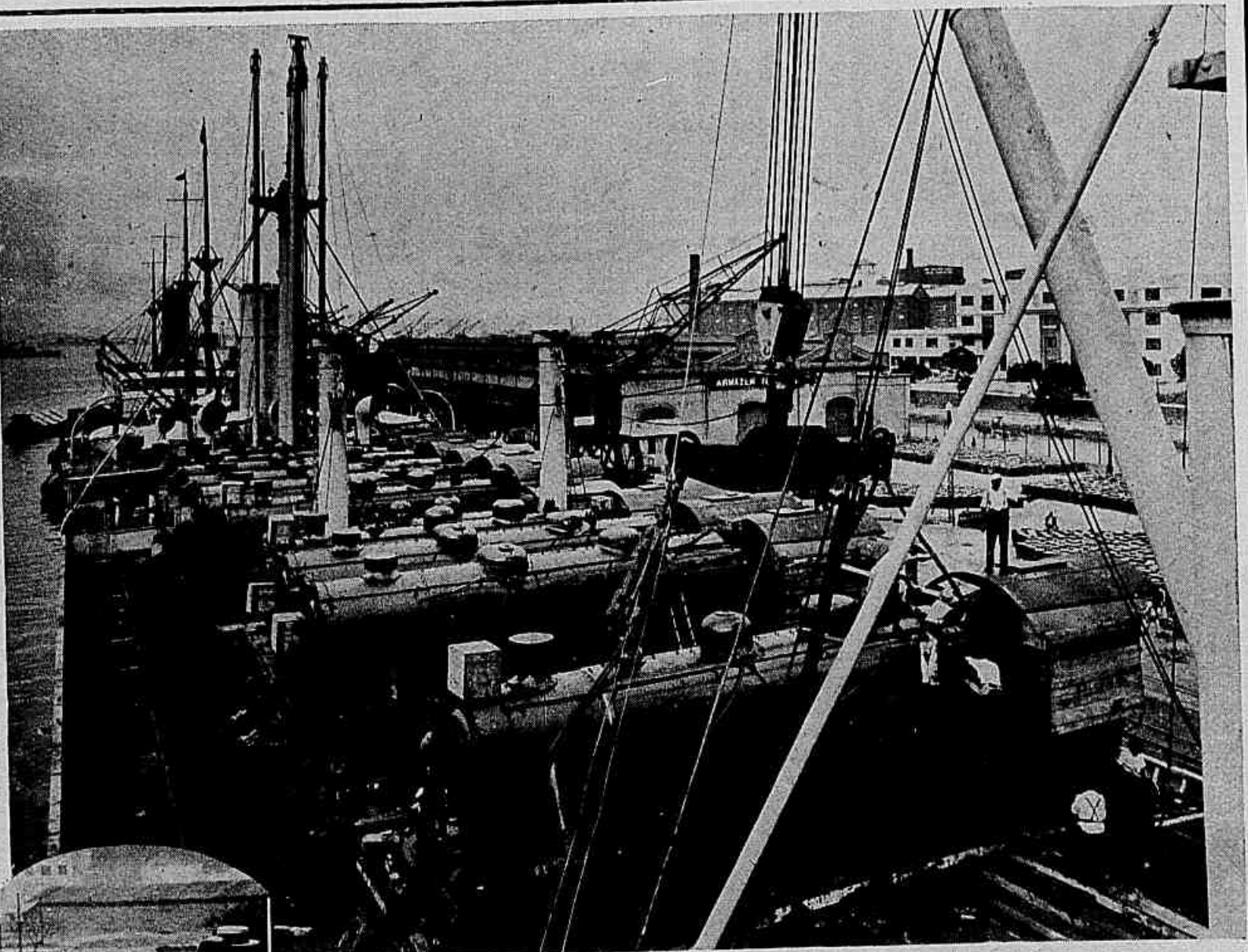
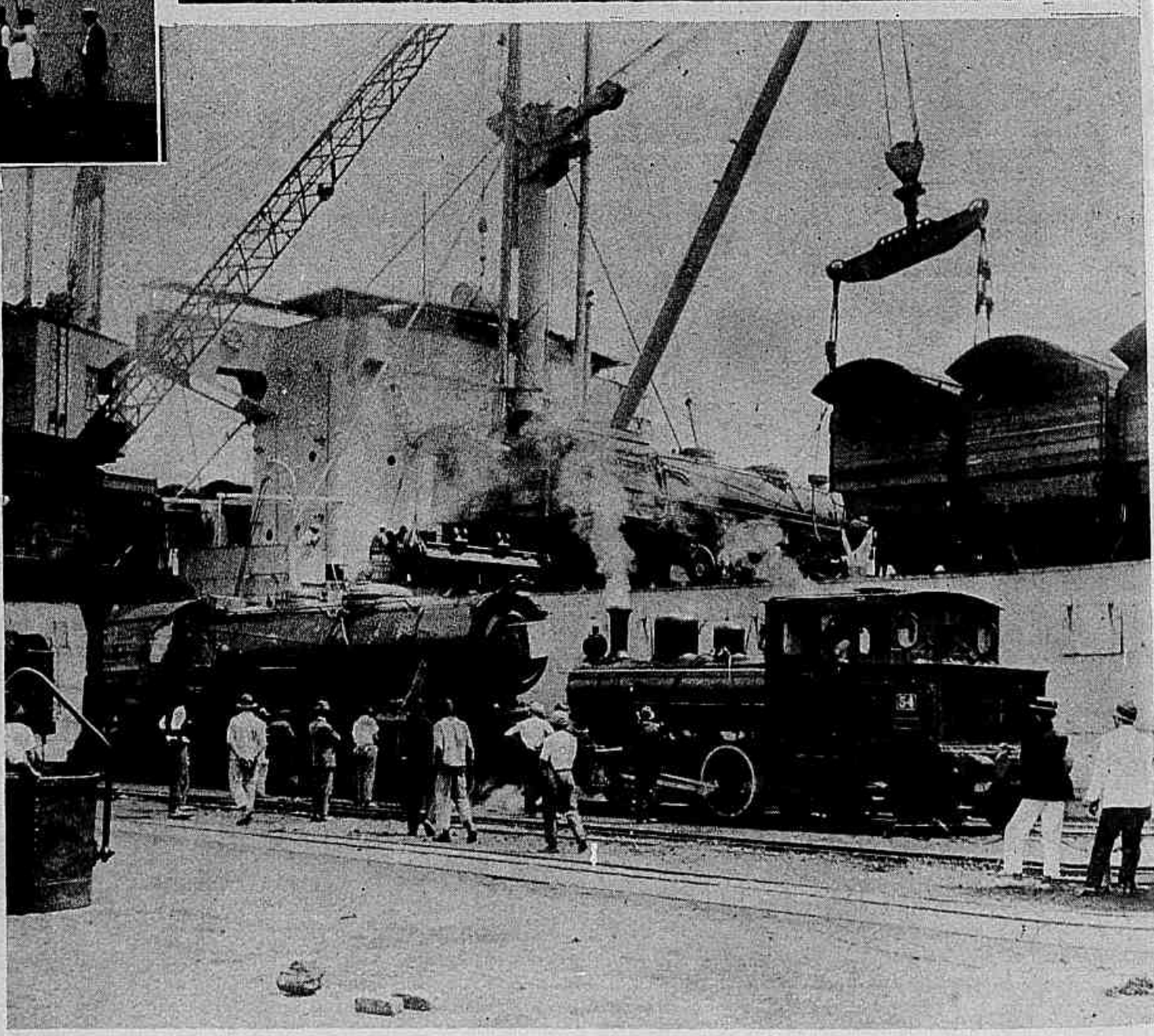
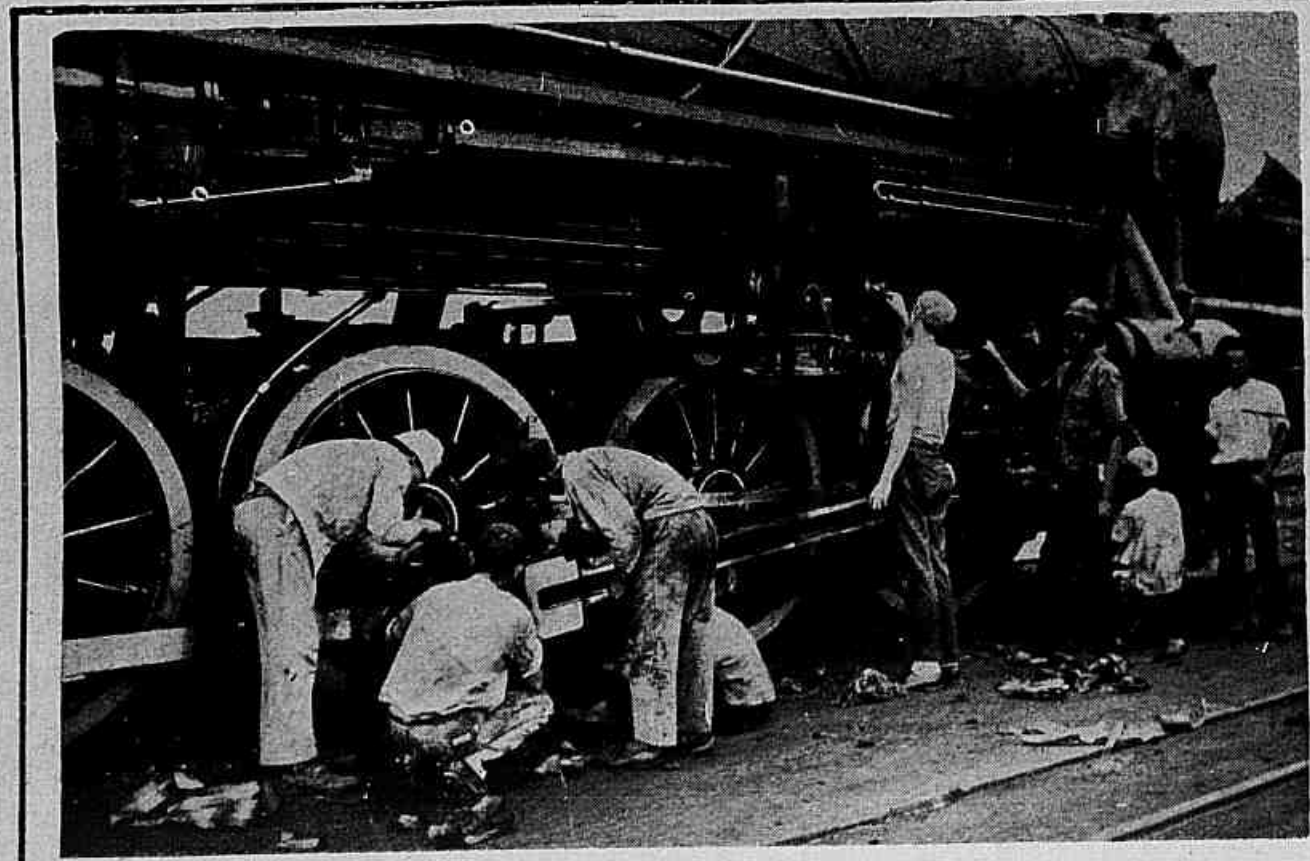
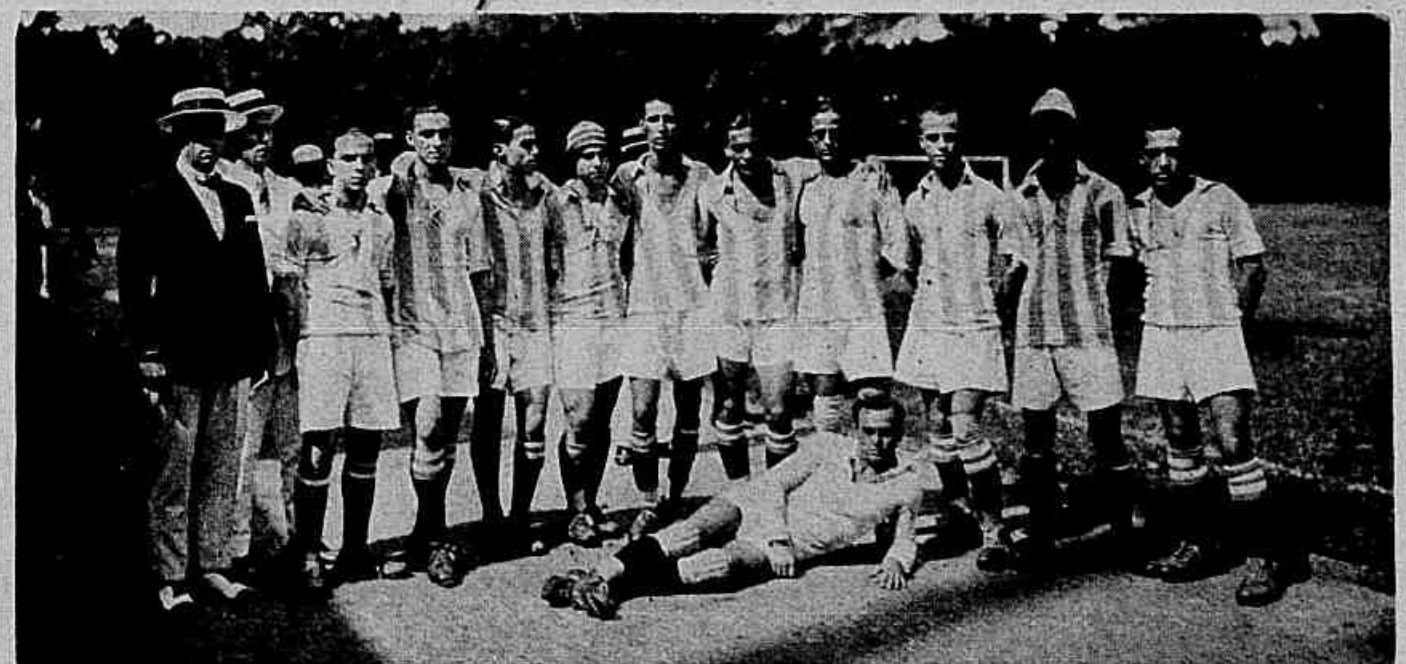
As ultimas palavras do romance são: Laus Deo!

Louvor a Deus!

Que melhor conclusão do que essa para a obra de um escriptor, animado de profundo sentimento religioso, justamente porque o seu espirito, liberto dos liames de uma religião particular ista qualquer, se elevou até a Theosophia!?

Rio, Março 1927

RAYMUNDO P. SEIDL.

O desembarque dos monstros de aço

Atracou ha dias no Armazem 10 do Cáes do Porto, o "Belgeawne", procedente de New York e trazendo para a Estrada de Ferro Central do Brasil quarenta e uma locomotivas — o maior carregamento até hoje verificado no mundo. Vem sendo feito, com a morosidade natural, o desembarque dos monstros de aço e é assás interessante vêr-se como são as locomotivas arrancadas do navio que as trouxe e postas, no cáes, sobre os trilhos que as levarão ao seu destino. A nossa objectiva logrou fixar em todas as suas phases o desembarque de um desses quarenta e um monstros e as gravuras, melhor do que as palavras, descrevem todas as peripecias da descida das locomotivas de bordo. Dando um novo aspecto do "Belgeawne" com a sua carga original, fazemol-o acompanhar de outros em que se vê uma locomotiva descer aos poucos, por um guindaste, até alcançar o cáes, onde é apparelhada e, em seguida, rebocada sobre os trilhos, por outra locomotiva.

O Torneio Initium da Federação Bancaria

Realizando-se no domingo ultimo o Torneio Initium da Federação Athletica Bancaria e Alto Commercio, venceu-o pela terceira vez o «team» da Leopoldina Railway, assim composto: Waldyr; Pardal e Mello; Moreira, Odilon e Soares; Armando, Antonio, Zico, Oswaldo e Germano. Nesta pagina estão os dez «teams» que disputaram o torneio: 1 — Leopoldina Railway. 2 — General Electric. 3 — Banco Hollandez. 4 — Sul America. 5 — Anglo Sul Americano. 6 — Banco Hypothecario. 7 — Standard Oil. 8 — Costeira. 9 — Anglo Mexican. 10 — Wilson Sons.

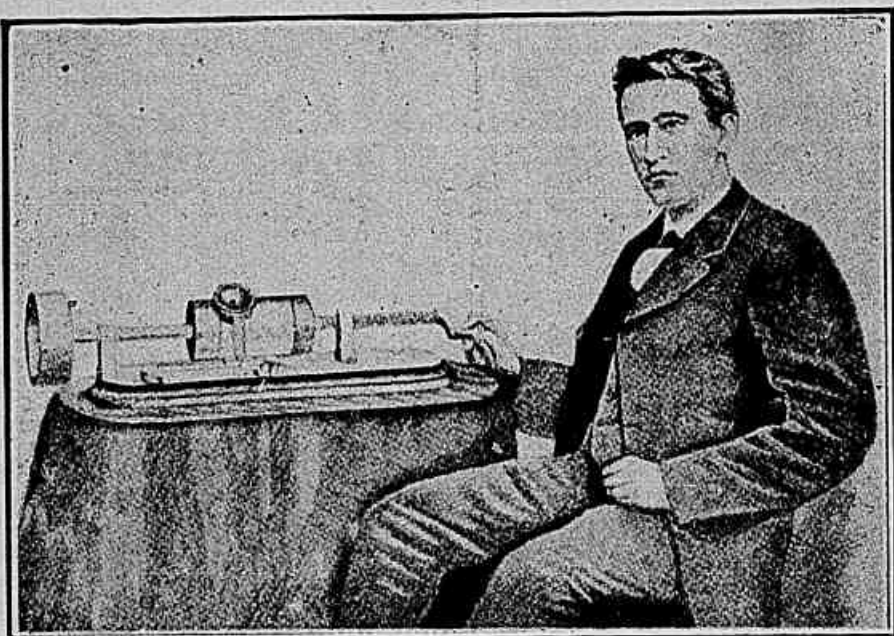
Edison octogenario

POR ANGEL DE TOLEDO

THOMAZ ALVA EDISON, o *rei da electricidade*, o *magico de Orange*, acaba de completar oitenta annos sem que a sua saude, sempre vigorosa, se tenha resentido de modo consideravel. Não ha muito, correu o mundo uma photographia em que o sabio inventor, orgulho da humanidade, tanto como da sua patria — os Estados Unidos,— apparecia marcando no relogio registrador a sua entrada no laboratorio, como um operario qualquer. Este exemplo de pontualidade e de methodo, em um homem coberto de celebridade e de riqueza, revela eloquentemente a sua psychologia.

Como todos os cerebros de excepção, Edison representa a vontade, a perseverança, a fé em si mesmo, o fogo da vocação. Quando, ha annos, já firmada a sua gloria, lhe pediram uma definição do genio, respondeu, depois de reflectir alguns segundos: "No genio ha dez por cento de inspiração e noventa por cento de trabalho". Phrase que tem um estreito parentesco com aquella outra attribuida a Buffon, que dizia que "o talento não é senão uma larga paciencia".

Mais de seiscentos inventos se devem a essa poderosa tenacidade que, consequente com a theoria antes apontada, fez fosse escripto em um album de autographos: "Tudo alcança aquelle que porfia, com tempo, em procurar". Entre os multiplos progressos que as suas invenções proporcionaram resaltam o phonographo e a distribuição da energia electrica para illuminação pelo systema de incandescencia, realizada em 1880. Inquirido sobre qual das suas descobertas mais lhe satisfazia, segundo referiu Ch. Socket, respondeu que "a luz electrica incandescente". E' mister salientar a justeza desta affirmação, dada a importancia que na marcha do mundo exerceu semelhante descoberta.

O magico Edison, na sua bibliotheca.

Edison, com o seu phonographo, em 1878 (Gravura da epocha).

Edison, como muitas outras celebridades da sua categoria, deve-se todo a si proprio. Em qualquer diccionario abundam os detalhes biographicos que o acreditam plenamente. Filho de um casal modesto, de origem hollandeza o pae, a mãe norte-americana, nasceu a 10 de Fevereiro de 1847, na povoação de Milan, estado de Ohio. Aos doze annos de edade, teve de começar a rude e penosa aprendizagem do que tem de ganhar a vida. Foi collocado como empregado de carro de bagagens na linha ferrea do "Canadá Central-Michigan", e o rapaz, animoso e resoluto, se houve de tal modo que, além de desempenhar conscientemente a sua missão, percorria durante o trajecto os carros de passageiros, vendendo pasteis, jornaes, tabaco etc.

Depois, como obtivesse algum lucro, contratou alguns rapazes que o substituissem em tão ingrata tarefa, e poude dispôr de mais tempo livre, que empregou em comprar livros e dedicar-se a lêl-os com infinita ansia. Um certo tratado de analyse chimica despertou-lhe as predilecções que deveriam tornal-o celebre. Nas paradas de trem, aproveitava o tempo para visitar officinas e laboratorios, repartições de telegraphos e bibliothecas. Em certa occasião, teve a fortuna de salvar a vida do filho de um chefe de estação, e este, agradecido, iniciou-o no estudo da telegraphia. Instruindo-se assim pouco a pouco, concebeu um dia o projecto de fundar um periodico para os viajantes, *The Grandt Frunck Herald*, que elle sózinho redigia, compunha e vendia, imprimindo-o com restos de material adquirido em imprensas de pouca clientela. O tal diario teve um exito maior do que o seu fundador esperava. Não só registrava os successos de especial interesse para os viajantes, como murmurações e commentarios, ás vezes de perigosa indiscreção. Esse systema culminou em outra folha, o *Paul Pry*, fundada em Port-Huron, de onde uma vez reproduziu casos differentes da vida privada de um individuo, o que lhe proporcionou um sério desgosto. O individuo em questão, formidavelmente indignado, encontrou-se com Edison e, accommettendo-o com o arrojo que é de suppor, atirou-o ao mar. Felizmente para o futuro genio, nadava elle como um golphinho e, graças a essa circumstancia, poude salvar-se.

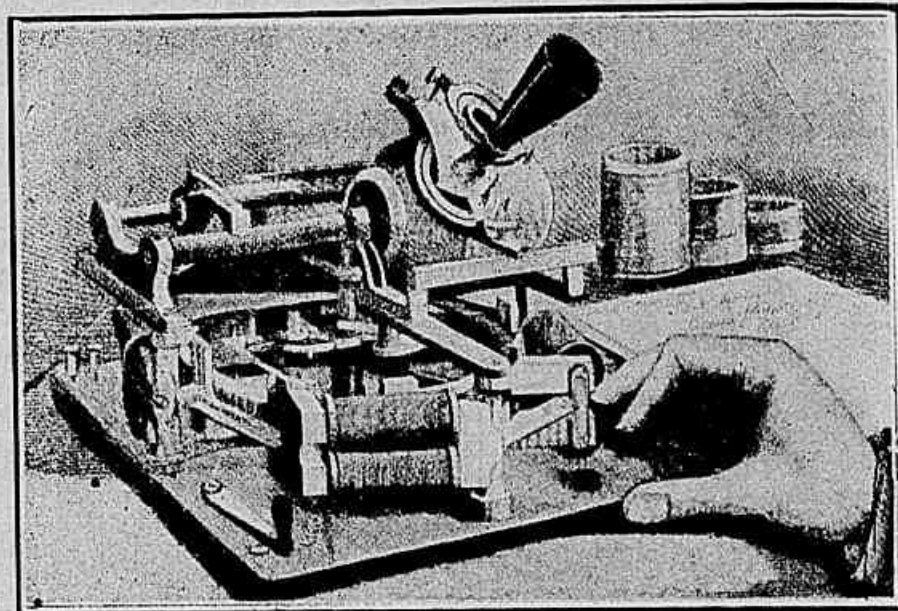
Londres. Experiencias realizadas com o phonographo na *Royal Institution*, em 1878. O apparelho reproduzindo as palavras do professor Preece. O mesmo falando diante do phonographo. (Gravura da epocha).

O celebre inventor no primeiro carro electrico, construido 40 annos antes, exposto nos salões da Companhia Edison, de New-Yok (1923).

Renunciou então ao jornalismo, conscio de que essa especie de periodismo deshonra profissão tão nobre como calumniada, e consagrou a sua ansia á obtenção de um logar de telegraphista, que obteve. Nelle deu mostras do seu talento e do seu engenho, inventando um systema que lhe permittia transmittir dois despachos ao mesmo tempo pelo mesmo fio. Realizou tambem uma tentativa para estabelecer communicação telegraphica entre dois trens em marcha e, embora frustrada, logrou chamar a attenção do publico e dos profissionaes. Mezes depois, já conhecido em Nova-York, a União dos Telegraphos do Oeste contratou-o como engenheiro, marcando-lhe um esplendido ordenado e fazendo installar, para as suas experiencias, um magnifico laboratorio em Menlo-Park.

A partir de então, a sua celebridade augmenta, consolida-se e invade o mundo. A sua casa de Llewellyn Park, em Orange, é o sitio magico de que sáem maravilhas e audacias scientificas. No anno de 1880, como ficou dito, Edison mostra a sua lampada incandescente que dará logar ao appellido do "seculo das luzes". Antes, em 1877, inventa o phonographo, que depois, em 89, na Exposição de Paris, constitue o *clou*. Os seus aperfeiçoamentos são evidentes. O publico junta-se para comproval-os, com gesto de irreprimivel satisfação.

No anno de 1877, Edison apresentou o seu invento á Academia de Sciencias de Paris e á Royal Institution, de Londres. Um periodico dá detalhes curiosos. "O phonographo que se deve a Edison — diz — é um *telephone registrador*: a voz fica registrada e como impressa em uma folha de estanho enrolada num cylindro, e quando essa placa de estanho se põe outra vez em relação com a placa de telephone, por meio de uma simples volta de manivela as palavras se reproduzem textualmente, e vibram como se fossem então pronunciadas."

A experiencia, que hoje parecceria pueril, revestiu-se de solemne singeleza. Um representante de Edison approximou-se do tubo do phonographo e, em francez e com voz firme, disse: "O phonographo apresenta os seus respeitos á Academia de Sciencias". Dois minutos depois, realizadas as convenientes operações no apparelho, os circunstantes voltaram a ouvir as mesmas palavras, "como se as pronunciasse um ventriloquo".

O phonographo. Novo modelo aperfeiçoado, de 1888.

Repetiu-se depois a prova, que deu resultados não menos satisfatorios, e o nome do inventor obteve a mais brilhante consagração official.

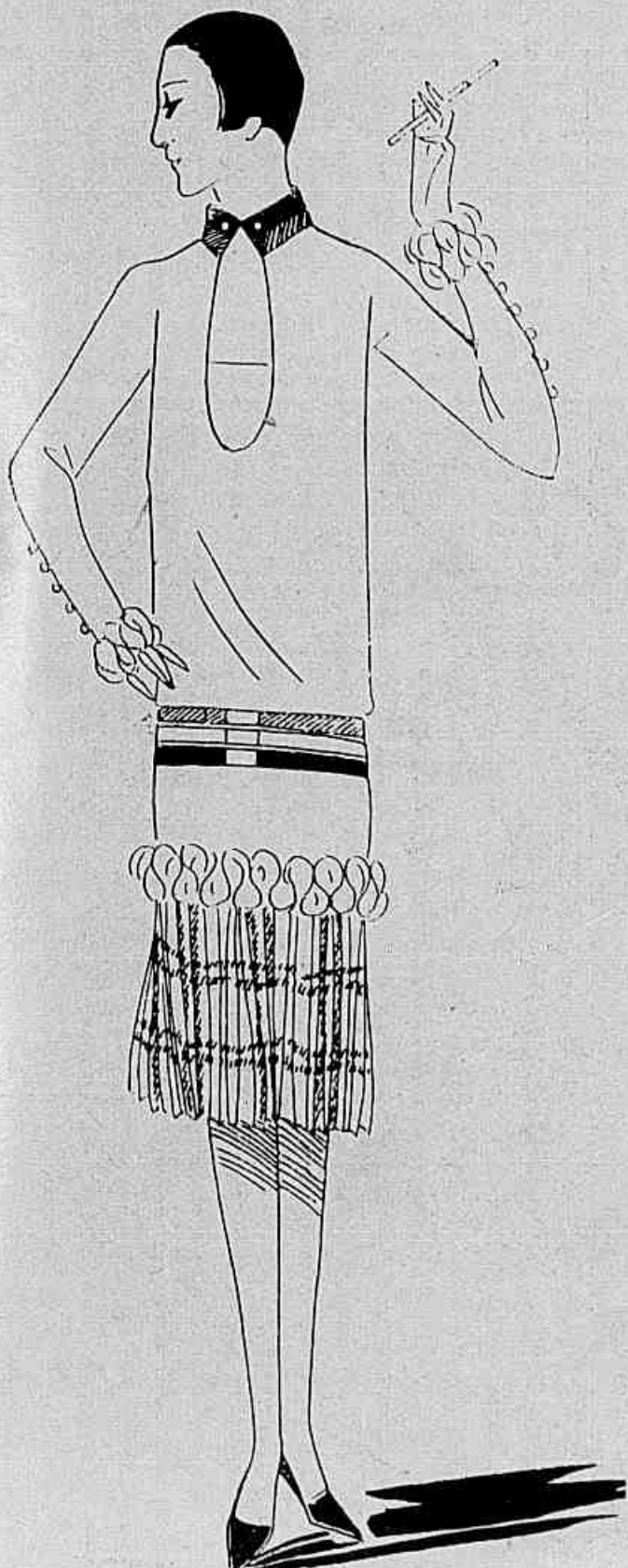
Um conhecido chronista daquelles tempos, Fernandez Bremón, commentando pittorescamente, no anno seguinte, a primeira applicação pratica do phonographo a um relogio que "gritava as horas" escreve: Recemnascido o phonographo, começa já a causar surpresas: ao pittoresco e pueril cuco dos antigos relogios pode substituir a apparição do retrato de uma pessoa conhecida, cuja voz se ouça ao mesmo tempo; aos relogios de musica, relogios que cantem. Os poetas podem ter relogios que repitam seus versos a todas as horas. Haverá machinas sentenciosas; despertadores que nos chamem pelo nosso nome; outras que saudem cortezmente e nos acariciem os ouvidos com phrases mais do nosso gosto. Vender-se-ão relogios de senhoras que digam dulcissimos galanteios e outros para enamorados que repitam constantemente o nome das suas amadas"...

De então para cá, a evolução do phonographo, tão consideravel como notoria, melhorou, ao rectifical-as, ostensivamente, as supposições de Bremón. E o chronista se permitte acreditar em que os aperfeiçoamentos do popular apparelho augmentarão ainda e não pouco, e pede ao céu que os realize o seu proprio creador, o glorioso ancião que acaba de completar os seus oitenta annos.

ANGEL DE TOLEDO

Residencia do *rei da electricidade*, em Llewellyn Park, Orange.

VESTIDOS PARA A RUA

Nos vestidos para a rua, para chás e para visitas, nota-se uma pequena revolução; a desapparição das mangas cuja ausencia se nota em muitas collecções. Os braços apparecem quasi como dantes completamente nús, mas em compensação veremos o pescoço completamente tapado, dando assim occasião para se trazerem lindas gravatas que sempre deverão harmonizar com a côr do vestido.

Já que encalhamos com a palavra harmonia, aproveitamos para não esquecer de consignar que nunca se observou tanto na toilette da mulher até constituir um verdadeiro prurido, e com as joias deverá observar-se esta lei para não cahir no mau tom.

O vestido para a rua é sempre o que, dentro da simplicidade, permitte maiores fantasias. Alguns têem certo estylo desportivo, com as suas jaquetas que ajustadas por cintura de couro opprimem a saia de pregas, tão graciosa como airosa e sempre preferida. N'outros o bolero reapparece e nestes se baseam os vestidos de maior fantasia. O adorno principal do bolero é o bordado, que deverá reproduzir-se na saia, seja na parte de baixo, á roda, ou simplesmente vertical de um lado.

Nos vaporosos vestidos de crêpe de china, que sempre incarnam a maior distincção e são os que mais conveem para os dias de sol, os desenhos estampados ou as flores bordadas imprimirão a nota juvenil. Nesta ordem de ideias, temos considerado como as mais acertadas creações as adornadas com bordados, que tanto com a côr quanto com o desenho suggerem uma evocação de antigo.

Para acompanhar estas toilettes, em passeio matinal ou pela tarde, nada tão indicado como o chapéo de feltro com bordas bastante grandes, adornados a maior parte das vezes com cintas cujos bordados, desenhos ou cores harmonizem com os do vestido.

Para terminar, quatro palavras sobre as pelles; na temporada passada se dizia que já se veria mais a chinchilla; que o kolonsky seria raro; que a zebelina ficaria esquecida; todas estas pelles continuam triumphando, apezar de tudo, como o astrakan, a lontra e a toupeira.

(Reproducção reservada).

A. D'ENERY.

(Serviço especial do *Consortium de Presse*).

Pequeno manteau de tecido de lã gauleza vermelha, guarnecido do mesmo tecido, porém rosa.

Chapéo de feltro guarnecido por uma fita de lagarto atada de lado á aba.

Luvas de *suède* preta guarnecidas de pello de macaco.

Guarda-chuva cujo cabo é de carvalho cinza, encimado por uma tampa preta, azul e verde, tendo compartimentos.

Bolsa de antilope preta, com applicações de lagarto nacar e verde.

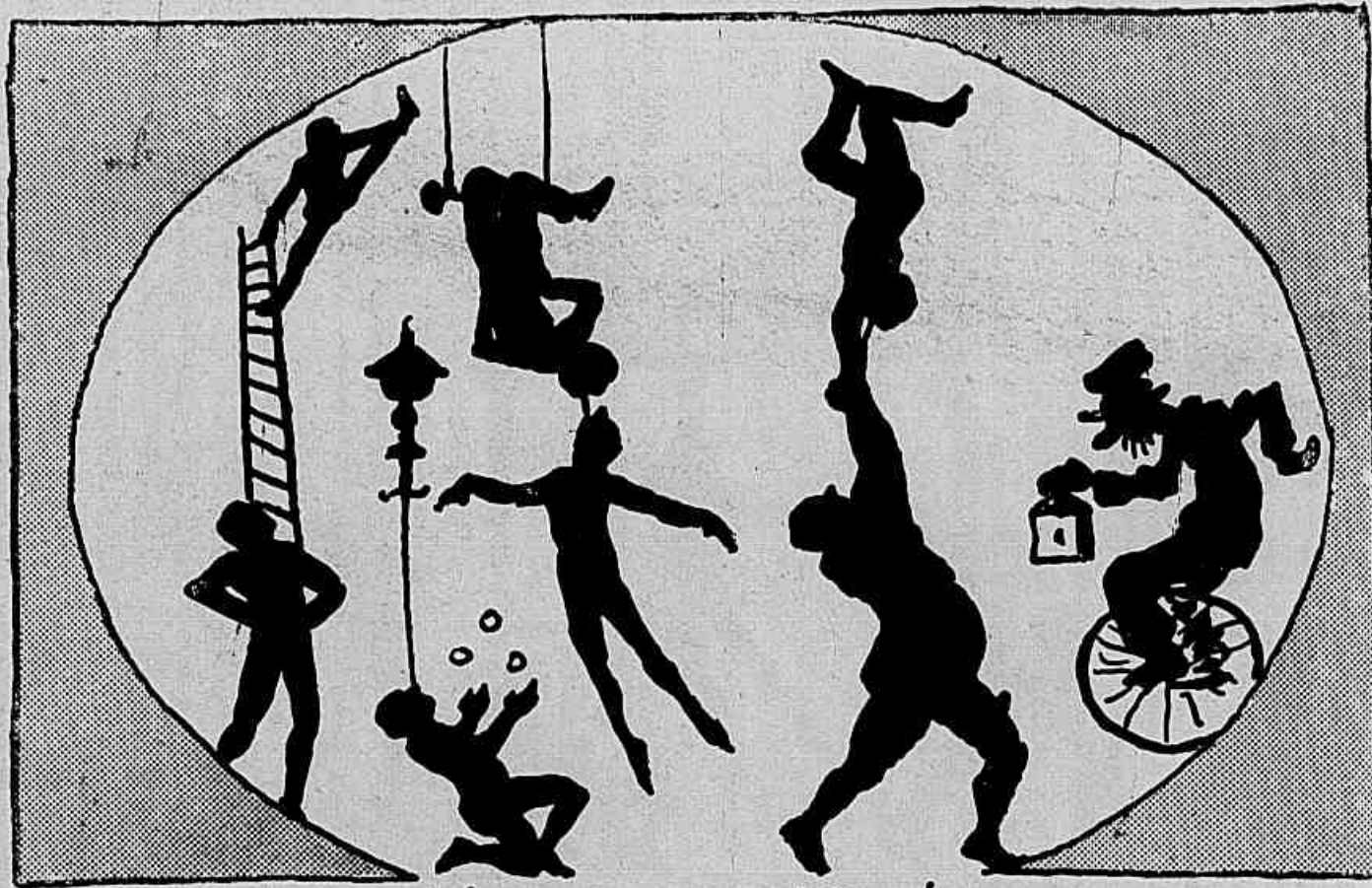
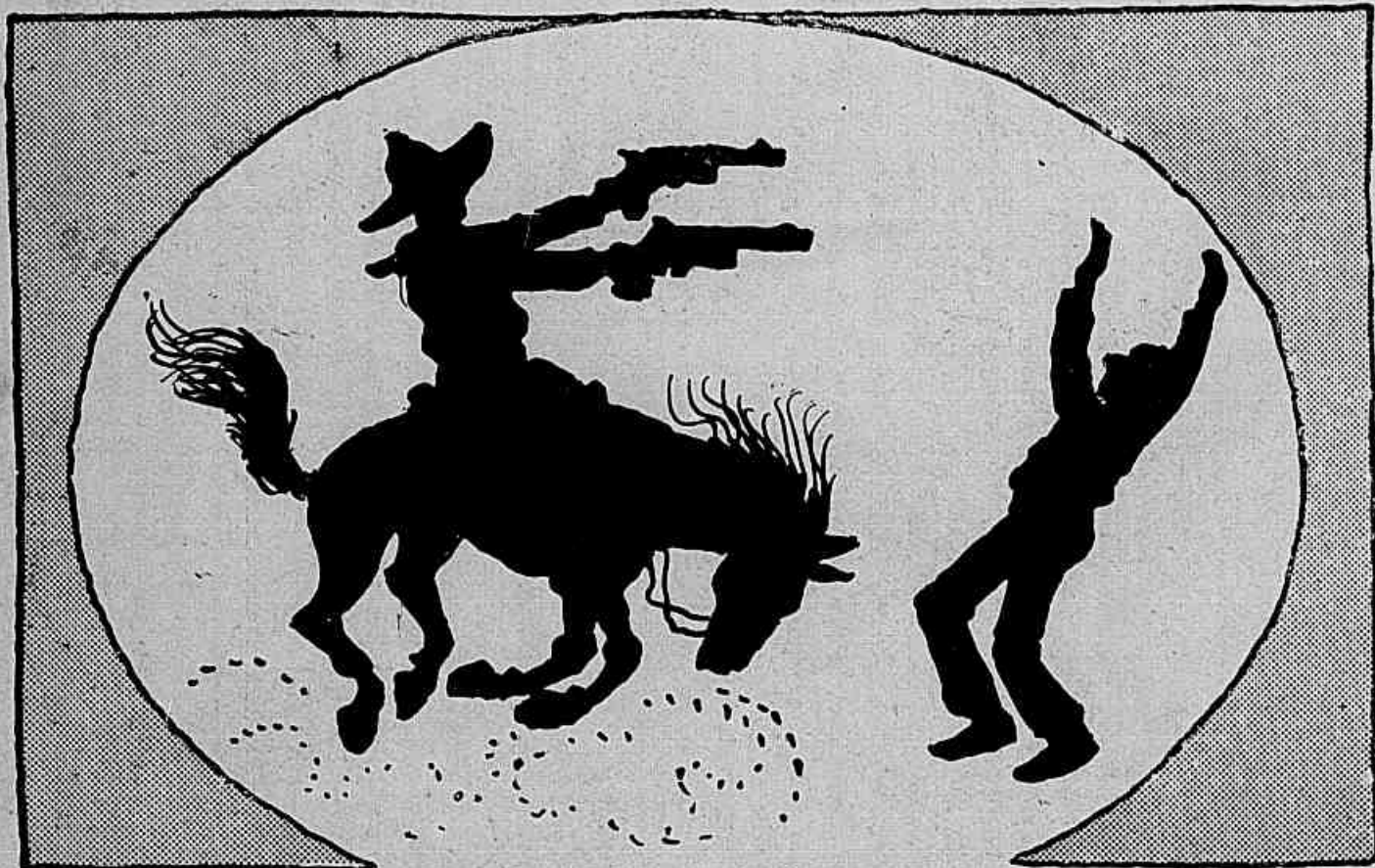
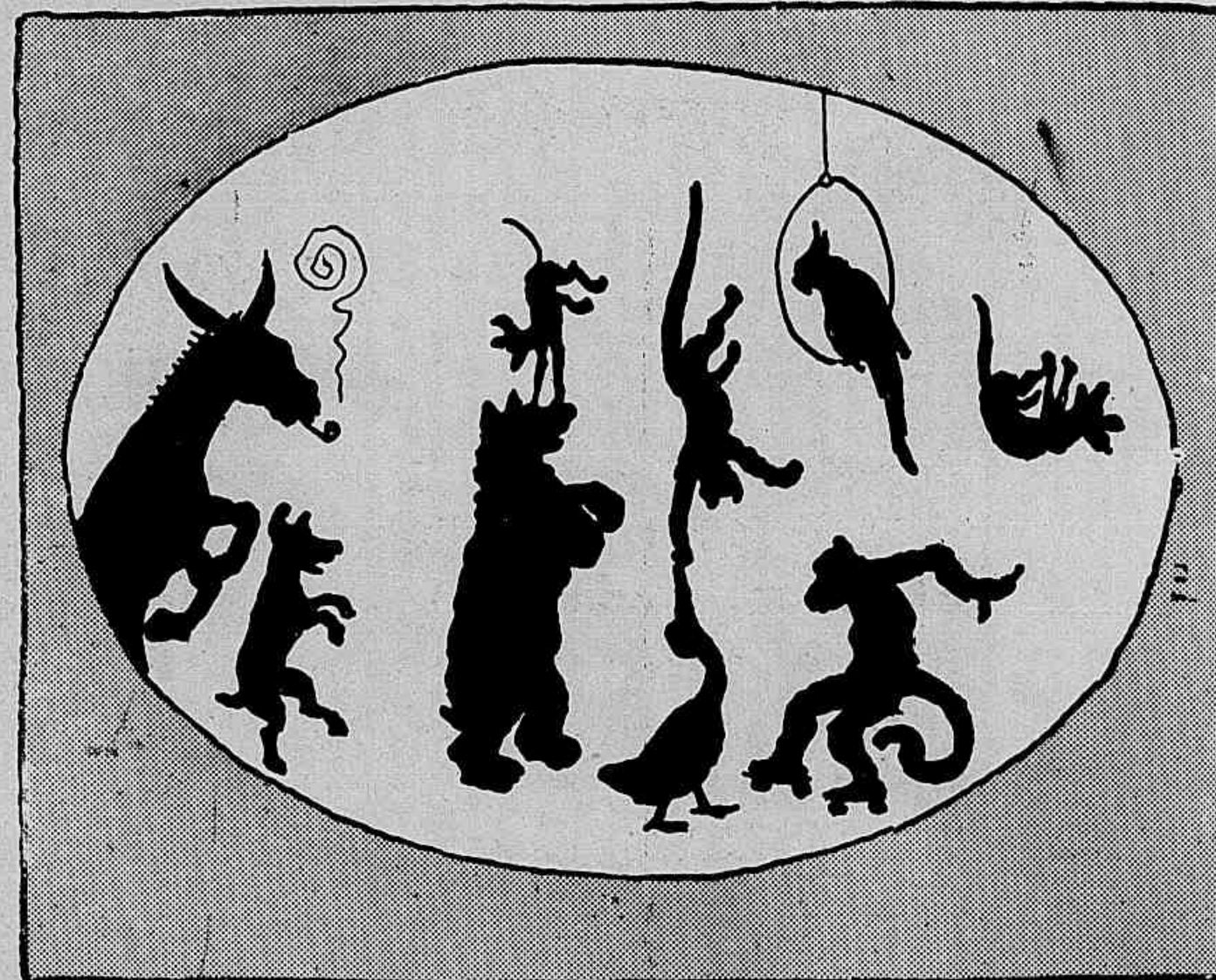
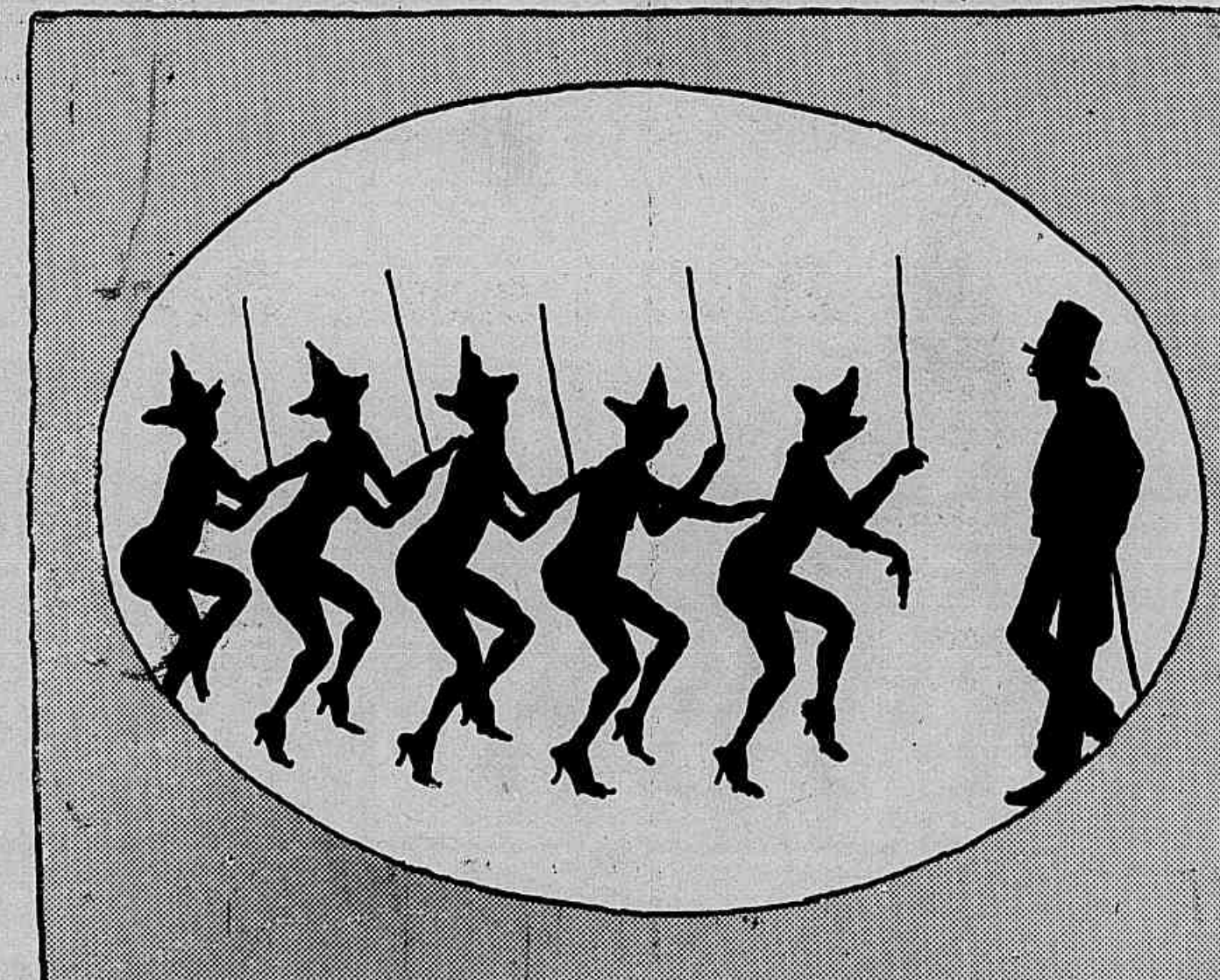
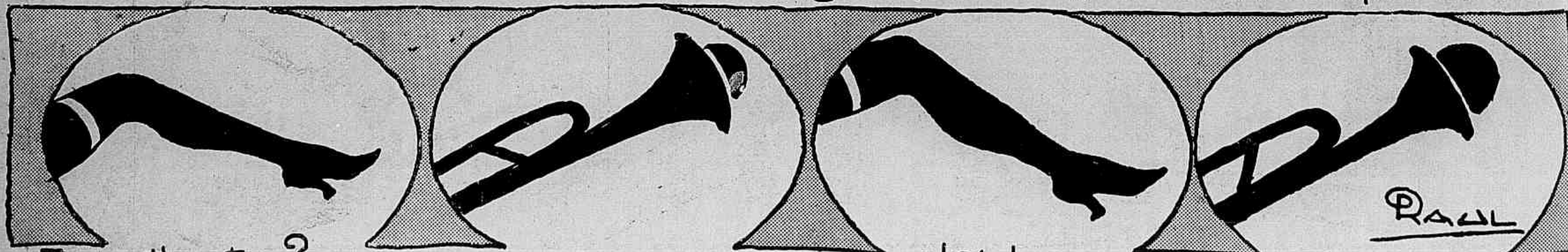
Chapéo de feltro *blond* guarnecido por fivela e uma passadeira de nickel.

Muito original este vestido de tafetás azul *changeante*, guarnecido de *beige* e verde. A saia é de surah escossez, finamente plissada.

Pequeno manteau de tecido de lã cinza, guarnecido de couro verde.

Conjunto de tecido de lã verde e crêpe *gris perle*; pequena saia plissada.

Vestido de mousseline de seda preta, bordado de passamaneria de seda branca.

PROGRAMMA MODERNO...

1ª Parte: Fita _ 2ª Parte: Variedades acrobaticas. Não ha espera.

1ª Parte: Fita _ 2ª Parte: Animaes domesticados. Não ha espera.

1ª Parte: Fita. — 2ª Parte: revuette, girls, sketch. Não ha espera.

E no theatro?.... Não ha esperanças...

CABELLOS BRANCOS

A prova do lenço convence a qualquer

Pegue n'um lenço. Deite sobre elle 20 gotas de AGUA DE COLONIA "CARMELA". Deite, ao lado, outras 20 gotas de qualquer **Tintura chimica,** restaurador ou preparação e deixe-o seccar. Observe em seguida como o restaurador ou a tintura deixam no lenço uma mancha indelevel, preta ou marrão; enquanto que "CARMELA" não deixa absolutamente vestigio algum.

Depois d'esta demostração concluente, ¿prefirirá V. Exc. continuar sujando chimicamente sua cabeça e suas roupas, cuando pode lograr que seus cabellos brancos recuperem a sua côr exactamente natural, usando um producto limpo, hygiénico é inoffensivo como é a AGUA DE COLONIA "CARMELA"?

Esta experencia prova concluentemente que "CARMELA" é inimitavel e única.

BROTAM OS COMPETIDORES

em roda do éxito de "CARMELA", porém todos, uns traz outros, abrem-lhe passo e cedem-lhe o posto de confiança que tem conquistado, por que é a mais efficaz e a de uso mais agradavel, pois applica-se com a mão, ao pentear-se, em forma de fricções.

VIDRO 20$000 — CAPACIDADE 300 GRS.

Vende-se em todas as Drogarias, Pharmacias e Perfumarias.

Peçam prospectos a J. L. Conde & Cia.

Rua Visconde de Itaúna n. 65 — TELEPHONE NORTE 2238

RIO DE JANEIRO

AGUA DE COLONIA HYGIENICA

"Carmela"

CESTA EM CROCHET

Estas cestas, feitas em crochet, são de muito facil execução. São feitas com linha grossa brilhante ou então com seda, e forradas com pongée.

Conforme o seu tamanho ellas servirão para cesta de trabalho, para o pão ou então para guardar roupinha de creança.

Faz-se mesmo em casa ou então manda-se fazer no arameiro uma armação de arame semelhante ás dos abat-jours. A carcassa é cuidadosamente coberta com uma fita enrolada em volta dos arames ou então com tiras de papel fino de tom da seda do forro.

Nos desenhos que damos ha não sómente a explicação do ponto e maneira de fazer a cesta como tambem da folha e flor que a guarnecem.

Para agradar, tenha bastante espirito: não para e revender, mas para dal-o.

VARIEDADES

Até onde pode ir a excentricidade da moda

Já sabiamos que a pelle de cobra tinha todos os suffragios; que era apreciadissima, mas até onde? Isto ignoravamos! Pois fiquem sabendo que a seductora é empregada até na roupa de baixo: adoraveis camisas de crêpe de Chine do mais azul celeste e do mais delicado côr de rosa são terminadas por uma guarnição de *boa* prateada, ou de lagarto dourado das areias. Dizem que é muito bonito, e custa um preço louco: disto não duvidamos.

Os animaes na moda

Em cada estação é um animal o preferido; com a sua silhueta fazem as guarnições. Actualmente é o gato que está na moda. Elle será broche, fivela de cinto; com sua cauda flexivel formam-se mesmo monogrammas para as bluzas. E' uma guarnição original e, como está na moda, não fica ridicula.

Os sete dias da semana

Outróra usava-se, como joias, anneis e pulseiras com sete aros, representando cada um, dizia-se, um dia da semana. Pois esta fantasia está voltando á moda; sobre as mangas dos vestidos, bordam-se pulseiras com sete arcs, um pouco acima do pulso, mas bem abaixo do cotovelo. Estas pulseiras são feitas com fio de ouro, de prata, de perolas ou de fantasia. Tem um certo chic, inherente a tudo que está na moda!

As gollas em Baby-Milk

Quanto consumo as costureiras e a moda não fazem agora deste pobre baby milk (bezerro nascido morto)! São empregados nos chapeus, bolsas, sapatos e gollas. Esta guarnição assim como as feitas com pelles de reptis estão muito em moda.

Para que um manteau, sobretudo se elle fôr de seda, tenha bem o cunho da ultima moda, é preciso que tenha uma golla em Baby-Milk.

A MODA

Os conjuntos dos *"deux pièces"*, classicos para a tarde, consistem no vestido inteiro com o manteau longo e recto. Os bolsos não são usados; uma golla virada, revers e muitas vezes, sobre o tecido escuro ou claro, o brilho dos botões de crystal.

As lãs são misturadas com os crêpes de Chine e a *toile* da India, que se parece extraordinariamente com o *shantung*.

Nas collecções das casas da rue de la Paix e dos Champs-Elysées, foram vistos muitos tecidos de lã enriquecidos com pontinhas de ouro ou de prata, isto sobretudo nos coloridos *chambertin*, azul de Lyon e castanho. O vestido feito com o tecido guarnecido de metal tem muitas vezes incrustações em tiras: na capa, cinto e barra da saia, de crêpe de Chine liso, dum tom mais claro.

O manteau que acompanha estes vestidos é forrado com crêpe de Chine identico ao das guarnições.

Os vestidos em crêpe de Chine de fantasia, floridos ou com desenhos de petits-pois ou dados, têm um aspecto antigo. Seu colorido e a disposição dos seus desenhos fazem lembrar as modas de 1880, e, mesmo mais longe ainda, as de 1830. Ha, por exemplo, um certo crêpe de Chine marron com desenhos crêmes, outro azul marinha com desenhos amarellos ou bordeaux com desenhos de pequenos bouquets de flôres salpicando todo o fundo que teem uma encantadora poesia. Naturalmente vem logo a ideia de guarnecer estes vestidos com babadinhos, ruches ou estreitos plissados, ou então com franzidos casa de marimbombos ou franzidos com cordão dentro. Não deve surprehender tambem que uma golla de guipure, de renda ou de *organdi* venha alegrar estes vestidos simples, mas encantadores.

Junto a muitas phantasias claras, appareceram tambem para a tarde tecidos listados, com a disposição de tiras, incrustadas com cadarços ou soutaches.

Volta-se outra vez para o preto. São os vestidos pretos enfeitados muitas vezes com franjas, tão

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido em crêpe de Chine vieux-rose. 2 — Casaco em tafetá preto, collete em setim branco, saia de xadrez branco e preto em tafetá. 3 — Vestido em kasha cinzento claro, guarnecido com o mesmo tecido azul marinha. 4 — Vestido em crêpe marocain beige, cinto de fantasia. 5 — Vestido em crêpe de Chine bois de rose; os soutaches que guarnecem a saia e o cinto são do mesmo tom, mas um pouco mais escuro. 6 — Vestido em linho azul, tiras pespontadas do mesmo tecido, collete em nanzouk branco e laços de fita do tom do vestido.

COMO UMA MULHER PODE CONSERVAR SUA JUVENTUDE

(Da Revista "Popular Topics")

"A mulher que deseja parecer joven deve abster-se do uso de crêmes e carmins, porque do contrario só conseguirá peorar o aspecto do seu rosto e destruir os tecidos de sua cutis", diz Margaret Holmes Bates, a conhecida escriptora. "Medicos autorizados declaram que se a mulher abusa de methodos artificiaes arrisca sua saude", assim continúa a escriptora. O tratamento perfeito ao qual se póde submetter uma cutis má é o da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), pois esta nada accrescenta á pelle, ao contrario tira-lhe algo: toda cuticula superficial, velha, descolorida e manchada. Deste modo vai apparecendo, em seu logar, a nova cutis delicada que surge gradualmente das camadas inferiores para revelar-se á superficie. Isto é o que se consegue com a cêra mercolized, que se póde encontrar em qualquer pharmacia. A cêra actua com toda suavidade e sem causar damno á nova cutis, dando á tez um aspecto rosado e brilhante completamente distincto do que apresenta uma pelle tratada por pintura. Este é o methodo que se deve seguir para que uma mulher possa conservar sua juventude.

compridas que ás vezes cobrem toda a saia. Algumas franjas são collocadas sobrepostas, formando *cascatas*. Com estes vestidos pretos, são usadas as luvas claras que lhes dão uma nota chic.

A moda quer a luva clara, da manhã á noite, bordada com baguettes, e com punhos. Conforme a hora, a fantasia é feita com mais ou menos riqueza. Com o vestido da manhã, as baguettes singelas, assim como o canhão. Para a toilette da tarde, já a luva terá o punho mais trabalhado; será bordado, recortado ou incrustado com applicações. Para depois das cinco horas o genero das luvas, chapeu e bolsa será ainda de um requinte mais accentuado.

Conselhos sociaes

AS FESTAS DE FAMILIA

São extraordinariamente necessarias e beneficas as festas de familia... Continuam os elos de uma tradição que felizmente nem os annos nem a moda inda conseguiram acabar de todo. Reunem ellas, em volta de uma meza florida, os membros esparsos de uma familia, que ás vezes pequenas questões tinham desunido... Natal com sua arvore illuminada, Paschoa com o seu alegre repicar de sinos, S. João com as suas girandolas e foguetes, emfim todos os commoventes anniversarios, marcando as felizes datas da vida, nascimentos ou casamentos, solemnidades que põem em reboliço as casas, reunindo todos aquelles que fazem parte da mesma familia, misturando os da geração passada com os da nova geração, fazem continuar a sublime e encantadora tradição da familia.

Mas, em summa, o que é a familia? Um lar edificado pelos paes que se esforçaram para tornal-o solido, aconchegado pelos habitos e pela affeição, mas que muitas vezes os filhos, avidos de liberdade, acham pequeno, porque a seiva da sua mocidade os impelle para um ideal além da grata prisão... O lar é admiravel pelos caracteres que se entrechocam, as paixões que o animam, as verdades que, em todos os estagios, se cruzam e se atropelam; pelo combate sempre novo e millenar da experiencia duramente adquirida contra a qual se revolta a intrepidez juvenil, quer dizer

MODA INFANTIL

1 — Roupinha para menino em gabardine beige, collarinho em linho branco, gravata preta. 2 — Vestidinho em flanella côr de rosa, guarnição de ponto casa de marimbondo. 3 — Calcinha em velludo azul marinha, blusa em toile de seda azul claro. 4 — Vestido em cretonne de fantasia com calcinha do mesmo tecido.

a lucta entre aquelles que sabem, e que a vida tornou indulgentes e moderados, e aquelles que apenas descortinam o mundo e pensam que tudo aprenderam num instante...

E, no emtanto, todos os habitantes do querido lar que se tornou pequena patria, adquiriram, mesmo sem o saber e apezar da diversidade dos temperamentos, um não sei que de mysterioso e de profundo que é a alma pela qual a familia é una... A alma indestructivel, secreta, ardente, sob as cinzas de onde faiscam centelhas...

No decorrer da vida diaria, cada um, levado pelos seus instinctos, puxa para si, pretendendo esquivar-se ou imaginando libertar-se do jugo. Mas que uma emoção, perigo ou felicidade sobrevenha, toda a collectividade encontra-se solidaria. Procedendo de um mesmo sangue, a raça falou.

As festas de familia serão os preciosos oasis no deserto de certas familias. Serão os dias abençoados onde os corações procuram combinar, os velhos voltam aos seus vinte annos para agradarem ás creanças, e os jovens, impressionados por um sentimento que não comprehendem, despem o seu cynismo postiço, ao passo que as creanças pousam maravilhadas sobre esses agapes que encantam sua imaginação e povoam suas recordações de imagens... Uma alegria sã circula, e a conversa é posta ao alcance da creança que participa da festa. E como cada vez que as palavras são simples o pensamento torna-se profundo... pensa-se naquelles cujas almas leves adejam, para abençoar os vivos que se recordam, os caros ausentes que fizeram da familia o que ella é... Escuta-se as palavras que não são pronunciadas e que todos no emtanto ouvem. Pensa-se na vaidade das brigas, na inconsciencia dos desgarrados, na doçura de estarem alli reunidos, fraternalmente.

Recordam-se as provas que fizeram tremer a casa e a bella fachada que o passante olha com inveja porque ignora sempre os soffrimentos que se escondem atrás de um bello muro. E estando ali reunidos, avós, paes, filhos e netos, todos marcados com o inexoravel atavismo, hereditariedades que são ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza, comprehende-se, até ás lagrimas, a grandeza implacavel da familia.

Bella e forte conclusão... A familia, refugio de todas as esperanças, suprema consolação, porto encantador da felicidade, junto ao mar encapellado da vida.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

A CARNE DE VITELLA

Vive-se do que se come ou, para ser mais exacto, do que se digere. Morre-se tambem. E' preciso portanto fazer uma selecção. Deve-se dizer no emtanto que, nesta questão da escolha dos alimentos, é bem difficil manter-se uma opinião segura; porque cada dia uma informação nos chega do mysterio dos laboratorios, sobre uma qualidade inesperada ou um defeito insuspeitado de um alimento que se costumava empregar diariamente. E' assim que, ainda hontem, a vitella tinha uma reputação bem estabelecida de carne branca simples. Era a carne do quinquagenario porque era tida como menos toxica. Mas tudo passa, até mesmo a inno-

cencia da carne de vitella. A competente Chimica Physiologica demonstrou que esta carne devia ser supprimida do alimento das pessoas de idade, porque ella contém purinas, substancias capazes de provocar a arterio-sclerose. Esta interdicção estende-se a todas as carnes novas; d'aqui a pouco irá até ao tenro franguinho.

MENU

CONSOMMÉ

PEIXE COZIDO

BATATAS COZIDAS

FATIAS DE RIM PASSADAS

ARROZ

COELHO Á CAÇADORA

SALADA DE ALFACE

PUDIM DE MAÇÃS

BISCOITOS DE CERVEJA

CONSOMME'

Põe-se no caldeirão para cozinhar 250 grs. de carne de vacca bem limpa de todo sebo, pelles, nervos e picada em pedacinhos; junta-se uma cenoura picada tambem em pedacinhos e uma clara de ovo. Deixa-se cozinhar em fogo brando com a panella bem coberta. Depois de tudo muito bem cozido côa-se o caldo, por um guardanapo, temperando-o com sal, e na hora de servir põe-se dentro de cada prato uma gemma de ovo. Essa quantidade de carne é para uma muito pequena quantidade de caldo.

Quanto mais carne se puzer mais gostoso ficará o consommé. Usa-se tambem pôr dentro do prato de sopa um galho de salsa ou de hortelã.

PEIXE COZIDO

Primeiro põe-se para cozinhar uns seis ciris, doze camarões e umas doze ostras, essa quantidade para um peixe pesando umas 800 grs. pouco mais ou menos.

Põe-se numa frigideira untada com manteiga o peixe, bem temperado com sal, pimenta, cebola cortada em rodellas e um bouquet de cheiros; rega-se com a agua na qual se cozinhou os mariscos, depois de bem coada, juntando-se um pouco de vinho branco. Logo que o peixe estiver cozido, côa-se o môlho e engrossa-se com meio copo de leite, um pouco de maizena, um pouco de manteiga e por ultimo junta-se tres gemmas de ovos e um pouco de sumo de limão.

O peixe é arrumado no centro da travessa tendo em volta os mariscos, ovos duros cortados em rodellas, batatas cozidas e azeitonas. O môlho é servido na molheira.

FATIAS DE RIM PASSADAS

Depois de bem limpos os rins, corta-se em fatias que são passadas no ovo batido, em seguida na farinha de rosca e novamente no ovo e farinha de rosca. Depois põe-se para fritar em manteiga bem quente. Quando se acabou de fritar o ultimo pedaço de rim, põe-se na frigideira onde foram fritos um copo de vinho branco e um bouquet de cheiros. Logo que ficar reduzido côa-se, e põe-se novamente no fogo a panella; junta-se então um pouco de manteiga e salsa picada.

COELHO A' CAÇADORA

Depois do coelho bem limpo, corta-se em pedaços que se põe no tempero, bastantes horas para tomar o gosto. No tempo frio póde se pôl-o de vespera, mas nestes mezes de verão não é prudente comer-se carnes guardadas.

Corta-se em fatias uma cenoura e uma cebola grande; junta-se uma folha de louro, um raminho de cheiros, arruma-se isto dentro de um alguidar e põe-se por cima os pedaços do coelho; rega-se com uma chicara de azeite, uma colher de vinagre ou de sumo de limão e um copo de vinho branco. De vez em quando rega-se com esse tempero as partes que não estão cobertas.

Na hora de preparar escorre-se bem o tempero, passa-se na farinha de trigo todos os pedaços do coelho para ficarem bem enxutos. Põe-se numa panella 100 grs. de manteiga e essa panella sobre fogo brando; quando a manteiga estiver quente, arruma-se dentro da vasilha, primeiro os pedaços maiores e depois os menores. E' necessario que o fundo da panella seja bem grande para conter todos uns ao lado dos outros. Logo que o fundo da panella esteja secco, põe-se uma ou duas colheradas do tempero; no fim de uns quinze minutos, vira-se do outro lado os pedaços do coelho, devendo estar bem coloridos. No fim de algum tempo vae-se

e junta-se-lhe então o sumo de tres laranjas e dois copos de crême, dentro do qual se dissolveu, na occasião em que foi feito, tres folhas de gelatina. Bate-se bem duas claras e junta-se antes de pôr a mistura na fôrma para gelar.

BISCOITOS DE CERVEJA

Meia garrafa de leite, meia chicara de gordura, meia colher de manteiga, meia chicara de fermento de cerveja, meio pires de assucar, dois ovos, quarenta colheres de farinha de trigo. Amassa-se tudo muito bem e põe-se para assar em taboleiros, formando pequenas bolas — forno quente.

BAILES Á FANTASIA NO FIM DA QUARESMA

Já ha alguns annos que começámos a festejar o sabbado da Allelluia com bailes á fantasia como imitação da Mi-Carême franceza.

A Mi-carême foi instituida para que os fieis tivessem um dia de alegria para descançar das tristezas da quaresma; esse dia como bem indica o seu nome era bem no meio da quaresma e não no sabbado da Alleluia, como o festejamos aqui.

Ficaram celebres alguns bailes da Mi-Carême dados pela princeza de Sagan, e mais approximados do nosso tempo o sensacional baile de Mme. Manuel de Yturbe e o baile das flôres de papel em casa de Mme. Madeleine Lemaire, aos quaes assistiu toda a Gentry parisiense de vinte annos atrás. Um pouco antes da guerra teve logar em Paris o maravilhoso e feerico baile persa na residencia da condessa A. de Chabrillon, e logo a seguir um lindissimo em casa da condessa de Clermont.

Hoje ninguem mais usa nesses bailes vestuarios de Arlequim, Pierrot e Pierrette ou de Colombine. Procura-se nas excentricidades, filhas do impressionismo, do futurismo e do cubismo, inspirações exquisitas, o todo alegrado pelas musicas dos jazz-bands. Os recentes bailes dados pela condessa Emmanuel de la Rochefoucault, pela condessa Maurice de Roustien-Mérinville e pela condessa Etienne de Beaumont, assim como o baile de creanças dado pela princeza de la Tour d'Auvergne e o dado pela marqueza d'Ascangue, ultimamente, são dignos de ficar inscriptos nos annaes mundanos. Como é interessante tambem essa moda da cabelleira empoada, que faz as senhoras assemelharem-se ás marquezas Luiz XV ou ás heroinas de Gainsborough ou de Rey-

tirando primeiro os pedaços pequenos que cozinham mais depressa.

Arruma-se depois os pedaços do coelho, uns em cima dos outros, num prato de ensopado. Junta-se ao môlho um pouco mais do tempero e um pouco de agua ou de caldo, em seguida côa-se, juntando-se depois um pouco de manteiga e maizena. Se a côr do môlho estiver com um tom bem escuro, junta-se lhe umas gottas de assucar queimado. O môlho vem na molheira, assim como as fatias de pão grelhadas, por sua vez, veem num prato separado para facilitar o serviço.

PUDIM DE MAÇÃS

Corta-se em fatias meio kilo de maçãs, depois de descascadas; põe-se numa panella com 125 grs. de assucar. Logo que estiverem cozidas passa-se na peneira. Deixa-se esfriar

nolds, que parecem ter descido dos seus quadros para virem tambem divertir-se. Renunciou-se um pouco, e com razão, ás fantasias grotescas, procurando-se antes as lindas e delicadas reproducções das gravuras do seculo XVIII. Em geral para os bailes ou jantares de têtes são usados os dominós: o dominó em filó terminado por plissados, com as longas mangas abertas e a golla de renda, ou então o dominó todo côr de rosa, tendo o formato de um longo casaco com babados, com incrustações de flôres de Chantilly, com capinha de Chantilly sobre os hombros e mangas muito largas.

Emfim, devemos acrescentar, o que constituio o chic e a originalidade dos recentes bailes á fantasia ou de cabeças enfeitadas foi o que chamam les entrées.

Um certo numero de pessoas, homens e senhoras, combinavam representarem um quadro, uma scena, um conjuncto; cada um conforme as suas aptidões, o seu physico, a sua physionomia. Era lhe dado um papel, uma funcção que cada um se esforçava para tornar verosimilhante ou para idealisal-a. Alguns formavam o assumpto principal, os outros os accessorios. Toda esta mise en œuvre *necessitava multiplos ensaios e forneciam o pretexto para encantadoras e numerosas reuniões onde se discutiam os vestuarios, a illuminação, os gestos etc.*

CONSULTORIO MEDICO

Grauben (Bello-Horizonte) — Agradeço as amaveis referencias de sua carta. Receberei com prazer os originaes que me promette, confiante no aperfeiçoamento do seu espirito literario. Escreva sempre — é uma maneira certa de progredir. Cultive sempre a alegria de viver. Aguardo noticias e endereço certo.

M. V. (Rio) — Está em voga a chimiotherapia intra-venosa da Gonoccocia. Repetimos: até obter a cura, injecções intra-venosas (3 vezes por semana) de 5 c. c. de uma solução aquosa de amarello de acridina a 1 por 50. Alguns autores recommendam injecções intra-venosas de glycose. Tomar após as refeições dois comprimidos de *Hexal*, dissolvidos nagua.

Lydio (Santos) — A fraqueza genital é perfeitamente curavel. Trata-se de um desvio de funcção da prostata (bleno mal tratada etc.) Aconselho injecções sub-cutaneas diarias de *Sôro lipotrophico masculino* e ás refeições dois comprimidos de *Yohydrol*. A diathermia é aconselhavel em alguns casos. Mediante endereço certo enviarei todos as indicações necessarias.

Walkiria Arieva (Itajubá-Minas) — Tomar tres ou quatro dias antes da epoca presumida das regras injecções sub-cutaneas de Agomensine Ciba. Lavagens quentes.

Doris (Rio) — E' na imaginação do homem que vive o mysterio da mulher. As illusões e os devaneios, os surtos de idealisação são dirigidas pelas leis profundas da sexualidade. A inconstancia na mulher é um rythmo fatal, a oscillação regular do desejo.

"Junia" (S. Paulo) — Tomar, quatro dias antes da época presumida das regras, dois comprimidos de Agomensine, tres vezes por dia. A' noite tomar uma colherinha de Sédosine, dissolvida em um pouco d'agua assucarada. Aconselho tambem injecções sub-cutaneas diarias de *Sôro lipotrophico Feminino*.

Ariosto (Valença — E. do Rio) — Exame de sangue (reacção de Wassermann). Injecções intra-musculares de *Bismophanol*, tres vezes por semana, série de 15 a 18 injecções. Após o bismutho, fazer para o tratamento racional da syphilis injecções intra-venosas de néo-salvarsan (914). O tratamento deve ser seguido por medico.

Amalia (Paraná) — Querendo repetir o assumpto da consulta attenderei com prazer. A carta anterior não foi recebida. Gratissimo.

Mlle. Sylvia R. (Rio) Fique certa de que um estomago que soffre é um estomago que se esvasia mal ou um estomago que secreta muito. E' preciso exame.

Soffredor (Barbacena, Minas) — Contra o catarrho chronico das vias urinarias aconselho o helmithol ou hexal, ou então a seguinte formula:

Uso interno: — Folhas de uva-ursi, 10 grs.; Agua distillada, 150 grs..

Para infuso. Ajunte-se: Urotropina, 4 grs.; Xe. de cidra, 50 grs.

Para tomar 4 a 5 colheres por dia.

Mme. F. B. G. (Santos) — Tomar antes das refeições cinco a dez gottas de Iodo-hepatose. O tratamento contra a tenia é preciso ser dividido em tres tempos: regime alimentar, creando um am-

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro.

Lady Diana — O meu *Creme de Massagem* nutre a pelle e torna-a branca, macia e transparente.

Desgostosa — O seu caso não me parece tão complicado como diz. Aconselho o seguinte tratamento. A' noite, antes de deitar-se, applique por alguns minutos uma compressa com a *Loção de Cravos*. A proporção a empregar deve ser de uma colher de chá da *Loção* para uma chicara de agua quente.

Em seguida applique uma leve camada de *Pomada dos Cravos*. Durante o dia humedeça tres vezes o rosto com a *Loção de Embellezar a Pelle*, enxugue e ponha o *Pó Hygienico*.

Mlle. Gertrudes — Conheço o livro de que me fala e sobre o qual me pede uma opinião. Esta não lhe é favoravel. E' um livro que deve a sua reputação ao que n'outros tempos passaria por escandaloso. Não vejo em que possa interessal-a uma obra d'esta natureza, quando ha tantos livros bellos e elevados.

Mme. M. — Eu lhe guardarei um dos rollos penumaticos de massagem que ainda tenho. Mas é preciso que me diga se pretende o modelo maior para a massagem do corpo, ou modelo menor destinado á massagem do double menton e dos braços.

Lia — Para o cabello *á la garçonne* o *Tonico n. 10* tem a vantagem de fixar o cabello sem o prejudicar na sua saude como as condemnadas brilhantinas. O *Tonico n. 10* tem um aroma agradavel e é um tonico.

Mme. Mendel — Muito lhe agradeço os elogios que faz ao meu sabonete *Sylkale*. O seu activo perfume em nada alterou as suas propriedades para branquear e amaciar a pelle. O *Sylkale* só pode parecer-lhe caro porque ainda não comparou a sua duração com a de outros sabonetes, aliás mais caros, que se gastam depressa e que lhe seccam e enrugam a pelle.

Ivonne (Petropolis) — A massagem não pode nem deve fazer-se com qualquer crême. E' preciso que este tenha as propriedades nutritivas da pelle, que se absorva facilmente pelos poros. O meu *Crême de Massagem* contém essas propriedades.

Americana — E' preciso que a mulher pense nas rugas antes que ellas cheguem; que, em logar de procurar remedial-as, procure evital-as. O tratamento hygienico da pelle encontra-se indicado ás paginas 7 e 8 do meu prospecto que lhe posso enviar. Este tratamento deve ser religiosamente praticado diariamente por toda a mulher que pretende zelar e prolongar a mocidade e a frescura da pelle.

Mlle. S. S. (S. Paulo) — A formula do *Pó d'Arroz Hygienico*, que uso, é a do pó de arroz ideal, fresco, puro, sem a minima parcella toxica, podendo ser usado pela mais susceptivel pelle de uma creança.

Elisa (Santos) — Toda a mulher pallida a quem não vá bem a pallidez, ou a pallidez lhe dê um aspecto doentio, não deve hesitar em empregar, embora discretamente, o rouge. Com o rouge *Rosita* obterá um colorido muito natural e distincto.

Mme. Osorio (Bahia) — A sua verruga desappacerá pela electrolyse.

Dora — Para apressar o desapparecimento das espinhas e cravos use ao deitar-se compressas quentes de *Loção para os Cravos*. A' segunda pergunta respondo: Interrogue a sua consciencia. Se ella não oppuzer objecções ao seu amor de mãe, procure ser feliz.

SELDA POTOCKA

biente de vida pouco favoravel ao parasita; segundo tempo. — Interno:

Extr. ethereo de féto macho, 50 centgrs.; Calomelanos, 5 centgrs.

Para 1 cap. Me. n. 12. Tome 3 capsulas de meia em meia hora. Terceiro tempo: expulsão do parasita. Para a creança recommendo a Emulsão de Kepler. Banhos de mar.

Fernanda (Rio) — Só em caso de absoluta indicação é que se deve evitar a concepção. Acredito no que me confessa á puridade. Agradeço a confiança.

DR. VEIGA LIMA

P. S. — *Toda correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA — *Cons: Rua Uruguayana, n. 5-1.° andar — Rio de Janeiro — A's 3 horas. — Tel. 5763 Central — Caixa Postal 23.16.*

Consultorio Odontologico

Nair Lemos Ribeiro (Minas Geraes) — E' para uso externo.

Gonçalves Miranda Gonçalves (Minas Geraes) — Tres vezes por semana.

PEROLA (S. Paulo) — Estou de accôrdo com os meus collegas paulistas. Acho que deve mandar remover a obturação do dente de que me falla em sua carta, pois o mal talvez provenha dahi.

Theodosio Milanez (Pernambuco) — Tintura de iodo e aconito — partes iguaes. Para fazer embrocações nas gengivas 3 vezes por semana.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. Telephone* 1838 *Central.*

Uma grande descoberta para evitar a carie dos dentes das Crianças

Em nosso paiz é rara a criança que não tem os dentes estragados, e preoccupado com este facto o director do Instituto Freuder, depois de longos estudos e experiencias, baseado nas sabias lições dos mais notaveis pediatras allemães, descobriu o CALCEON — que sendo dado á criança desde a mais tenra idade faz com que ella passe todo o periodo da dentição sem incommodos, tendo mais tarde os dentes lindos e perfeitos. As crianças que têm os dentes de leite todos estragados devem tomar tambem CALCEON, para que os dentes permanentes saiam fortes e bem calcificados, livres portanto da carie dentaria.

Quem desejar mais explicações sobre o CALCEON — assim como obter GRATIS uma linda estampa de THEREZINHA DE JESUS — é só escrever para CALCEON Caixa Postal 1751 — Rio.